

# Políticas da literatura

## 40 anos do PPG-Letras

VII Congresso Nacional do PPG-Letras e  
XX Seminário de Estudos Literários

**05 a 07 de Junho de 2019**

UNESP/São José do Rio Preto



**PPGI** PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO  
EM LETRAS  
UNESP/IBILCE

**unesp**

**IBILCE**

VII Congresso Nacional do PPG-Letras e XX  
Seminário de Estudos Literários  
05 a 07 de junho de 2019

## **Políticas da Literatura**

Caderno de Resumos

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”,  
Câmpus de São José do Rio Preto,  
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas –  
Programa de Pós-Graduação em Letras.

São José do Rio Preto  
UNESP/IBILCE  
2019

**Reitor**

Sandro Roberto Valentini

**Vice-reitor**

Sergio Roberto Nobre

**Pró-Reitora de Graduação**

Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari

**Pró-Reitora de Pós-Graduação**

Profa. Dra. Telma Teresinha Berchielli

**Pró-Reitora de Pesquisa**

Prof. Dr. Carlos Frederico de Oliveira Graeff

**Pró-Reitora de Extensão Universitária**

Profa. Dra. Cleopatra da Silva Planeta

**Pró-Reitor de Planejamento Estratégico e Gestão**

Prof. Dr. Leonardo Theodoro Büll

**Diretor**

Prof. Dr. Julio César Torres

**Vice-Diretor**

Prof. Dr. Fernando Barbosa Noll

**Chefe e Vice-Chefe do Departamento de Letras Modernas**

Prof. Dr. Peter James Harris

Profa. Dra. Norma Wimmer

**Chefe e Vice-Chefe do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários**

Profa. Dra. Lúcia Granja

Prof. Dr. Luís Augusto Schmidt Totti

**Programa de Pós-Graduação em Letras****Coordenador**

Prof. Dr. Pablo Simpson

**Vice-coordenador**

Prof. Dr. Cláudio Aquati

**Apoio financeiro**

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG-Letras UNESP/IBILCE)

**Comissão organizadora do evento****Corpo docente**

Prof. Dr. Pablo Simpson (UNESP/IBILCE)

Profa. Dra. Norma Wimmer (UNESP/IBILCE)

Profa. Dra. Giséle Manganelli Fernandes (UNESP/IBILCE)

Profa. Dra. Maria Cláudia Rodrigues Alves (UNESP/IBILCE)

Prof. Dr. Nelson Luís Ramos (UNESP/IBILCE)

**Corpo discente**

Bianca Cristina Sinibaldi  
Bruna Flávia Rodrigues Venancio  
Danieli Tavares  
Daniella Sigoli Pereira  
Dibo Mussi Neto  
Érika Shigaki Lisbôa Aidar  
Jean Carlos Carniel  
Guilherme Augusto Louzada Moraes  
Lais Midori da Silva  
Lilian Tigre Lima  
Lucas de Castro Marques  
Manoela Caroline Navas  
Marco Aurelio Barsanelli de Almeida  
Marcus Vinicius Camargo e Souza  
Murilo Augusto Giova da Silva  
Natália Fernanda da Silva Trigo  
Pedro Henrique Pereira Graziano

**Organização do caderno de resumos**

Manoela Caroline Navas  
Danieli Tavares  
Marcus Vinicius Camargo e  
Souza  
Pâmela Coca dos Santos Ramos  
Pedro Henrique Pereira Graziano

**Comissão Científica do evento**

Prof. Dr. Pablo Simpson (UNESP/IBILCE)  
Profa. Dra. Norma Wimmer  
(UNESP/IBILCE)  
Profa. Dra. Giséle Manganelli Fernandes  
(UNESP/IBILCE)  
Profa. Dra. Maria Cláudia Rodrigues Alves  
(UNESP/IBILCE)  
Prof. Dr. Nelson Luís Ramos  
(UNESP/IBILCE)  
Profa. Dra. Rafaela Sanches  
Prof. Dr. Ricardo Gaiotto (PUC/Campinas)  
Prof. Dr. Álvaro Santos Simões Júnior  
(UNESP)  
Prof. Dr. Pedro Marques (UNIFESP)  
Profa. Dra. Kênia Maria de Almeida Pereira  
(UFU)  
Profa. Dra. Gisele Novaes Frighetto  
Prof. Dr. Daniel Puglia (USP)  
Prof. Dr. Jorge Valentim (UFScar)

## APRESENTAÇÃO

*A política, retoma o autor, é uma pedra amarrada no pescoço da literatura, e que, em menos de seis meses, a submerge. A política em meio aos interesses de imaginação é um tiro de revólver no meio de um concerto. Esse ruído é rasgante sem ser enérgico. Não se harmoniza com o som de nenhum instrumento. A política vai ofender mortalmente uma metade dos leitores, e entediá-la outra que a terá encontrado, mais cedo, bem mais enérgica e especial, no jornal da manhã...*

*— Se os personagens não falam de política, retoma o editor, não serão franceses de 1830, e o seu livro não será um espelho...*

O trecho acima, como se sabe, está em *O Vermelho e o negro* de Stendhal, publicado em 1830. Trata-se de um momento em que a personagem principal dialoga com o seu editor, numa espécie de *myse en abîme*: a literatura que afirma, por meio de vozes que não são necessariamente a do autor, as condições de possibilidade dessa mesma literatura. O embate é claro: entre imaginação e realidade, entre a harmonia de um concerto musical e a violência que irrompe, entre o tempo da ficção e outro, do jornal da manhã. É também muito atual na associação que propõe entre política e violência. Ou na ideia de que a política necessariamente ofende, e que, portanto, a literatura deveria também fazê-lo, a seu modo, sob o risco de não pertencer a seu tempo.

Há outros embates, contudo, menos evidentes que assinalam um lugar fundamental da política no diálogo com a literatura. Tem a ver menos com a representação da vida histórica do que com o campo de seus estudos. Não corresponde apenas à recepção das obras por parte de um leitor desprevenido. Como indica-nos o diálogo encenado com o editor em Stendhal, diz respeito à edição, aos espaços de circulação, aos modos com que se produz, igualmente, um discurso sobre o “literário” ou a “literatura”. Está, assim, na crítica, nas disputas teórico-metodológicas, uma delas, o vínculo identitário que aproximaria nacionalidade e literatura, como se a esta coubesse sempre a representação de “franceses de 1830”.

Tais orientações críticas ou, por assim dizer, conflitos estão também na constituição dos Programas de Pós-Graduação em Letras, no estabelecimento de cânones, na legitimação de áreas e objetos de estudo. Considerar as “políticas da literatura” torna-se, deste modo, um dispositivo auto-reflexivo que supõe assumir modos de uma coletividade — de autores, críticos, leitores — como exercício de poder. De um poder efetivo, este dos estudos literários ou da “literatura”, mesmo que representada em sua fragilidade corporal capaz de submergir com uma “pedra amarrada no pescoço”.

O VII CONGRESSO NACIONAL DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS e XX SEMINÁRIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS é uma realização do Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de São José do Rio Preto. O congresso reúne professores e pesquisadores brasileiros e estrangeiros que desenvolvem estudos nas áreas de teoria e crítica literária em seus diversos campos, como a literatura comparada, a literatura clássica, a literatura brasileira e outras literaturas vernáculas, as literaturas estrangeiras modernas e as relações entre a literatura e outras artes, como a pintura, o cinema, a música e as narrativas gráficas. Em 2019, em homenagem aos 40 anos do Programa, o congresso contará com a presença de conferencistas que foram fundamentais para a sua criação e consolidação.

## **CONFERÊNCIAS E MESAS REDONDAS**

**05 de junho, às 10 horas**

### **"QUARENTA ANOS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS"**

**Antonio Manoel dos Santos Silva (UNESP)**

Esta conferência tem dois objetivos: a) lembrar como foi criado o Curso, hoje Programa, de Pós-Graduação em Letras; b) esboçar o roteiro de seu crescimento e consolidação até os dias recentes. Para atingir o primeiro objetivo vou me valer de minha memória e de algumas anotações que ainda conservo, a fim de mostrar as circunstâncias do nascimento do curso, os atores de sua criação, as resistências internas e externas para a elaboração de seu projeto e aprovação pelos colegiados superiores da ainda nova UNESP. Vou insistir um pouco sobre o contexto acadêmico da época e suas crises, ora motivadas pelos conflitos, ora superficiais ora profundos, entre grupos e pessoas, conflitos que, se não impediram, pelo menos atrapalharam o andamento do processo. Também esboçarei o desenho da estrutura do curso que procurava pautar-se pelas diretrizes do MEC e que se apoiava em áreas de concentração e áreas de domínio conexo, com disciplinas obrigatórias e disciplinas optativas, além de disciplinas eletivas. Para atingir o segundo objetivo, tomarei como ponto de partida o corpo docente que se empenhou, inicialmente, na oferta de disciplinas e nas orientações de Mestrado e de Doutorado: um corpo docente de pequeno número que se desdobrava entre a ministração de aulas da graduação e da pós-graduação, entre a orientação de mestres e doutores e a própria evolução na carreira. A seguir tratarei dos temas e orientações críticas predominantes nos dez primeiros anos e o saltos que se observam a partir de 1989, com as definições, indecisas no começo, das linhas de pesquisa e dos projetos a estas vinculados. Nada observarei sobre a qualidade das teses e das dissertações, mas farei a indagação que sempre nos preocupa: a quantidade extraordinária de teses e de dissertações, estimulada, desde algum tempo pelos órgãos de fomento, está a serviço de quê? Da sustentação econômica ou financeira do Programa ou da contribuição efetiva para a formação de bons docentes de ensino superior e de pesquisadores que fazem avançar o conhecimento para além do estado de arte em que se encontra?

**05 de junho, às 16h30**

**"A HISTÓRIA DA LEITURA E SUAS REPERCUSSÕES NA HISTÓRIA DA LITERATURA"**

**Regina Zilberman (UFRGS)**

A História da Literatura configurou-se como disciplina hegemônica no século XIX, quando foi absorvida pelo ensino. Sua ação pautou e ainda pauta o conhecimento da literatura, mesmo depois de as teorias estruturalistas advogarem, com sucesso, a importância de se valorizarem os elementos composicionais de uma obra literária, considerando seus eixos paradigmático e sintagmático. Como a perspectiva da História da Literatura e da Teoria da Literatura nunca perdeu de vista o autor e a obra, não foi difícil conciliar seus programas metodológicos e aliá-los no âmbito do exercício da crítica e da docência. As teorias da leitura remontam ao começo do século XX, mas foi depois dos anos 1960 que migraram da Sociologia para os Estudos da Literatura. Não romperam inteiramente com a Sociologia; pelo contrário, envolveram-na com a História e o que Donald F. McKenzie denomina Bibliografia. Mas estimularam fortemente investigações sobre os processos de recepção, apropriação de textos, comportamentos do público consumidor, invertendo o foco metodológico, que considera o leitor em primeiro lugar, seja ele o destinatário das obras ou o criador delas. O objetivo da exposição é examinar as consequências das teorias da leitura sobre a história da literatura, em especial da história da literatura brasileira.

**06 de junho, às 10h30**

Mesa redonda

**"GESTOS NATURAIS? A LITERATURA BRASILEIRA EM TEMPO DE BARBÁRIE"**

**Gisele Novaes Frighetto (UFScar)**

Na canção *Podres Poderes*, Caetano Veloso desvela a naturalização da barbárie na sociedade brasileira ao anunciar que “Enquanto os homens exercem seus podres poderes/ morrer e matar de fome, de raiva e de sede/ são tantas vezes gestos naturais.” Uma investigação sobre essa temática em seus sentidos possíveis, enquanto tema e modo de representação em romances brasileiros contemporâneos, parte justamente do imperativo de desnaturalizar uma ordem na qual estados de exceção (AGAMBEN, 2004; 2002) sejam fenômenos correntes, bem como seus derivativos que atentam contra a dignidade e a integridade humanas. Enquanto objetos estéticos e sociais (LAJOLO, 2018), textos literários podem se constituir como testemunhas de seu tempo, bem como *pièces de resistance* contra a banalização do mal (ARENDR, 1999) que vivenciamos

tanto em âmbito local quanto global. Consideramos que o termo “barbárie” se construiu historicamente em oposição ao conceito de “civilização” (WOLFF, 2004), entretanto, essa oposição ruiu diante do exame de processos colonizadores e imperialistas brutais, da ascensão de estados totalitários e dos extermínios levados a cabo no século XX. A crise da ideia de civilização não equivaleu, contudo, ao seu desaparecimento enquanto ideologia, tampouco ao fim da existência ou percepção de estados de barbárie. Afinal, embora os regimes totalitários trouxessem consigo o germe de sua própria destruição, a crise trazida por essa forma de poder político não se encerrou, dado que o totalitarismo perdurou como possibilidade e como risco (ARENDDT, 2013). No caso brasileiro, um estado de exceção tem se configurado nas alianças entre poder político e poder econômico, que alimentam historicamente e retroativamente a miséria e a criminalidade e se aplicam com violência excepcional (ARANTES, 2007). Com base nesse contexto brevemente delineado, propomos uma discussão a respeito de modos de representação literária da barbárie contemporânea nos romances brasileiros *Simpatia pelo Demônio* (2016), de Bernardo Carvalho; *Noite dentro da noite* (2017), de Joca Reiners Terron e *Enterre seus mortos* (2018), de Ana Paula Maia. A partir do exame desse *corpus*, propomos uma abordagem, ancorada na necessária relação entre literatura e sociedade, que nos permita compreender de que maneira a literatura brasileira do tempo presente pode representar uma forma de resistência simbólica e estética ao poder da dominação.

## "EROS, DEBOCHE E RESISTÊNCIA: O PROJETO LITERÁRIO DE NATÁLIA CORREIA EM TEMPOS DE CENSURA EM PORTUGAL"

**Jorge Valentim (UNESP)**

O presente trabalho tem como objetivo propor uma leitura de alguns textos da escritora portuguesa Natália Correia, produzidos à sombra e ao redor do calor da Revolução dos Cravos, de 25 de abril de 1974. Profunda conhecedora da tradição ibérica medieval, a autora em foco destila uma poética irreverente e irônica, marcada pelo escárnio e pelo maldizer, nos mais diversos gêneros que compõem a sua obra, configurando uma estética do deboche pelo viés erótico. Partindo, portanto, de textos dramáticos, ensaísticos, além de antologias e poemas seus, esta comunicação propõe uma leitura do *modus operandi* do projeto literário da escrita nataliana, sublinhando este traço criativo e de resistência como uma espécie de diálogo intertextual com a própria tradição portuguesa, revisitada por ela.

## "TOTALITARISMO E INQUISIÇÃO NO TEATRO DE ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA"

**Kênia Maria de Almeida Pereira (UFU)**

Em 1998, terminei meu doutorado na UNESP de São José do Rio Preto, IBILCE, sobre o teatro poético de Antônio José da Silva. Tive a honra de ser orientada pelo professor Doutor Rogério Chociay, o qual me apresentou às comédias desse importante escritor luso-brasileiro do século XVIII. De lá prá cá, não parei mais de pesquisar as obras desse

autor. São, portanto, 21 anos de estudos sobre os textos de Antônio José, além de artigos e livros publicados sobre o tema da Inquisição em sua obra. Antônio José foi vítima dos excessos do Santo Ofício, morrendo queimado em praça pública no auge de sua carreira artística. Escreveu ao todo oito peças teatrais e uma novela fáustica. Suas comédias parodiam tanto a mitologia grega, como se vê em *Encantos de Medeia* e *Anfitrião ou Júpiter e Alcmena*, quanto os clássicos da literatura ocidental, como em *A Vida do grande Dom Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança* e *Esopaida ou a vida de Esopo*. Interessa-nos, nessa apresentação, focar algumas denúncias políticas que Antônio José elabora de forma simbólica em sua dramaturgia, principalmente sobre a violência da Inquisição, durante o regime totalitário de Dom João V.

**06 de junho, às 14h30**

**"LITERARY CRITICISM IN THE AGE OF SOCIAL MEDIA: TEXTS, TOOLS, AND METHODS"**

**John Shanahan (DePaul University)**

Literary criticism finds itself in a period of great uncertainty. Our canon of texts, our methods of reading, and our tools for scholarship are changing rapidly. These changes give us many exciting opportunities. In this lecture I will describe examples of digital humanities work and explain literary engagements with social media as content and form. Lecture topics will include shifting models of reading, print, and pages; new archives and tools for accessing them; the challenge of “distant reading” to established historical narratives; new possibilities for understanding culture at multiple scales; new models for scholarship and pedagogy.

**07 de junho, às 10h30**

**“A RECONFIGURAÇÃO DE IDENTIDADES E SUAS IMPLICAÇÕES NOS ESTUDOS LITERÁRIOS LATINO-AMERICANOS”**

**Eduardo Faria Coutinho (UFRJ)**

Em decorrência de um longo processo de colonização que ainda hoje perdura, embora não mais das mesmas matrizes, do ponto de vista econômico e cultural, os intelectuais brasileiros e hispano-americanos sempre tomaram idéias e instituições européias como paradigmáticas e buscaram internalizar a visão de mundo desses povos. Desse modo, o ensino e a pesquisa da Literatura nesses contextos ateu-se na maioria das vezes aos modelos europeus: a idéia de literatura nacional constituía uma referência dominante e o estudo da literatura centrava-se no cânone de cada país, erigido em bases nacionalistas. Entretanto, com as transformações ocorridas na segunda metade do século XX, nessa

era que vem sendo designada de “pós-moderna”, esses modelos foram postos em xeque, dando lugar a uma tensão entre os docentes e pesquisadores que defendiam o estudo da literatura como expressão do espírito nacional e os que passaram a abordar a literatura como uma entre as muitas expressões da afirmação política de cada grupo que forma o mosaico étnico-cultural do continente. Com base nessas questões, teceremos algumas reflexões sobre o papel dos Estudos Literários hoje e suas implicações no ensino.

**07 de junho, às 14h30**

Mesa redonda

**“ÁLVARES DE AZEVEDO E O LEITOR PERSONAGEM: O CASO  
DE *O POEMA DO FRADE*”**

**Pedro Marques (UNIFESP)**

Ao favorecer o suporte material sobre o oral-oratório, sem a supressão completa deste, a poesia romântica também propaga a teatralização literária do colóquio entre escritor e leitor. A difusão da leitura privativa em livros ou jornais, pelo menos entre as classes com poder de compra e acesso à educação, leva artistas e públicos a cultivarem marcas conversacionais nos textos que, deixando de ser compostos para voz, simulam o murmúrio entre esses entes fisicamente separados, mas unidos, quase que por espírito, na letra impressa. Atividade hoje normal, a leitura como experiência individual depende de uma série de novidades técnicas, econômicas e sociais que demoram a se fixar. No Brasil do século XIX, a leitura de poemas impressos encontra, ainda, obstáculos extras em comparação às potências europeias, como por exemplo: recém fundado, o estado apenas começa a profissionalizar seu parque gráfico; a circulação de bens culturais é limitada pela ausência de sistemas de transporte e instrução; baseada em relações escravocratas, a sociedade é de maioria iletrada e não assalariada. A poesia e as reflexões de Álvarez de Azevedo (1831-1852), assim, dialogam com o projeto civilizatório do Brasil Império, desenhado e debatido nas tribunas, nas páginas da imprensa, na incipiente cena universitária e, principalmente, no âmbito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Como os homens de letras do período, mesmo com divergências, atuam dentro do planejamento político de nação, para o qual a expansão da cultura letrada é ponto pacífico, vale olhar a produção de Alvares de Azevedo nesse contexto. Ou seja, quem são os leitores imaginados em ensaios como *Literatura e Civilização em Portugal* (c. 1850) e, aqui especificamente, no texto médio-longo *O Poema do Frade* (c. 1850), composto para ser lido (“Escutai-me, leitor, a minha história”), mas dividido em cantos (“Não ouvíeis do lábio a melodia”)? Essa tensão lírico-dramática entre ler e ouvir, portanto, estaria conectada, sob certo aspecto, ao desafio do projeto de literatura nacional, implantado numa realidade dominada por práticas orais e oratórias?

## “LITERATURA, POLÍTICA E LIBERDADE”

**Daniel Puglia (USP)**

Nossa intenção é discutir os perigos representados pela concentração de poder em inúmeras instâncias da vida, desde a esfera íntima até as mais complexas estruturas políticas. A literatura, entendida num sentido amplo, oferece um vasto manancial para embasar tal reflexão. Os romances de Sinclair Lewis e os ensaios de Noam Chomsky serão utilizados como balizas de nossa leitura.

## “DA COMPLACÊNCIA PROTOCOLAR AO SUPERLATIVO: RESULTADOS DOS ESFORÇOS PELA CONSAGRAÇÃO DE CRUZ E SOUSA (1890-1905)”

**Álvaro Santos Simões Júnior (UNESP)**

Concebendo, à luz dos trabalhos de Pierre Bourdieu, o campo literário como um lugar de lutas, onde cada um dos agentes nele envolvidos procura interferir na relação de forças estabelecida no campo, lutando por transformá-la ou empenhando-se por conservá-la segundo seus interesses, pretende-se relacionar as iniciativas do(s) grupo(s) de simbolistas cariocas com a finalidade de impor à atenção do público, da crítica e dos jornais e editoras o nome e a obra de Cruz e Sousa. Tais iniciativas compreenderam o noticiário a respeito da vida particular do poeta, homenagens póstumas e, principalmente, a edição e promoção de sua obra, inclusive a póstuma, a saber: *Missal e Broquéis* (1893), *Evocações* (1898), *Faróis* (1900) e *Últimos Sonetos* (1905). Pode-se apurar pela imprensa carioca, no noticiário e nas colunas dedicadas à crítica literária, assinadas por Artur Azevedo, Medeiros e Albuquerque e José Veríssimo, entre outros escritores de reputação consolidada, os resultados de tais iniciativas em favor da consagração do poeta, pela qual se empenharam Tibúrcio de Freitas, Saturnino de Meireles, Artur de Miranda, Carlos D. Fernandes, Luís Guimarães Filho, Gustavo Santiago e, principalmente, Nestor Vitor. Sílvio Romero foi o primeiro crítico importante a abandonar as reticências e colocar o assim chamado Dante Negro em posição de destaque na poesia brasileira.

**07 de junho, às 17h**

**"ETHOS DA PÓS-VANGUARDA: O CASO DE UMA REVISTA DE  
POESIA"**

Marcos Siscar (UNICAMP)

A revista de poesia *Inimigo Rumor* circulou de 1997 a 2007, período em que se estabeleceu como referência importante para a produção e discussão poética no Brasil. Em seus 20 números publicados, a revista assumiu o imperativo da “pluralidade”, termo empregado por Haroldo de Campos para descrever a situação da poesia depois das últimas manifestações da vanguarda brasileira e internacional dos anos 1950 e 1960. Interpreto a trajetória da *Inimigo Rumor* como aventura dessa ideia crítica, transformada em dispositivo da história literária recente no Brasil. Estabelecendo um *ethos* distinto daquele das vanguardas, a revista pode ser tomada como lugar de abertura e ao mesmo tempo de fechamento do princípio de pluralidade, tal como se manifesta no Brasil contemporâneo.

## COMUNICAÇÕES

(Em ordem alfabética por sobrenome do autor)

### LITERATURA E EXCEÇÃO N' OS SUBTERRÂNEOS DA LIBERDADE

Thiago Henrique de Camargo Abrahão  
thabrahao@outlook.com

O diálogo entre a literatura e a sociedade, sobretudo em períodos de exceção, pode ser constatado a partir de um ponto em comum, a liberdade. Ambas, por modos próprios, apresentam indícios sobre o valor e o significado de ser historicamente livre. Nesse sentido, analisaremos por que e de que modo a liberdade é apresentada ao longo dos romances *Os ásperos tempos*, *Agonia da noite* e *A luz no túnel*, que compõem a trilogia *Os subterrâneos da liberdade* (1954), de Jorge Amado, a fim de estabelecer uma comunicação entre a natureza social da liberdade e sua representação artística. No caso do contexto sócio-político, as liberdades individuais são problematizadas sob a negação do estado de direito, incluindo-se, por certo, as liberdades de pensamento e de expressão. Trata-se, pois, da liberdade da literatura, mais precisamente sob o Estado Novo, regime político de caráter autoritário instaurado no Brasil por Getúlio Vargas, entre 1937 e 1946. Quanto à liberdade na literatura, isso se mostra a partir de sua própria constituição formal, em todo e qualquer aspecto narrativo que sugira a liberdade, tais como a emulação da autonomia das personagens por meio da não onisciência narratorial. Objetiva-se, portanto, investigar a relação dialética entre a liberdade, ou sua repressão, e a literatura, sua expressão, no que concerne aos modos e motivos pelos quais o fazer literário dialoga com seu momento histórico imediato, considerando-se, para tanto, críticos tais como Julien Benda, Georg Lukács, Jean-Paul Sartre, Alfredo Bosi e Antonio Candido. Jorge Amado, ao compreender a manifestação estética como vinculada ao âmbito ético, questiona a liberdade enquanto intelectual e enquanto escritor, o que evidenciaremos nesta comunicação.

Palavras-chave: Intelectual; Jorge Amado; Liberdade; *Os subterrâneos da liberdade*.

### ENCONTRANDO A SI MESMO NA ESCURIDÃO: UMA ANÁLISE DO CONTO “UMA PEQUENA ESCURIDÃO”, DE BANANA YOSHIMOTO

Joy Nascimento Afonso  
joynafonso@gmail.com

Em um momento no qual se discute o valor dos estudos literários ou da literatura, a nossa proposta de trabalho tem como foco analisar o conto “Uma pequena escuridão”, da autora japonesa contemporânea Banana Yoshimoto. O texto escolhido faz parte da coletânea “América do Sul: Traição e outras Viagens” (2000), onde todos os contos são narrados por mulheres e a narrativa se passa em várias cidades da América do Sul, principalmente Argentina e Brasil. Neste conto a narradora acompanha o pai, que viaja

a trabalho, à Buenos Aires. Após os dias de trabalho, o pai que era grande admirador dos violões clássicos, resolve ir às compras na cidade, e a narradora decide ir ao um famoso cemitério argentino localizado no bairro Recoleta, a fim de visitar os túmulos de grandes personalidades argentinas. Após alguns minutos de passeio, sua visão se volta para as lapides monumentais que enfeitam os túmulos. Em meio à multidão que visita o cemitério, a narradora retoma as memórias de momentos de dor que marcaram a vida de seus pais, refletindo sobre a possibilidade de que como seres humanos, cada um de nós carrega túmulos adornados de dores, que não queremos tocar. São essas dores e memórias que nos torna seres humanos, e que nos permite olhar o outro com compaixão. Dessa forma, ao analisarmos um texto estrangeiro, além de nos possibilitar conhecer uma cultura diferente da nossa, pode-se também observar o que nos iguala como humanos, ou nas palavras de Antonio Candido (1995) o texto literário “confirma o homem na sua humanidade” (p. 243).

Palavras-chave: Banana Yoshimoto; Conto contemporâneo; Literatura de Autoria Feminina; Literatura Japonesa Contemporânea.

#### DA INUTILIDADE DAS AÇÕES À COISIFICAÇÃO DO SUJEITO: UMA ANÁLISE DO CONTO BÁRBARA, DE MURILO RUBIÃO

Marcela de Castro Ávila Aguiar  
marcela\_mt@hotmail.com

Este trabalho propõe uma análise do conto “Bárbara”, de Murilo Rubião, no qual o narrador recorda melancolicamente a sua vida com a esposa que, desde pequena, gostava de fazer extravagantes pedidos e, tendo-os satisfeitos, engordava à mesma proporção dos objetos solicitados. Na contística muriliana, a metamorfose funciona como uma “espécie de matriz temática onde se desenvolvem as diferentes transgressões características da literatura fantástica” (ARRIGUCCI JR., 1986). Os acontecimentos no decorrer do conto enfatizam a relação dominador/dominado (Bárbara/marido), na qual a mulher vai do mínimo ao máximo figurativo, enquanto o marido realiza um percurso contrário, pois, apesar de não sofrer alteração na forma física, passa pela diminuição gradativa de poder, uma vez que perde todas as suas posses no processo de atender aos pedidos da mulher. O interesse de Bárbara pelos objetos é marcado pela efemeridade, uma vez satisfeito um pedido, aquilo deixa de ser atrativo. A concepção do Fantástico adotada é a que o considera como uma construção, um trabalho com a linguagem que “coloca em ação dados contraditórios, reunidos segundo uma coerência e uma complementaridade próprias” a fim de incitar a incerteza (BESSIÈRE, 1974). Ao final do conto e de nossa análise, podemos afirmar que a narrativa trabalha, fundamentalmente, com as temáticas da inutilidade das ações humanas e da coisificação do sujeito, o que encontra correspondência na sociedade líquido-moderna descrita por Zygmunt Bauman (1997).

Palavras-chave: Coisificação do sujeito; Literatura fantástica; Modernidade líquida; Murilo Rubião.

## AS CONTRIBUIÇÕES DAS HISTÓRIAS ILUSTRADAS NA REVISTA O TICO-TICO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES BRASILEIROS DO SÉCULO XX

Érika Shigaki Lisbôa Aidar  
erika\_shigaki1@hotmail.com

O Tico-Tico, revista brasileira publicada entre 1905 e 1962, foi o principal veículo cultural destinado às crianças daquela época (CARDOSO, 2008), e contribuiu de modo significativo como seu formador cultural (LAJOLO, 2005). A relevância d'O Tico-Tico no cenário nacional foi tão intensa que sua circulação no mercado editorial durou cinquenta e sete anos, um longo período, que contemplou gerações. Para estabelecer um contato com seus assinantes, a revista tinha uma seção chamada "Correspondências do Dr. Sabe Tudo", na qual publicava respostas às questões enviadas pelos leitores, que pediam, entre outras coisas, sugestões de leitura e informações sobre as obras impressas na revista. Entre as principais publicações desse periódico, constam histórias ilustradas, muitas de origem estrangeira, em versão traduzida e adaptada. Acredita-se que tais produções literárias possibilitavam, aos seus leitores, a criação de uma relação entre a imagem e o texto, e contribuía para o desenvolvimento do gosto pela leitura. Esta comunicação pretende realizar uma interpretação a respeito da presença e da recepção de duas histórias ilustradas adaptadas: Aventuras de Tom Sawyer, do escritor norte-americano Mark Twain (Samuel Langhorne Clemens), e As vinte mil léguas submarinas, do escritor francês Jules Verne. Considerando a existência de um vínculo entre texto e imagem e de sua importância para a formação do gosto pela leitura, essa relação será analisada nas duas obras em discussão, com base em Arnheim (1974), Schwarcz (1982), Nodelman (1988) e Nikolajeva & Scott (2006). As referências publicadas na coluna "Correspondências do Dr. Sabe Tudo" a respeito de ambas as obras serão mobilizadas para compreender como elas foram recebidas pelos leitores da revista.

Palavras-chave: Formação de leitores; Histórias ilustradas; O Tico-Tico.

## O EMPODERAMENTO FEMININO EM NEIL GAIMAN

Marco Aurelio Barsanelli de Almeida  
marcoaurelio\_maba@hotmail.com

A mulher, como personagem literária, esteve por muitos anos, observando-se poucas exceções, atrelada à ideia de sensibilidade, doçura e fraqueza; qualidades atribuídas ao feminino e à subserviência frente a imagem masculina. Aos poucos, autoras começam a mostrar a força da mulher, principalmente a partir dos movimentos feministas iniciados no século XIX. O empoderamento de personagens não fica restrito a escritores do sexo feminino, tendo cada vez mais a participação de autores homens representando a mulher enquanto senhora de si e detentora de uma poderosa voz de comando frente à sociedade e, em especial, à figura masculina. É o que encontramos em muitas das obras do escritor e roteirista britânico Neil Gaiman. Em seus romances, Gaiman explora personagens femininas fortes, sem as quais a jornada do herói, como explicada por Campbell (2007),

não seria possível, ou seja, o masculino não pode progredir sem o feminino. Já nos romances em que o herói é um ser feminino, é comum que sua autoridade entre em conflito com a de alguma outra personagem de mesmo sexo. A partir dessas considerações, e por meio da análise dos romances *Coraline* (2002) e *Stardust* (2007), gostaríamos de direcionar um olhar mais atento ao modo como a feminilidade e a masculinidade se expressam no universo criado por Gaiman. Dessa forma, ao considerar as histórias de ambos os romances, à luz de algumas ideias de Butler (1990) e de Kolontai (2000), acerca do papel que a mulher exerce na sociedade e de como esse papel lhe é atribuído e cobrado; e de Spivak (2010) sobre as relações de poder entre o dominador e o dominado; temos por objetivo analisar o modo como o masculino e o feminino se relacionam na obra de Gaiman, bem como a forma como o feminino se sobressai enquanto elemento dominador da relação.

Palavras-chave: Coraline; Empoderamento; Feminino; Neil Gaiman; Stardust.

#### O ESPAÇO PENSADO A PARTIR DE SI E DO OUTRO: UMA REFLEXÃO SOBRE A PAISAGEM EM *DESMEDIDA – LUANDA – SÃO PAULO – SÃO FRANCISCO E VOLTA – CRÔNICAS DO BRASIL*, DE RUY DUARTE DE CARVALHO

Juliana Campos Alvernaz  
jcalvernaz@id.uff.br

O escritor angolano Ruy Duarte de Carvalho (1941 – 2010), como aponta Rita Chaves (2011), não participa do grupo de escritores do pós-independência que se ocupou em representar Angola e seus aspectos políticos de desigualdade urbana a partir da capital, Luanda. O autor, antropólogo e cineasta angolano, direcionou seus escritos, desde suas primeiras produções, para o Sul do país, isto é, para outros cenários e trânsitos, aparatado de sua carga teórica e prática antropológica, cinematográfica e literária. Partindo dessa inclinação ao Sul do autor e de sua ocupação etnográfica com os pastores Kuvale, a presente comunicação tem como objetivo refletir sobre a relação da paisagem com a alteridade no livro de cunho ficcional e ensaístico *Desmedida – Luanda – São Paulo – São Francisco e volta – crônicas do Brasil* (2007). Em *Desmedida*, há uma captação das percepções das paisagens da trajetória do narrador, remetendo-se aos domínios para os quais o autor se move (CARVALHO, 2010, p. 54). A paisagem, sendo um espaço habitado, apreende o que o indivíduo vê e se reconhece nela: “Um espaço considerado a partir de mim” (CARVALHO, 2010, p.13), configurando uma busca de si mesmo no sertão brasileiro, tendo o espaço como força motriz e os pastores Kuvale como interlocutores na volta para Angola. Considerando, ainda, que a paisagem e sua descrição, segundo Collot (2010), consiste num recorte do ponto de vista de quem observa, pensaremos as descrições espaciais das obras escolhidas, bem como seus efeitos literários na relação Eu-outro-espaço. Sendo assim, a interpretação de mundo do sujeito narrador, afetada por leituras e vivências, está relacionada com a paisagem percebida. O autor-narrador capta o cenário geográfico e político brasileiro, confundível com o angolano, por meio de sua formação intelectual e do contato e vivência com os pastores Kuvale, desencadeando em uma representação destes ligada ao espaço e aos processos coloniais.

Palavras-chave: Alteridade; Espaço; Ruy Duarte de Carvalho; Sul.

## A DAMA DAS CAMÉLIAS DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Maria Cláudia Rodrigues Alves  
maria.claudiarodrigues@hotmail.com

Em 1887, é publicado em edição portuguesa o primeiro livro de prosa para adultos de Júlia Lopes de Almeida, *Traços e Iluminuras*. Nos vinte e poucos contos da coletânea, temos um vasto repertório de personagens cujas referências passam pelo viés da língua e da cultura francesa. Interessa-nos verificar a maneira pela qual a autora delas se apropria e as transforma em seus escritos inaugurais, deixando sua marca como uma das escritoras brasileiras mais sensíveis do período. No último conto da coletânea supracitada, temos a figura de uma antiga diva do teatro brasileiro que, em seu apartamento, revive momentos de sua glória, porém, a cena foi provocada por um artigo de jornal da mesma manhã em que se evidencia o surgimento de uma nova diva. A passagem do tempo, a memória, e a inveja da velha atriz são patentes nas poucas horas em que relembra seu sucesso e o passado. Suas referências passam inevitavelmente pelo teatro mundial, mas uma delas nos remete à cultura francesa: “Passou pelo espelho e parou virando-se de perto. Lembrou-lhe a cena de Margarida na *Dama das Camélias*... Oh! Como se considerava feliz se a única alteração da sua fisionomia fosse a da pálida criatura do drama de Dumas!”. O Naturalismo francês muito inspirou o brasileiro. Nem todos os escritos da época foram tão bem sucedidos quanto os de Júlia Lopes de Almeida. Mostraremos como esse diálogo se estabelece segundo os preceitos da literatura comparada, e como a autora, que outrora foi estranhamente “esquecida” mas que porém vem sendo hoje resgatada pela academia e pelo público (foi inclusive item de leitura de recente vestibular), foi uma figura mais sensível de nossa literatura naturalista.

Palavras-chave: Alexandre Dumas Filho; Júlia Lopes de Almeida; Naturalismo; Relações Brasil-França.

## EDGAR ALLAN POE PELO OLHAR DE CLARICE LISPECTOR: UMA ANÁLISE DE "O GATO PRETO"

Anderson de Souza Andrade  
ander2790@yahoo.com.br

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise dos contos “O Gato Preto”, de Edgar Allan Poe e “O Crime do Professor de Matemática”, de Clarice Lispector, levando em consideração a presença impactante dos protagonistas. Embora sejam obras com certa distância temporal, uma linha tênue as separa no que diz respeito a sua temática e a sua constituição da narrativa, o que nos é revelado pelo poder de escrita dos contistas e o que é apresentado ao leitor durante o enredo. Clarice Lispector foi leitora assídua de Poe, além de traduzir e adaptar seus contos para a Língua Portuguesa, fato esse relevante para apresentar a aproximação feita por Lispector em sua tradução, ou seja, o estilo da autora esteve presente também na obra de Poe durante a tradução e

adaptação. No que diz respeito aos contos, apresentaremos duas figuras animais presentes em ambos os contos: em Poe, um gato, e em Lispector, um cão, que de forma muito peculiar, sofrem represálias de seus donos. Sentimentos de culpa e arrependimento assolam os protagonistas, cada qual com seu crime, aproximando ainda mais as características presentes entre os contistas e revelando uma leitura baseada em fatos e vivências do cotidiano social. Essa aproximação feita por Clarice Lispector irá colocar o público jovem a par das narrativas de Poe com uma linguagem que os introduza em seu universo, diferente do que havia sido feito por outros tradutores, que levaram o conceito de traduzir ao máximo conceituando a “fidelidade”.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Literatura comparada; Literatura norte-americana; Tradução.

## A PRODUÇÃO LITERÁRIA EM OURO PRETO: UM ESPAÇO DE CONTINUIDADES

Fernando Serafim dos Anjos  
fernandoinstituto@gmail.com

O presente trabalho tem como premissa analisar como algumas ocorrências artísticas, principalmente ligadas à escrita literária, deram à cidade mineira de Ouro Preto um notório caráter de continuidade. Esse traço se associa diretamente à ideia de manutenção daquilo que, muitas vezes, é considerado como elemento pertencente única e exclusivamente a momentos progressos. A cidade de Ouro Preto é comumente associada a contextos anteriores, principalmente no tocante às temáticas ligadas ao período brasileiro conhecido como ciclo da mineração. Porém, a antiga Vila Rica não permaneceu ligada apenas ao seu passado. Uma série de elementos faz com que, nessa cidade, passado e presente estejam em constante confluência e, nesse sentido, a literatura ali produzida emerge e permanece como ponto essencial de ligação entre períodos remotos e a contemporaneidade. Tendo como um dos pilares de sustentação teórica as análises propostas por Antonio Cândido na obra *Formação da literatura brasileira* – com destaque para o fato de que o teórico, não ao acaso, optou por iniciar tais estudos acerca da formação literária no Brasil a partir do Arcadismo, período no qual a produção literária despontava em algumas cidades mineiras –, o trabalho em voga busca evidenciar a ideia de que Ouro Preto, através da literatura, constituiu-se como um local que não apenas observa, de maneira inerte, o seu próprio passado, mas que evidencia também a percepção de um tempo presente; uma Ouro Preto de continuidades.

Palavras-chave: Continuidades; Literatura; Ouro Preto.

## HIPERTEXTOS DO *SATÍRICON*: FRAUDE OU FANTASIA?

Cláudio Aquati  
kkaquati@hotmail.com

Não é questão incomum na literatura a notícia da falsificação de textos literários. Pode-se dizer que é um procedimento que vem se repetindo há milênios e passa por problemas há muito entendidos como fraude, a exemplo da atribuição de autoria de certos textos a autores célebres, da elaboração de textos com a finalidade específica de assemelhar-se à produção característica desses mesmos autores, ou de plágio, dentre outros procedimentos. Contam-se muitos autores envolvidos no assunto tocante à falsificação literária, como o dramaturgo Plauto, o dramaturgo Sêneca, os polígrafos Luciano de Samósata e Apuleio, para exemplificar somente com a literatura antiga. Além disso, nomes como os de William Shakespeare, James Macperson, Thomas Chatterton estão envolvidos em processos de autenticidade, ora como vítimas, ora como autores mesmo de supostas falsificações. Pensamos também em polêmicas com a que envolveu Yann Martel e Moacyr Scliar, de, respectivamente *As aventuras de Pi* e *Max e os felinos*. Nesta comunicação, abordarei a matéria da falsificação literária em aspectos relativos ao *Satíricon*, de Petrônio, fragmentária obra da literatura latina presumidamente de meados do século I d.C. que, ao longo de dois mil anos, tem suscitado um interesse tal que conta com um conjunto bastante consistente de textos dele derivados, cuja autoria, atribuída ao *arbiter elegantiae* da corte do imperador Nero, provou-se ser de outros autores que elaboraram apenas (ou surpreendentes) reescrituras derivadas do hipotexto antigo ou de alguma outra forma a ele vinculadas. Assim, autores como J. A. G. de Salas, J. Marchena, F. Nodot, H. C. Schnur, E. D. Nest e A. Dalby encontram-se em relação ao *Satíricon* como falsários ou recriadores, conforme se os veem pelo viés das várias maneiras possíveis de se enxergar o que tem sido considerado apenas como questões de fraude.

Palavras-chave: Falsificações literárias; Petroniana; Petronius; Satyricon; Satyrica; Supplementa.

## A PALAVRA E A IMAGEM EM TRÊS VERSÕES DE JOÃO E MARIA

Dayse Oliveira Barbosa  
oliveirab2010@gmail.com

Em razão da relevância das ilustrações nos livros infantis, atuando expressivamente na construção de sentido das obras, esta pesquisa visa à análise da relação entre o texto verbal e as ilustrações presentes nas versões do conto tradicional João e Maria, escritas por Tatiana Belinky (1997) – ilustração de Francesc Rovira –, Ruth Rocha (2010) – ilustração de Adilson Farias – e Neil Gaiman (2015) – ilustração de Lorenzo Mattoti. Este estudo analítico deteve-se de maneira mais aprofundada na ilustração de João e Maria apresentada na capa dos livros e nas ilustrações presentes em três momentos significativos da narrativa. São eles: a partida de João e Maria para a floresta, a estada

das crianças na casa da bruxa e o assassinato da bruxa. Nesses três momentos selecionados para o estudo, procurou-se ressaltar como as imagens interferem na compreensão do texto verbal, aperfeiçoando-o ou repetindo-o. Nessa pesquisa foram consideradas as contribuições de Vladimir Propp, Bruno Bettelheim, Nelly Novaes Coelho e Christopher Vogler, no tocante à análise do texto verbal, bem como Alan Powers, Anamélia Bueno Buoro e Lúcia Santaella, na análise das ilustrações. Esta pesquisa demonstra que há uma relação intrínseca entre palavra e imagem que não pode ser menosprezada no processo de leitura e interpretação da narrativa, uma vez que as ilustrações podem contradizer o texto verbal prejudicando a compreensão global da obra, representar em imagens as palavras do texto, bloqueando a imaginação e a criatividade do leitor, ou preencher as lacunas do texto verbal, complementando-o e fortalecendo a construção dos sentidos da narrativa.

Palavras-chave: Conto tradicional; Ilustração; Produção de sentido; Relações; Texto verbal.

### A POÉTICA TRANSCENDENTE DE ORIDES FONTELA: “O QUE É/ O QUE/ É?”

Jaqueline de Carvalho Valverde Batista  
jack\_cvbatista@hotmail.com

Este trabalho propõe a reflexão sobre a poesia de Orides Fontela, sobretudo no tocante à transcendência da palavra poética. Para a realização dessa, partir-se-á da verificação do trabalho de construção exercido por Orides Fontela, a partir da análise dos poemas “Penélope”, “Ode” e “Da metafísica” presentes em sua obra *Orides Fontela - Poesia completa* (2015), os quais exemplificam, de forma singular, a tendência de uma transcendência de sua palavra poética. Nesses poemas, serão fisgadas as características que, a nosso ver, apresentam traços vinculados à lírica moderna, tais como: obscuridade, negatividade, silêncio, circularidade e transcendência. Essa reflexão tem como objetivo compreender como essas características de construto, já presentes na lírica moderna, aparecem nos poemas orideanos e como é construída essa transcendência. A palavra poética orideana, por ser obscura, de difícil acesso aos olhos de quem a observa, tende a ir além de sua superfície, isto é, a sua significação não se finda, mas transcende, em uma transcendência que parece ser vazia. Como aponta Barbosa (1986), a palavra poética é recifrada na lírica moderna. Assim também é a poesia de Orides, ela transcende. A palavra poética, por não querer dizer, mas por ser, encontra na transcendência sua singularidade e é recifrada a cada nova experiência do objeto pelo sujeito, conforme Osakabe (2002). Para a realização desse estudo contar-se-á com as contribuições de Friedrich (1991) e de Barbosa (1986) para o entendimento das características da lírica moderna, sobretudo quanto à transcendência da palavra. Também, utilizar-se-á os estudos de Osakabe (2002), de Bucioioli (2003), de Lopes (2008), de Pucheu (2018) para a reflexão acerca do construto poético orideano. Ao final das reflexões, chegar-se-á a confirmação se, de fato, por meio da construção poética, que mergulha nas características da lírica moderna, a transcendência aparece na poética de Orides e se ela for vazia.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Lírica Moderna; Orides Fontela; Poesia Contemporânea; Transcendência vazia.

## O CONTO “CASA, NÃO CASA...” DE MACHADO DE ASSIS: PERSONAGENS E O DECORO DO SÉCULO XIX

Carla Caroline Oliveira dos Santos Beloto  
carla.santos114@etec.sp.gov.br

No século XIX, os periódicos eram grandes precursores da literatura e de seus autores, dos folhetins aos contos a literatura ganhou grande espaço nos jornais. A proposta da literatura nos jornais, se dá com a apresentação inicial de pequenas fatias de literatura jornalística nos rodapés das publicações: os conhecidos folhetins; os temas considerados amenos vieram fazer parte efetiva dos periódicos em forma de contos. Um dos mais conhecidos no segmento era o *Jornal das Famílias*, o qual lançava além de notícias, assuntos relativos à moda e comportamento, a ampliação e difusão de uma literatura que ilustra a conduta da sociedade burguesa de XIX. O presente trabalho propõe apresentar aos leitores de Machado de Assis a crítica existente nos contos publicados no citado periódico, em especial no conto “Casa, não casa...” (dezembro de 1875 e janeiro de 1876 – *Jornal das Famílias*). A breve análise que propomos trará do olhar machadiano às mulheres fortes do período, em detrimento do voltado aos homens, ambos diante das convenções sociais do vigente século, a fim de ajuizar as indicações de decoro do período partindo de temática agradável, comum aos contos. Bem como, salientar a importância das produções em jornais, as quais proporcionaram ao autor a possibilidade de laboratório de prática de escrita de diversas tipologias, como o gênero conto, o qual foi muito importante para a consagração do mesmo como um dos maiores escritores brasileiros do período.

Palavras-chave: Conduta social burguesa; Decoro; Machado de Assis; Personagens.

CORPO MÍSTICO EM O DIÁRIO DE UM PÁROCO DE ALDEIA

Heitor Benetti  
heitorbenetti050789@gmail.com

Este estudo (processo: 133220/2018-4 CNPq) demonstra a representação da Igreja enquanto corpo místico de Cristo a partir da economia da narrativa presente em *Diário de um pároco de aldeia*, de Georges Bernanos (1936). O papa Pio XII publicou a encíclica *Mystici Corporis* (1943) com o objetivo de reafirmar a doutrina católica do “corpo místico de Cristo”. Tal doutrina estabelece que a Igreja não só é uma entidade social e humana, mas também é um corpo místico com aspectos visíveis e invisíveis tal como Jesus segundo a crença cristã. E tal como o Cristo, esse corpo teria uma relação dúbia com o mundo: ao mesmo tempo em que ele seria rejeitado e perseguido, seria responsável por sofrer e salvar o gênero humano. Assim, é possível compreender que a missão de Cristo seria idealmente emulada pelos fiéis e pelo clero, principalmente por esse último ser responsável por administrar a economia sacramental e por atuar como um intermediário entre homens e Deus segundo as disposições e hierarquias católicas. Em *Diário de um pároco de aldeia*, um jovem padre triste e doente de uma pequena paróquia interiorana relata sua vida cotidiana a partir do momento em que chega no vilarejo até pouco antes de sua morte. No diário, ele relata suas impressões, sua doença, as dificuldades de convívio, a falta de fé, a religiosidade de conveniência dos

paroquianos. O texto evidencia um herói desajustado e em conflito com o microcosmo que o cerca pois, ao mesmo tempo que ele é responsável pela consolação espiritual, ele vive em solidão e angústia graças ao martírio cotidiano gerado por sua doença e por suas frustrações enquanto salvador de almas. Assim, a conflituosa relação entre sacerdote e aldeões é um modo de representar a Igreja enquanto corpo místico que ao mesmo tempo sofre e entrega-se para salvar aqueles que o ignoram.

Palavras-chave: Bernanos; Catolicismo; Corpo místico; Eclesiologia.

## “EL CAUDILLO DE LAS MANOS ROJAS”: UM RARO CASO DE MARAVILHOSO NA OBRA DE GUSTAVO ADOLFO BÉCQUER

Nathália Hernandes Bergantini  
nattiherndes@hotmail.com

Gustavo Adolfo Bécquer, autor do conto em destaque neste trabalho, nasceu em 17 de fevereiro de 1836, em Sevilha, Espanha. Morreu jovem, aos 34 anos de idade, depois de permanecer enfermo por bastante tempo; apesar da morte prematura deixou como legado numerosa obra em poesia e em prosa, a partir da qual se tornou célebre postumamente. Antonio Roberto Esteves (2005) informa que os contos do autor (os quais ele chamava de lendas) foram publicados em jornais, a partir de 1858, na maioria das vezes em anonimato, sendo o primeiro conto publicado desta forma aquele que nos propomos a estudar: “El caudillo de las manos rojas”, narrativa de cunho maravilhoso, uma raridade, já que a grande maioria das lendas de Bécquer possuem classificações mais aproximativas ao fantástico. O fantástico que, de acordo com os estudos do professor David Roas (2006; 2011; 2013), ocorre quando um mundo fictício, que imita aquele que entendemos como real, é invadido por um fenômeno que estabelece uma ruptura com a anterior normalidade, gerando medo e insegurança; em contrapartida, no maravilhoso encontramos um mundo com leis diferentes das nossas, em que o evidenciado como sobrenatural pode ser compreendido como algo natural e corriqueiro. Assim, este trabalho tem como objetivo empreender a análise do conto “El caudillo de las manos rojas”, conto que narra acontecimentos sobrenaturais que são aceitos com naturalidade: não existe choque ou questionamento. A personagem principal desta lenda/conto, Pulo Dhelli, conversa com deuses; os deuses são, inclusive, personagens desta história ambientada na Índia. Logo, este trabalho terá como enfoque principal elencar as características que tornam este conto de Bécquer um conto maravilhoso, além de explicar os motivos que o distanciam do fantástico, que é predominante em grande maioria das narrativas curtas de Bécquer.

Palavras-chave: Conto; Fantástico; Lenda; Maravilhoso.

## AS RELAÇÕES DE CONVERGÊNCIA EM CHÃO BRUTO E SELVA TRÁGICA, DE HERNANI DONATO.

Carolini Cristina Santos Alpe Bonez  
carolinialpe@gmail.com

O trabalho aqui disposto contempla dois romances do autor Hernani Donato. Em um breve panorama, temos *Chão Bruto* (1955), romance ambientado no espaço rural do interior do estado de São Paulo em seu período de ocupação na primeira década do século XX. A narrativa apresenta sua focalização no conflito entre fazendeiros e posseiros pela posse das terras ainda não ocupadas do território paulista. *Selva Trágica* (1957) por sua vez, vem dispor a história velada intrínseca à esfera de exploração da erva-mate no sul do Estado de Mato Grosso – no contexto anterior a sua divisão territorial - pela Companhia Mate Laranjeira, que detinha a concessão das terras constituídas pelos ervais nativos no período correspondente aos fins do século XIX até meados do século XX. Com base em pressupostos teóricos e dispondo do nível discursivo de ambos os romances, apresenta-se nessa instância a proposta deste trabalho, cujo aspecto fundamental está constituído na análise dos romances aqui colocados, a fim de verificar as zonas de convergência entre ambas as narrativas, ainda que estas contemplem aspectos de ambientação divergentes. Os métodos para a execução deste trabalho vertem-se para a observação no campo da teoria literária e no campo da história, pois ambos os romances contemplam rico acervo histórico, combinado ao estilo de composição literária do autor. O estudo em questão compreende as correlações históricas e sociais a partir do nível do discurso, analisando as inerências entre o contexto de produção na narrativa e a articulação dos fatos extrínsecos ao texto, derivadas de um determinado momento histórico, e destacando as inerências mencionadas no plano da linguagem e das instâncias discursivas presentes na tessitura dos romances.

Palavras-chave: Convergências; Instâncias discursivas; Narrativa.

#### A FRAGMENTAÇÃO DO SUJEITO E SUA REPRESENTAÇÃO NA NARRATIVA: *A MISE EN ABYME*

Kelvin Walker Bossolani  
kbossolani@gmail.com

*O inventário do inútil* (1978), de Elias José, e *Bolero de Ravel* (2010), de Menalton Braff, aproximam-se em aspectos os quais merecem destaque. O primeiro romance é narrado em primeira pessoa por Aldo Rosas Solnado quem nos apresenta o inventário de sua vida, semelhante à estrutura do documento jurídico que dá nome ao livro, suas experiências de vida, as quais revelam a inutilidade de sua existência. O segundo é também narrado em primeira pessoa, no qual temos contato com a consciência de Adriano da Silveira, que nos revela a sua peculiar visão de mundo e o seu fracasso para a vida prática, marcando também a sua existência avaliada como inútil por seu pai e sua irmã - existência esta, da vida prática, a qual o protagonista renega, apartando-se das amarras sociais. Chama-nos a atenção o procedimento narrativo de que ambos os escritores lançam mão para compor os seus romances. Ao recorrerem à construção de narrativas que se engendram de maneira a suprir lacunas, complementando a tessitura da malha textual, remetem-nos diretamente ao procedimento da *mise en abyme*, visto que tanto em *O inventário do inútil*, quando em *Bolero de Ravel* nos são apresentadas, de maneira fragmentada, as experiências vivenciadas pelos protagonistas, formando

assim narrativas secundárias que vão se complementando. Ao considerarmos o intrigante movimento que compõe o procedimento na composição dos romances, seu teor fragmentário nos leva a pensar a fragmentação do sujeito contemporâneo alegorizada pelos narradores que se põem a inventariar suas vidas. Neste sentido, tendo como fundamentação as posições teóricas de Lucien Dällenbach e André Gide, o presente estudo busca observar a composição dos romances de José e Braff, considerando que o procedimento da *mise en abyme* reforça a fragmentação da história narrada, evidenciando que a narrativa performatiza o narrado.

Palavras-chave: Elias José; Menalton Braff; *Mise en abyme*; Procedimento narrativo.

## ÉTICA E MORAL EPICURISTAS EM *COSÌ PARLÒ BELLAVISTA*, DE LUCIANO DE CRESCENZO

Matheus dos Santos Bueno  
matheus.s.bueno@hotmail.com

Este trabalho analisa a Moral e a Ética sob a perspectiva do filósofo grego Epicuro, na obra italiana *Così parlò Bellavista: Napoli, amore e libertà* (*Assim falou Bellavista: Nápoles, amor e liberdade*), de Luciano De Crescenzo, publicada em 1977. Apesar das ideias de Epicuro, presentes em "Carta sobre a felicidade: a Meneceu", terem sido concebidas há séculos do personagem professor de filosofia Gennaro Bellavista, este acredita que os napolitanos se comportam conforme os ensinamentos do mestre grego: pela via do prazer e pela negação das dores físicas e das atribuições mentais. Ainda que a análise de Bellavista seja pautada em Epicuro, o professor acrescenta suas próprias reflexões sobre a vida em Nápoles, contextualizando a filosofia epicurista para esse povo. A partir deste contexto, busca-se analisar também, com base na antinomia utilizada no pensamento filosófico apolíneo-dionisíaco, por trechos do romance e análise de uma anedota, intitulada "Geraldinho, o kamikaze", presente no livro estudado, como os napolitanos podem ser observados por esse viés. Verificou-se que as crenças de Bellavista confirmam-se: os napolitanos têm a ética e a moral baseadas nos preceitos de Epicuro por preferirem vivenciar os prazeres primários e por desprezarem a ordem e o desejo de poder. A anedota "Geraldinho, o kamikaze" evidencia não só o aspecto da esperteza do personagem Geraldinho, mas a conduta dionisíaca e epicurista dos napolitanos. Além disso, foi verificado como a antinomia apolíneo-dionisíaco ajudou a compreender as diferenças que Bellavista também acredita existir entre os passionais e afetuosos napolitanos versus os racionais e impassíveis milaneses.

Palavras-chave: Epicuro; Ética; Moral; Filosofia; Luciano De Crescenzo.

## METÁFORAS DA FANTASIA: O ESPAÇO MÍTICO-SIMBÓLICO NA OBRA *O SENHOR DOS ANÉIS*

Rodrigo Poreli Moura Bueno  
rodrigoporeli@hotmail.com

O objetivo aqui é fazer uma análise mítico-simbólica de *O Senhor dos Anéis*, tendo por base tanto a obra literária, como a cinematográfica elaborada pelo diretor Peter Jackson, nos anos 2000. A partir de alguns pressupostos teóricos de autores como Frye (2013), Lewis (2009; 2016) e Eliade (2010), podemos notar que um aspecto comum ao livro de Tolkien e à sua transposição fílmica é o caráter eminentemente simbólico do espaço ficcional e da ação narrativa. Apresentando um forte componente onírico, os símbolos se associam à fantasia literária que faz também uso frequente de mitos e lendas antigas que são recuperados e recriados, adquirindo novos significados e sugerindo outras interpretações, de acordo com o espírito da sociedade e da época. Relevante observar que a trama de *O Senhor dos Anéis* realiza-se em um espaço mítico, que, aparentemente, retira a narrativa do eixo do tempo cronológico, mas, na verdade, a leva a um tempo paralelo, buscando e fundindo diversas mitologias medievais nórdicas, comuns a uma grande parcela da população do norte da Europa, que carrega essa herança cultural, essa tradição entendida aqui como seleção de elementos do passado com importância e relevância para o presente. Nesse sentido, em ambas narrativas – literária e audiovisual – percebem-se articulações entre mitos medievais nórdicos e ingleses em que a denominada “Terra-Média” não é uma alegoria da Europa e de sua história atual, mas sim, um espaço onde são alocados os diversos mitos reelaborados, conjuntamente com as línguas criadas, como o élfico, por exemplo. Além do mais, pretendemos mostrar como se processa a relação entre linguagem fílmica e ficção literária, evidenciando que essas expressões podem encontrar pontos de equivalência e, ao mesmo tempo, demonstrar diferenças que podem enriquecer as duas formas de arte.

Palavras-chave: Cinema; Literatura; Mito; Narrativa; Símbolo.

#### ODILON REDON: LEITOR D'AS FLORES DO MAL DE CHARLES BAUDELAIRE EM "LA PRIERE D'UN PAÏEN"

Luíza Araujo Braz  
luiza.ara.braz@gmail.com

O presente trabalho consiste na análise comparativa entre uma das imagens constituintes do portfólio “Les Fleurs du Mal”, “Interprétations par Odilon Redon”, publicado pelo artista gráfico Odilon Redon no ano de 1890, e seu poema correspondente na obra *Les Fleurs du Mal*, de Charles Baudelaire, intitulado “La prière d’un païen” ou “A prece de um pagão”. Consideramos, pois, o pintor francês como um leitor do poeta, de modo tal a tomar suas gravuras não mais como “ilustrações”, palavra veementemente recusada pelo próprio artista para a descrição de sua produção gráfica, mas como interpretações ou traduções dos poemas de Charles Baudelaire. Para tal, apoiamo-nos principalmente no conceito de intertextualidade revisitado pela autora Tiphaine Samoyault (A intertextualidade. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo e Rotschild, 2008) e na noção de tradução intersemiótica, apresentada em dois capítulos distintos de Poéticas do Visível por Claus Clüver e Leo H. Hoek (In: ARBEX, M. (Org). Poéticas do Visível. Belo Horizonte: FALE, 2006.). Realizaremos, portanto, a descrição, análise e cotejo de ambas as arquiteturas textuais, procurando traçar paralelos entre as estruturas verbal e pictural, com a finalidade de concludentemente relacionar a interpretação de Odilon

Redon com uma das mais populares passagens da mitologia grega: o mito de Orfeu e Eurídice.

Palavras-chave: As Flores do Mal; Charles Baudelaire; Intertextualidade; Odilon Redon; Tradução intersemiótica.

## A ANATOMIA PLÁSTICA DE CORPO DE FESTIM, DE ALEXANDRE GUARNIERI

Susanna Busato (UNESP/IBILCE)  
susanna.busato@gmail.com

Minha proposta de comunicação aponta para um caminho de leitura dos modos como a poesia de *Corpo de Festim* (2014), do poeta brasileiro Alexandre Guarnieri, ganhador do 57º Prêmio Jabuti de Poesia em 2015, persegue, no plano expressivo da linguagem, o corpo na sua substância orgânica, política e social. Ao tecer a saga do corpo humano desde a sua concepção como um "átomo de carbono" até a sua última etapa, a dos limites do corpo, revela, em textura fano-logopaica, os limites da palavra e da linguagem. Entre ser e aparência o corpo crítico do sujeito e do objeto da percepção promovem e tornam sensível o percurso intersticial do pensamento que descreve e narra sua anatomia plástica. Ao interrogar a si mesmo, expõe o corpo violentado e vigiado, dissecado e obliterado, no espaço crítico da cultura, evidenciando ali o casulo social e o desejo de livrar-se das convenções, das amarras, dos paradigmas todos, das correntes e movimentos, impostos também ao poeta em seu exercício de escritura. A singularidade do trabalho de Guarnieri situa-se na textura da linguagem como corpo a ser descoberto e dissecado a partir de dentro, gerando uma reflexão sobre o corpo diante da impossibilidade de deixar a prisão desse corpo-casulo, célula da qual se origina e na qual vive sob vigilância e ameaça de punição do olho social: como falar fora dos limites da língua? Como respirar fora dos limites do corpo? Como pensar/dizer/escrever esse corpo?

Palavras-chave: Alexandre Guarnieri; Corpo; Experiência; Linguagem; Poesia brasileira contemporânea.

## OS LABIRINTOS INTERPRETATIVOS DA CASA LITERÁRIA: UM ESTUDO INTERDISCIPLINAR

Fernanda Barini Camargo  
fernanda.barini.camargo@gmail.com

Embora os estudos sobre o espaço tenham se desenvolvido a partir da década de 70, com mais profundidade, eles ainda carecem de uma abordagem que se proponha, de fato, interdisciplinar. A construção literária das casas ficcionais envolve, além da elaboração linguística complexa (a escolha dos itens lexicais, a sua combinatória, a sintaxe e a semântica frasais), as redes de relações entre o espaço e as demais categorias narrativas dentro do corpo textual, bem como a conexão de significados entre a

caracterização na ficção e na arquitetura real. Tal caracterização não pode ser descolada de seus aspectos sociológico e geográfico. Por isso, entendemos que uma análise densa do espaço literário deve ser norteada por disciplinas como a linguística, a literatura, a arquitetura e a sociologia. O que aqui propomos é demonstrar um método de investigação da casa ficcional na literatura da escritora portuguesa Agustina Bessa-Luís (n. 1922), através de parâmetros que consistem no entrelaçamento desses campos do conhecimento. A partir de estudos da linguística cognitiva de George Lakoff, da sociologia de Foucault, de Henri Lefebvre, de Michel de Certeau e da pesquisa de Osman Lins, proponho uma exposição sobre o modo como a ficcionista cria a casa aristocrata rural lusitana. São caros a Agustina os telhados que desabam, os quais motivam alianças matrimoniais e refletem famílias em decadência, cujas figuras femininas mobilizam todos os recursos que lhes são disponíveis para preservar o patrimônio familiar e subverter, ao seu modo, o sistema patriarcal no qual estão inseridas.

Palavras-chave: Casas ficcionais; Estudos interdisciplinares; Espaço literário.

## O INSÓLITO EM “O SENHOR DIABO”, DE EÇA DE QUEIRÓS

Jean Carlos Carniel  
carniel.jc@gmail.com

Propomos, neste trabalho, analisar o insólito e o fantástico no conto “O Senhor Diabo”, do autor português Eça de Queirós (1845-1900), inicialmente publicado na *Gazeta de Portugal* (1867) e postumamente inserido na compilação *Prosas bárbaras* (1903), organizada por Luís de Magalhães. Essa narrativa faz parte das primeiras produções jornalísticas do autor e nela já se encontra a presença do personagem diabólico, uma figura bastante recorrente da obra queirosiana. Defendemos que Eça, nesse conto, utiliza elementos do fantástico e do insólito para fazer a crítica social. Com essa perspectiva, procuramos evidenciar que a crítica à sociedade oitocentista já está presente nos primeiros escritos do escritor de *Os Maias* – textos estes vinculados à estética fantástica, com um forte pendor ao insólito –, e não somente nas suas obras realistas e naturalistas. Utilizamos como referencial teórico as considerações de Covizzi (1978) e de García (2007) sobre o insólito. Pretendemos, portanto, abordar uma vertente que, muitas vezes, é deixada em segundo plano pelos estudiosos, isto é, o insólito nos primeiros textos jornalísticos de Eça de Queirós, apontando que o autor de *O crime do padre Amaro* dialoga com o fantástico e com o insólito, sem deixar de lado a observação da realidade do seu contexto social.

Palavras-chave: Insólito; Fantástico; Literatura portuguesa; Século XIX.

## A “RUÍNA” COMO ELEMENTO ORGANIZADOR NA OBRA DE LUIZ SÉRGIO METZ

Diego Jesus Rosa Codinhoto  
diegocdnt@gmail.com

O trabalho a ser apresentado nesta comunicação faz parte da pesquisa em nível de doutorado “A poética das ruínas de gêneros literários na obra de Luiz Sérgio Metz”, que tem como objetivo principal investigar, à luz do conceito de ruínas de gênero – Corrêa, 2006 –, de que modo(s) gêneros discursivos originam, se articulam e se interpenetram em gêneros formais presentes na obra de Metz, como o ensaio filosófico/crítico, fragmentos e lírica, como procedimento de construção da literatura do escritor gaúcho. Nesta comunicação, procuraremos analisar o livro de contos *O primeiro e o segundo homem* (1980/2001), a fim de estabelecer conexões intertextuais tanto com obras de outros escritores, como Guimarães Rosa e Simões Lopes Neto, por exemplo, quanto com o período histórico as Missões jesuíticas no sul do Brasil, a fim de criar possíveis caminhos de interpretação da obra de Metz a partir do conceito de “ruína”, uma vez que esta é compreendida neste trabalho em dois níveis: no nível temático, de caráter simbólico, a ruína representa a devastação, já que são descritos situações, personagens e paisagens ou costumes que passaram ou estão passando por um processo de transformação que aparenta desembocar na degradação. Em seu outro nível, pela perspectiva formal, compreende-se a ruína como um fragmento material inserida pelo autor em seu texto, ora como citação direta ou indireta, ora como referência a uma imagem ou cena de outra obra, podendo-se interpretar tal ruína textual como um artefato potencialmente criador e carregado de sentido que é recuperado do passado e que adquire um duplo movimento: a obra citada passa por um processo de ressignificação e acúmulo de sentidos, assim como a obra citada também ressignifica e ilumina a obra que ampara tal ruína.

Palavras-chave: Intertextualidade; Metz; Ruína.

#### O SOLILÓQUIO, O FLUXO DE CONSCIÊNCIA E O MONÓLOGO INTERIOR EM *SARGENTO GETÚLIO*: UM OLHAR DO ROMANCE-MEMÓRIA

André Luiz Lunardelli Coiado  
andre.luiz.lunardelli@gmail.com

Objetiva-se neste trabalho analisar três técnicas narrativas, sendo elas, o fluxo de consciência, o monólogo interior e o solilóquio, presentes na obra pós-modernista *Sargento Getúlio* (1971), de João Ubaldo Ribeiro. A fim de esclarecer a construção da narrativa, dada a partir do gênero romance-memória, é observada a presença de uma consciência individual por parte do protagonista Getúlio, configurando-a como uma espécie de autobiografia. Com o intuito de obter um olhar sob a ótica do protagonista, é de suma importância o debate sobre o gênero narrativo e a sua relação com o contexto social da época para a sua construção. Os nomes de Antonio Cândido (2000), Alfredo Leme Coelho de Carvalho (1981), Tânia Pellegrini (1999), Leyla Perrone-Moisés (1998) e Karl Erik Schollhammer (2009) se destacam pela contribuição teórica e pela adoção de uma ótica que valoriza elementos literários, sociais e críticos acerca do tema norteador. Nota-se ao desenrolar dos oito capítulos do romance uma narrativa que, este inicia-se com uma ordem coerente dos fatos apresentados, configurando uma espécie de fluxo de consciência e consonância à paisagem nordestina. Já em outras passagens, o monólogo interior se apresenta, ausentando-se com os intervalos dado para o pronunciamento das demais personagens. Por fim, com a aproximação da fatalidade

ocorrida no desfecho da obra, o solilóquio apresenta-se a partir dos vocativos proferidos pelas personagens, na qual há ausência de um discurso coesivo e coerente. Conclui-se que a partir de tais técnicas que João Ubaldo Ribeiro utilizou como forma de aproximação à oralidade regionalista, variante da caboclo-sertaneja, denunciando as memórias de um decênio autoritário brasileiro.

Palavras-chave: Fluxo de Consciência; Monólogo Interior; Pós-modernismo; Romance-Memória; Solilóquio.

#### A CIDADE DE ULISSES, DE TEOLINDA GERSÃO: MITO, HISTÓRIA E DIÁLOGO COM OUTRAS ARTES

Daniela Aparecida da Costa  
danicosta02@yahoo.com.br

Propõe-se nesta comunicação uma análise dos procedimentos narrativos do romance *A cidade de Ulisses*, de 2011, da escritora portuguesa contemporânea Teolinda Gersão. O objetivo é o de examinar como se processam algumas estratégias na constituição dessa obra, como a evocação do mito fundador de que Lisboa teria sido fundada por Ulisses, a ficcionalização da História recente de Portugal e também o diálogo com outras artes, a fim de investigar como metaforizam e problematizam a constituição do imaginário cultural e a formação da identidade portuguesa diante de fatos recentes da nação ficcionalizados na narrativa, como o período salazarista e a Revolução dos Cravos. Além disso, verifica-se nesta obra de Gersão um questionamento do fazer literário, motivado, principalmente, pelo diálogo da ficção da autora com as artes plásticas, que muito evidencia uma tendência da produção romanesca atual em Portugal em revelar os meandros da produção ficcional como estratégia de composição romanesca. No que se refere ao embasamento teórico, esta proposta de estudo tem apoio em textos consagrados sobre: as obras e a autora em estudo, como *O pacto primordial entre mulher e escrita: Teolinda Gersão e a atual prosa feminina portuguesa*, de Maria Heloísa Martins Dias (2008) e *Teolinda Gersão: o processo de uma escrita*, de Inês de Sousa (1988); a ficcionalização da História e metalinguagem, como *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*, de Linda Hutcheon (1991); Literatura e outras artes, como a obra *Laokoon revisitado: relações homológicas entre texto e imagem*, de Aguinaldo José Gonçalves (1994); sobre o mito fundador, como “O mito de Portugal nas suas raízes culturais”, de Manuel Cândido Pimentel (2008) e “A Odisseia de um mito: diálogos intertextuais em torno da fundação de Lisboa por Ulisses nas literaturas anglófonas”, de Rogério Miguel Puga (2011).

Palavras-chave: Ficcionalização da História; Literatura e Artes Plásticas; Mito; Romance Português Contemporâneo.

#### “MUNDO ABERTO” E “MUNDO FECHADO” NA OBRA *CEMITÉRIO DOS VIVOS*, DE LIMA BARRETO

Fabiano da Silva Costa  
fabiunesp@yahoo.com.br

O objetivo desta comunicação é realizar uma reflexão a respeito de um dos temas presentes na obra derradeira, inacabada e publicada postumamente de Lima Barreto, *Cemitério dos Vivos* (1956). O tema a que me refiro é sobre a dicotomia entre “mundo aberto/mundo fechado” ou “dentre muros/fora dos muros”. A expressão é utilizada em várias passagens do romance quando o protagonista e narrador Vicente Mascarenhas encontra-se enclausurado no hospício depois de um acesso de loucura causado pelo uso de álcool e o desespero pela morte da esposa. “Dentro dos muros” e “fora dos muros” são expressões que significam a separação que era (é) feita entre os normais e os anormais: longe de ser um conceito embasado em qualquer ciência, os normais seriam aqueles que andam de acordo com as regras e os interesses dos que fazem a norma. Por outro lado, anormais seriam aqueles que, incapazes de seguirem ou aceitarem as exigências da normalidade acabam se tornando sujeitos “indesejados”, conforme explica Richard Miskolci, sendo assim não podem mais usufruir de sua liberdade. A sentença era viagem sem volta para alguns dos piores hospícios do país, uma vez que não se tratavam de criminosos, a cadeia não poderia ser o destino destas pessoas. Buscamos em Paulo Arantes, a história das “linhas de amizade”, que separaram a civilização guiada à luz do direito na Europa, da violência permitida e estimulada nas colônias, primeiro no Novo Mundo, depois no continente africano: “com o perdão do anacronismo, nascemos do outro lado da linha ou fora da linha, o que deu todo o segundo sentido da colonização pela mercadoria pura”, afirma Arantes. Assim sendo vivemos em um “país-mercadoria” separado por uma constante “linha de amizade”: quem não se adequar as normas será jogada para fora da linha, ou para dentro dos muros, o claustro em que amargou Vicente.

Palavras-chave: Indesejados; Homogeneização; Hospício; Lima Barreto; Linhas de amizade.

## ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA: UM JUDEU HEREGE NA DRAMATURGIA PORTUGUESA

Arlene Rosa Eustáquio  
arlenerosae@gmail.com

Antônio José da Silva, conhecido pela alcunha de “O judeu”, nasceu no Rio de Janeiro, em 1705. Expatriado para Portugal quando era criança, em virtude de alguns membros de sua família terem sido para lá encaminhados a fim de serem julgados pelo Tribunal do Santo Ofício da Inquisição, pelo fato de serem judeus, passou a viver nesse país, onde estudou Direito e veio a tornar-se, mais tarde, um grande comediógrafo. Embora constantemente perseguido em função de sua condição de cristão-novo – judeu forçadamente convertido ao catolicismo - escreveu e encenou, no teatro do Bairro Alto, em Lisboa, diversas óperas que mesclavam prosa e música, ironia e crítica, além de muito riso. Após inúmeras perseguições que resultaram em sua prisão, durante a qual foram confiscados todos os seus bens, foi morto em um Auto de Fé, em 1739. A proposta desta comunicação é refletir sobre a vida de Antônio José e ilustrar, por meio de trechos de suas óperas, como se dava a crítica ao sistema político da época, aliado à Igreja. Além disso, pretende-se evidenciar a maestria do Judeu ao representar no palco, por meio de gigantes bonecos de cortiça denominados bonifrates, a hipocrisia vivida pela sociedade. A fundamentação teórica compreenderá os estudos de Alberto Dines

referentes à vida de Antônio José e as pesquisas de Anita Novinsky para iluminar os aspectos que concernem ao período da Inquisição Católica e da perseguição aos judeus. Além disso, serão de grande importância as contribuições de Mikhail Bakhtin, referentes à carnavalização e à função cômica dos graciosos, de Henri Bergson, no que diz respeito ao riso, e de Linda Hutcheon, quanto ao uso da ironia como estratégia discursiva.

Palavras-chave: Antônio José da Silva; Inquisição; Ironia; Judaísmo; Teatro.

## ANÁLISES DE OBRAS LITERÁRIAS DE FICÇÃO CIENTÍFICA EM UM CONTEXTO DE DIVERSIDADE CULTURAL

Giséle Manganelli Fernandes  
gisele.manganelli.fernandes@unesp.br

Esta pesquisa analisará atividades de mobilidade virtual entre alunos do Curso de Licenciatura em Letras da UNESP, Câmpus de São José do Rio Preto, e discentes da DePaul University (Chicago, EUA), no período de abril e junho de 2019, sob a coordenação dos Professores Gisèle Manganelli Fernandes (UNESP/SJRP) e John Shanahan (DePaul). Os alunos envolvidos no projeto lerão três romances em comum, a saber: o clássico cyberpunk *Neuromancer* (1984), de William Gibson; *White Noise* (1985), de Don DeLillo, obra consagrada sobre tecnologia e violência; e o recente fenômeno mundial na área de ficção científica, o romance *The Three-Body Problem* (2006), do escritor chinês Cixin Liu. Os alunos farão atividades simultâneas e não simultâneas e todas as interações orais e as tarefas escritas serão realizadas em Língua Inglesa. Cinco encontros sincronizados estão planejados e acontecerão via Plataforma Zoom. Para as interações fora da grade de aulas, os alunos estabelecerão os horários mais convenientes para seus trabalhos conjuntos via telefones ou laptops, utilizando ferramentas, tais como WhatsApp, Instagram, Skype. O alcance global da ficção científica e sua forma específica serão focos da atenção dos estudantes e promoverão as conversações entre os câmpus de Chicago e de São José do Rio Preto. Nesta iniciativa de mobilidade virtual, os alunos aprenderão sobre literatura, língua e cultura e farão novas conexões globais. Nesta comunicação, serão apresentados resultados parciais do projeto.

Palavras-chave: Ficção Científica; Mobilidade Virtual; *Neuromancer*; *The Three-Body Problem*; *White Noise*.

## A RESISTÊNCIA EM CLARICE LISPECTOR: UMA APRENDIZAGEM

Bianca Pulgrossi Ferreira  
biancapulgrossi@gmail.com

O foco deste trabalho é navegar sobre mares pouco explorados, no caso, o romance *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* (1969) de Clarice Lispector, e, a partir dele, recuperar a relação entre literatura e sociedade existente em suas linhas. Este estudo se faz necessário para ressignificar ou mesmo questionar, a partir da análise do romance em questão, a vertente crítica que considera sua obra apolítica e desinteressada

em relação às graves questões sociais que viveu e observou. O objetivo central é mostrar que este pode ser considerado uma “narrativa de resistência”, nos termos de Alfredo Bosi (2002). Para isso apresentamos um estudo de parte da fortuna crítica da autora, seguido de uma reflexão sobre o conceito de “resistência” e sua ligação com o contexto histórico do regime militar de 1964. Por fim, utilizamos esses elementos para compor uma análise final, mostrando que a resistência opera no romance por meio de elementos irônicos e parodísticos desestabilizadores de normas, valores e condicionamentos interpessoais e sociais, agudizados no período em questão e que visam desestabilizarem sua recepção. Dessa forma, pretendemos apresentar uma nova perspectiva de leitura sobre o romance, que ressalte seu caráter político-social, de modo a posicionar a escritora como crítica de seu tempo. Diante do exposto até então, este trabalho tem por objetivo geral investigar como o romance *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* (1969) aborda uma crítica social ao status quo. Quais foram os artifícios e elementos literários, formais, estilísticos que artesanalmente compuseram essa resistência que ficou abafada? De que maneira a análise de um relacionamento amoroso pode dizer sobre os conflitos da sociedade brasileira da época? De que maneira a questão do feminino, do existencial e do aspecto formal da narrativa, juntos, fazem com que ela seja uma narrativa de resistência?

Palavras-chave: Clarice Lispector; Literatura Brasileira; Resistência.

#### A MULHER POBRE E LIVRE NA OBRA *OS MAGROS*, DE EUCLIDES NETO

Juliana Cristina Ferreira  
jujucris214@gmail.com

O objetivo deste estudo é analisar a o perfil da mulher nordestina pobre e livre representada na obra *Os magros*, de Euclides Neto. O Nordeste foi formado a partir do modelo patriarcal imposto pela colônia portuguesa, em que há uma valorização do homem branco e da classe dominante. Todavia, esse modelo de sociedade perdurou e na década de 1950, nas terras cacauzeiras do sul da Bahia, o ideal de mulher era ser herdeira de fazendas e gados, por ser um privilégio para casamento. A mulher rica aparece nos inventários e documentos de registros, mas a pobre e livre é identificada apenas nas cantigas e nos textos literários, porque não tinha documentos de registros e nem herança para receber. Nesse sentido, ancoramos na discussão de Falci (2000) que argumenta a respeito do modelo patriarcal do Nordeste e da figura feminina, tanto da mulher rica que servia como modelo para as outras mulheres, como da pobre que lutava em seu dia a dia pela sobrevivência. A esse respeito, Fonseca (2000) afirma que a mulher pobre lutava contra a fome e a miséria e por isso, precisava trabalhar para complementar o salário do marido, arriscando expor sua imagem a sociedade e sofrer o “pejo” da mulher pública. A metodologia articula-se pela pesquisa bibliográfica e a análise de *corpus* ocorre pela leitura e compreensão da mulher pobre e livre representada na obra *Os magros*. Os resultados esperados são que a mulher nordestina pobre, apesar de sua luta pela sobrevivência, ainda era mal vista na sociedade, por trabalhar fora.

Palavras-chave: Mulher nordestina; Pobreza; *Os magros*.

## JORNALISMO E PROSA DE FICÇÃO NA SÃO PAULO DOS ANOS 20

Rafael Rodrigo Ferreira  
rafael.rodriigo.ferreira@usp.br

Sem desconsiderar a importância da contribuição dos intelectuais que engendraram a Semana de Arte de 1922 em São Paulo, entende-se que, apesar da tendência majoritária da crítica, sobre a qual incidiu uma postura crivada por certo juízo exclusivista, estabelecendo determinados escritores e parâmetros literários, tal evento não foi capaz de sintetizar a variedade complexa da produção artística vigente e tampouco totalizar em seu programa as balizas heterogêneas que delinearam os compassos da modernidade no Brasil. Com tal, impera a necessidade de trazer à tona obras, autores e grupos artísticos do período com a finalidade não só de amplificar o quadro intelectual que enformou toda uma sociedade em perene estado de mutação fugaz, mas também sugerir maior elasticidade acerca da concepção de Modernismo e sua anatomia artística, multiforme por excelência. É oportuno sublinhar, portanto, que as variadas interseções entre literatura e jornalismo, não só em São Paulo, mas em todo o Brasil, estavam fortemente assimiladas pelos escritores e leitores da época. Dito de outro modo, podemos inferir que havia na altura uma consciência compartilhada acerca das práticas de escrita e hábitos de leitura daquele momento, visíveis nas diferentes apropriações e impasses decorrentes de produções textuais fronteiriças, isto é, localizadas no entremeio da realidade e da ficção. A análise do convívio de características variadas qualifica na relação específica entre jornalismo e prosa ficcional na São Paulo da Primeira República um tipo privilegiado de produção para a identificação de parcela significativa da escrita criativa brasileira, de sorte que capta na fugacidade do momento e na transitoriedade de ideias, os projetos estéticos em flutuação; assim como nas tramas do cotidiano e na pressa da escrita paulatina de escritores-jornalistas em busca de um lugar ao sol, a constituição de um cenário revelador para o entendimento da trajetória literária brasileira, sua circulação e busca por autonomia.

Palavras-chave: Jornalismo; Literatura; Modernidade; São Paulo.

### A FORTUNA CRÍTICA DO *QUARUP* CALLADIANO

Edson Benedito Rondon Filho  
edsonrondon@hotmail.com

Esta comunicação apresenta o inventário da fortuna crítica da obra *Quarup* de Antônio Callado, publicada em 1967, e seu realismo fundado nos enredos das personagens que se interligam às personalidades políticas e aos fatos históricos do período narrado no texto. O objetivo principal é analisar a fortuna crítica da obra em referência e como objetivos secundários: 1) descrever o contexto histórico-social da obra *Quarup*; 2) apontar o quantitativo de edições da obra *Quarup* e as respectivas editoras responsáveis pela publicação; 3) identificar a existência da obra *Quarup* em outras formas de expressão artística; 4) relatar as principais críticas a respeito da obra; 5) apresentar os

fragmentos relevantes das cenas apresentadas no romance. A abordagem é essencialmente qualitativa, em que pese o emprego do recurso quantitativo para levantamento do número de dissertações e teses realizadas a respeito da obra. Apresenta-se revisão sistemática concernente à etapa quantitativa (coleta de dados), resultado de busca e consulta aos sítios na internet, especialmente junto ao sistema Athena da UNESP e banco de teses e de dissertações da CAPES, USP, Unicamp, UFSCAR, UFRGS, UFMG e UFRJ. Os dados foram coletados através de pesquisa bibliográfica e interpretados com base na técnica de análise de conteúdo e suporte no método crítico de Antônio Cândido.

Palavras-chave: Antônio Callado; Fortuna crítica; Literatura; Romance revolucionário; *Quarup*.

## RISO NEGRO: ESTIGMA E LIBERDADE EM *JUBIABÁ*

Guilherme Barbosa Gomes Figueiredo Filho  
xgffx@hotmail.com

A inscrição de um personagem negro e de classe baixa como protagonista do romance *Jubiabá* (1935), de Jorge Amado, provoca a discussão sobre marginalização e desigualdade social, porém também sobre uma caracterização estereotipada de etnias e culturas diversas no meio literário. Se, por um lado, o protagonismo pretende dar voz a anseios e frustrações de uma parcela da população não antes legitimada, reconhecendo a riqueza cultural e de costumes invisibilizada em grande parte da literatura latino-americana até o começo do século XX, por outro, estas mesmas descrições podem reforçar estigmas que não alteram a relação violenta de um imaginário comum que se refere pejorativamente a toda uma série destas tradições e lhes atribui caráter maligno. Desta maneira, este estudo pretende analisar o citado romance a partir de aspectos que se propõe como transgressores da ordem de discursos vigentes no período, tomando o sentido de carnavalização bakhtiniana, como Amado inscreve popularmente a narrativa e utiliza o riso, a gargalhada e a música para simbolizar força e vigor, e daí perceber como se dá a subversão de uma liberdade marginal para a contestação social ativa que pretende reconhecer politicamente as demandas da comunidade negra. É importante considerar a problemática de uma simbolização dos costumes e modos de vida como alteridade, entendida como exótica, que produz fascínio, mas conjuntamente, ameaça e perigo, tal como alerta Edward Said. Assim, admitindo as especificidades da literatura no contexto sociopolítico brasileiro na década de 1930, é proposta uma leitura atenta do romance para examinar como são exaltados a multiplicidade de vozes e o hibridismo propiciado pelos diálogos interculturais, levando em consideração as ambiguidades desta caracterização

Palavras-chave: Alteridade; Carnavalização; Jorge Amado; Literatura década de 1930; Literatura e sociedade.

## O DUPLO NA PERSPECTIVA DA LITERATURA FANTÁSTICA A PARTIR DA OBRA DE JOSÉ MARIA MERINO

Ana Carolina Flores  
ana-carol-flores@hotmail.com

No presente trabalho, propõe-se apresentar um panorama a respeito da configuração do tema do duplo na literatura fantástica, tendo como base a literatura do espanhol José Maria Merino e “El fumador que acecha”, um de seus contos. Merino é considerado um dos maiores nomes do gênero fantástico contemporâneo em seu país, e o duplo é um dos temas maior incidência em sua obra. Para embasar essa discussão, utilizaremos como apoio teórico estudiosos como David Roas e seu livro, *Tras los límites do lo real. Una definición de lo fantástico*, Juan Herrero Cecilia com *Estética y pragmática del relato fantástico* e um de seus artigos a respeito do tema: “Figuras y significaciones del mito del doble en la literatura: teorías explicativas”, e por último Rebeca Martín López e sua tese *Las manifestaciones del doble en la narrativa breve española contemporánea e El oscuro adversario. Las apariciones del doble en los cuentos de José María Merino*, estudo específico a respeito dos contos de Merino. Com a análise do conto, em meio a essa apresentação, pretende-se demonstrar e apresentar o caráter específico do fenômeno em meio a narrativa, como o seu surgimento afetará aspectos estruturais importantes, como espaço e tempo e principalmente, a forma que o personagem central, alguém que enfrentará a duplicação, lidará com as transformações ocorridas ao seu redor.

Palavras-chave: Doppelgänger; Duplo; Fantástico; Insólito.

#### A DIALÉTICA DA ORDEM E DA DESORDEM EM “LAVOURA ARCAICA”, DE RADUAN NASSAR

Luciana Cristina Furtado Fontes  
luciana.cfontes@gmail.com

O presente trabalho visa analisar André, personagem de *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, a partir da Dialética da Malandragem e refletir de que forma as esferas da ordem e da desordem influenciam na construção da personagem e são definidoras para narrativa. Candido (2004) apresenta a construção da figura do malandro a partir de Leonardo Filho, personagem de *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Joaquim Manoel de Macedo, através do sistema de referências constituído pelas relações humanas descritas no romance. Buscaremos analisar a narrativa de *Lavoura Arcaica*, a partir da personagem André, não sob a figura do malandro, à qual ele não corrobora, mas da dialética da ordem e da desordem, esta que atua diretamente na trajetória desta personagem, bem como é imprescindível para a construção da narrativa. Assim como em *Memórias de um sargento de milícias*, em *Lavoura Arcaica* há sempre uma tensão entre o eixo da ordem e da desordem pelos quais as personagens transitam e cujos caminhos comunicam-se por inúmeras formas. “Ordem e desordem se articulam portanto solidariamente; o mundo hierarquizado na aparência se revela essencialmente subvertido, quando os extremos se tocam (...)” (Candido, 2004, p. 37). No entanto, a partir da análise ora proposta, verifica-se que as narrativas se diferem na intensidade

com que estas tensões ocorrem e, assim, na forma que afetam a trajetória das personagens destas obras. Em vista disso, estudar-se-á as influências desses dois hemisférios na constituição destas personagens, o que nos possibilitará afirmar que, ao passo que em *Leonardo Filho* o mundo externo é um fator preponderante para o surgimento desta tensão, para André isto ocorre a partir da influência dos dois polos, o que se torna o fator estruturante da narrativa. As bases bibliográficas do presente estudo fundamentam-se, principalmente, nas análises propostas por Candido (2004), Lessa (2012) e Rodrigues (1989).

Palavras-chave: André; Desordem; Dialética da Malandragem; Lavoura Arcaica; Ordem.

## ARTIS MARTINEAU: UMA PERSONAGEM DE DELILLO EM BUSCA PELA IMORTALIDADE

Maura Cristina Frigo  
frigo@fatecriopreto.edu.br

O presente estudo trata da análise de uma das personagens da obra *Zero K* (2016) do autor norte-americano, Don DeLillo. Indubitavelmente, Artis Martineau tem a seu dispor ciência, tecnologia e recursos financeiros para buscar pela imortalidade. Em uma das dependências de um local distante do planeta, chamado Convergência, ela se prepara para ter seu corpo preservado pela criogenia. A personagem tem um capítulo com seu nome, interligando os dois outros conjuntos de textos que tecem a narrativa, é a busca pela vida após a morte ou a vida após a vida. Neste panorama, uma das questões levantadas é se as novas tecnologias permitirão que o cérebro funcione no nível da identidade. Assim, DeLillo leva-nos a considerar a interação entre a ciência e o homem, entre a tecnologia e o humano. E temos todos os avanços biomédicos e tecnológicos como determinadores estratégicos no destino da humanidade. Para fomentar a análise, teóricos como Bauman (2005), Haraway (2010), Hall (2015) e Harari (2016, 2017a, 2017b, 2018) embasam este trabalho. Artis faz aflorar a discussão acerca da maneira como a literatura permite representar, reler e reavaliar as novas formas de identidade do sujeito nas diferentes comunidades formadas ao longo da história da era pós-moderna.

Palavras-chave: Artis Martineau; Don DeLillo; Imortalidade; Tecnologia; *Zero K*;

## A RELAÇÃO ENTRE O POÉTICO E A TEMATIZAÇÃO DA DOR EM “O JARDIM DAS OLIVEIRAS”, DE NÉLIDA PIÑÓN

Ana Paula Garcia  
anaapaula.garcia@hotmail.com

Publicado em 1980, o conto “O jardim das oliveiras”, de Nélide Piñon, narra o autoritarismo, a opressão e o sofrimento, físico e psicológico, de uma maneira diferente

da maior parte das manifestações literárias que abordam o período da Ditadura Civil-Militar no Brasil. Nesse contexto, multiplicaram-se narrativas de representação realista e chocante, além das que vão pelo viés fantástico, muito utilizado para passar pela censura. Na contramão dessa tendência, Piñon opta pela expressão poética como modo de tematizar a dor. Essa forma de expressão - por seu caráter mais imagético e abstrato, por vezes distanciado da vida prática - acaba por perder espaço na arte em momentos de denúncia da realidade, como o que envolve a composição do conto; contudo, o poético possui uma força única na construção de uma análise do homem e do humano. Isso porque, como afirma Octávio Paz, em seu livro *O arco e a lira*, “o ato poético, o poetizar, o dizer do poeta – independentemente do conteúdo particular desse dizer – é um ato que não constitui, pelo menos originalmente, uma interpretação, mas uma revelação de nossa condição” (PAZ, 1982, p. 179). Por trás das atrocidades cometidas em governos ditatoriais, sempre há mentes humanas imersas em suas próprias convicções, lembrando-nos da importância de mantermo-nos permanentemente reflexivos sobre o que nos caracteriza humanos. Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo mostrar o papel da construção poética – muito presente em obras que pretendem suplantar a referencialidade em prol da vida interior do homem – em uma literatura que visa justamente a destacar o horror da realidade, não podendo deixá-la de lado.

Palavras-chave: Ditadura Civil-Militar; Dor; Poético.

#### NA LINHA LITERÁRIA, CONTRA A “CENSURA INQUISITORIAL”: MARTINS PENA FOLHETINISTA E A ÓPERA *LES DIAMANTS DE LA COURONNE* NO BRASIL (1847)

Priscila Renata Gimenez  
priscilagimenezufg@gmail.com

Martins Pena foi crítico-teatral no *Jornal do Commercio*, entre 1846 e 1847, após atuar como censor do Conservatório Dramático Brasileiro, entre 1843 e 1846. Sua série de críticas aos espetáculos, denominada “Semana Lírica”, foi publicada semanalmente na seção folhetinesca. Dentre as apreciações – das artes do palco e da música –, o folhetinista deixa exalar de sua hábil pena não apenas conceitos e conselhos cênicos e artísticos, que eram sua especialidade. O dramaturgo-folhetinista também apresenta uma clara posição em defesa da plena liberdade de manifestações artísticas, tivessem peças, óperas e seus personagens relação, direta ou indireta, por exemplo, com questões e figuras relacionadas a assuntos de interesse de personalidades influentes ou do governo. Sobretudo como jornalista, seus escritos não poderiam passar despercebidos do grande público, assim como daqueles que cuidavam dos interesses de censura e controle sobre as artes produzidas e apresentadas no Brasil, que impunham o estandarte da moral, da religião e do zelo pela monarquia. Consciente disso, em um de seus folhetins, Martins Pena trabalha sua escrita leve, rápida e plena de humor, visando denunciar a desfiguração de uma ópera-cômica de origem francesa, de Auber, *Les Diamants de la Couronne*, cuja ridícula transformação fora exigida pela “censura inquisitorial” (PENA, 14 de janeiro de 1847) do Conservatório Dramático Brasileiro da época. A análise das estratégias de composição desse folhetim constitui, assim, o foco desta intervenção, no

intuito demonstrar o alcance sócio-histórico, além daquele artístico-literário, das rubricas em que a literatura teve maior penetração no jornal: o folhetim, e particularmente a crítica teatral. Num espaço de variadas sociabilidades, como o teatro do século XIX, a crítica teatral é o ambiente virtual de continuação dessas sociabilidades artísticas, políticas e de diletantes, bem como é uma voz ativa dos palcos, impulsionada pela materialidade do jornal e pela sua sedutora linha literária.

Palavras-chave: Censura; Folhetim teatral; Jornal; *Les Diamants de la Couronne*; Martins Pena.

## INTERSECÇÕES ENTRE MULHER-MARAVILHA E CONTO MARAVILHOSO

João Pedro Fernandes Gomes  
fernandesgomes.jp@gmail.com

Apesar de parecerem distantes em sua concepção e características mais básicas, contos de fadas e superaventura podem ser considerados gêneros relacionados quando pensados dentro do grande gênero narrativo do maravilhoso identificado por Carolina Marinho (2009). A concepção da autora leva em conta diferentes critérios, como um desenvolvimento morfológico próprio da narrativa, a maleabilidade da lógica a serviço da fruição estética e o diálogo com outros textos maravilhosos. Baseando-se na literatura existente entre os dois gêneros, este trabalho busca explorar alguns pontos de ligação conceitual entre contos de fadas (COELHO, 1987; PROPP, 2010; VOLOBUEF, 1993) e narrativas gráficas de super-heróis (BAINBRIDGE, 2009; ECO, 1979; JENKINS, 2009; KUKKONEN, 2013; LOEB, MORRIS, 2005; REBLIN, 2012). Tais intersecções propiciam uma investigação centrada no último critério de Marinho, a intertextualidade como forma de presença do maravilhoso, aqui realizada por meio da história em quadrinhos *Wonder Woman: Year One*, roteirizada por Greg Rucka e ilustrada por Nicola Scott (2016-2017), em relação ao conto “A pequena sereia”, de Hans Christian Andersen (1837). Utilizando a obra de Samoyault (2008), a análise procura averiguar se essas narrativas estão conectadas por alguma relação de transtextualidade e, em caso positivo, como esse diálogo com o conto de fadas canônico aproxima a HQ do maravilhoso, levando em conta os recursos específicos que ambas as formas de arte, literatura e quadrinhos, possuem para contar histórias.

Palavras-chave: *A pequena sereia*; Conto de fadas; Super-herói.

## A TRANSFORMAÇÃO DO SUJEITO NA METRÓPOLE EM *ONDE ANDARÁ DULCE VEIGA?*, DE CAIO FERNANDO ABREU

Pedro Henrique Pereira Graziano  
pedro.graziano91@gmail.com

O objetivo deste trabalho é abordar a jornada empreendida pelo protagonista do

romance *Onde andar Dulce Veiga?*, do autor gaúcho Caio Fernando Abreu, e como suas experiências configurariam uma ressignificação de sua existência, proporcionando-lhe novas perspectivas. Será trabalhada a figura do narrador, como a descreve o pensador alemão Walter Benjamin, ao mesmo tempo em que se discorre sobre o declínio progressivo da faculdade de narrar e compartilhar experiências na sociedade de consumo e produtividade entre o fim do século XIX e início do século XX. Este narrador que deixaria de existir devido ao excesso de imagens e informações que circulam no meio social estaria ainda mais deslocado do eixo da vida em comunidade, aquele segundo qual Benjamin seria essencial para a construção do narrar, no contexto das grandes metrópoles, paradigma em que se desenvolve a trama do romance. Na busca que o protagonista inicia, vivencia diversas situações a partir da qual percebe seu isolamento no meio urbano caótico, e toma consciência de forma cada vez mais profunda de sua condição conforme experimenta novas vivências baseadas em violência e caos na cidade. Ao fim, com base em tudo que foi capaz de experimentar e vivenciar em sua jornada, este protagonista seria capaz de ressignificar sua existência ao se mostrar narrador do romance, tendo sido capaz de recriar sua realidade a partir de sua faculdade de contar histórias, reconstituindo-se como narrador.

**Palavras-chave:** Caio Fernando Abreu; Dulce Veiga; Narrador; Walter Benjamin.

## CAMILO CASTELO BRANCO E A REPRESENTAÇÃO DO JORNALISTA NAS OBRAS ONDE ESTÁ A FELICIDADE? E CORAÇÃO, CABEÇA E ESTÔMAGO

Letícia de Freitas Greco  
leticiadfg@gmail.com

Há pelo menos sete romances do escritor português Camilo Castelo Branco que apresentam um personagem-jornalista, seja como protagonista ou como coadjuvante. Este trabalho tem como objeto a análise de dois desses jornalistas, presentes nas obras *Onde está a Felicidade?* (1856) e *Coração, Cabeça e Estômago* (1862), sendo que na primeira, o jornalista é um profissional não nominado, tmm chamado de poeta e literato, e amigo do protagonista; enquanto na segunda, o jornalista é o protagonista, chamado Silvestre da Silva. Pretendemos, com esta análise, verificar a existência de críticas destinadas à Imprensa portuguesa do período. Para isso, utilizaremos trabalhos de pesquisadores da obra camiliana, além de trabalhos de pesquisadores da História e da Imprensa portuguesas do século XIX. A principal hipótese deste trabalho é a de que o autor utiliza uma face menos conhecida do grande público, que  irônica e sarcástica, para tecer críticas à Imprensa, setor ao qual estava intimamente ligado, por ter atuado tmm como jornalista. Assim, verificaremos que, embora apareçam de maneiras diferentes, tais críticas estão presentes em ambos os romances e são viabilizadas pelos personagens-jornalistas. Portanto, como resultados esperados, temos a representação em ambos os romances de um jornalismo com rotinas árduas e prazos curtos, e profissionais mal remunerados. Por outro lado, temos tmm o olhar negativo de Camilo quanto aos profissionais que utilizavam o jornalismo como instrumento para a busca de autopromoção e ascensão social.

Palavras-chave: Camilo Castelo Branco; *Coração, Cabeça e Estômago*; Imprensa; Jornalismo; *Onde está a Felicidade?*.

## PROJEÇÃO DE FUTURO E DISTOPIA EM “LODAÇAL”, DE ANDRÉ SANT’ANNA

Arnaldo Franco Junior  
arnaldo.franco-junior@unesp.br

O conto “Lodaçal” integra o livro *O Brasil é bom*, de André Sant’Anna, publicado em 2014. Neste conto, um narrador de 3ª pessoa, onisciente intruso, constrói a história narrada a partir de um exercício de imaginação: ele ficcionaliza futuros possíveis para duas crianças que moram em Brejo da Cruz, cidade ou aldeia marcada pela pobreza, pela desassistência do Estado e pela violência. Todas as projeções de futuro de Chiquinho e Toninho, os protagonistas das histórias imaginadas pelo narrador, são negativas: vida e/ou morte violentas, vício em drogas, ingresso no crime, permanência na marginalidade social, econômica e política. A esses futuros negativos em que as potencialidades da infância são reiteradas e sistematicamente frustradas corresponde, na narração, uma linguagem marcada por clichês, estereótipos, ideias prontas – automatismos decorrentes do (e/ou acionados pelo) determinismo social. Implacável, o destino das duas crianças é, revela o conto, regido por um determinismo que delimita as suas possibilidades de realização em razão de sua condição de pobreza e de inserção no (e limitação ao) Brejo da Cruz em que crescem, vivem e, em determinadas projeções, morrem. Esse determinismo se revela implacável, também, com o próprio exercício de imaginação realizado pelo narrador, que, ocupando a função de ficcionista/escritor, se vê limitado pelas possibilidades que o compromisso com a verossimilhança realista-naturalista – traço forte no sistema literário brasileiro - lhe impõe. Em “Lodaçal”, o exercício de projeção de futuro se articula, portanto, com a distopia, marcando os planos temático e formal da narrativa, que, por meio de uma abordagem teórico-crítica de base imanentista, exploraremos em nossa análise e interpretação do conto.

Palavras-chave: André Sant’Anna; Conto; Distopia; Ficção; Futuro.

## SHYLOCK DE AUTOR A RÉU ENTRE A NORMA E A JUSTIÇA EM O MERCADOR DE VENEZA, DE SHAKESPEARE

Azor Lopes da Silva Júnior  
azor.lopes@terra.com.br

O problema de pesquisa é focado a partir dos dois momentos da tragédia Shakesperiana - a celebração do contrato entre o judeu Shylock e o mercador Antônio, sob caução de uma libra de carne do peito do credor e o do julgamento perante o Doge - que revelam enredos conexos e uma trama na qual o maior espetáculo é a dialética hermenêutica entre duas forças distintas: o positivismo que marca a norma jurídica e o jusnaturalismo em sua busca pela equidade. O objeto da análise é a manobra manejada por Pórcia no exercício argumentativo de sua interpretação sobre as leis de Veneza, resultando numa inversão de valores que faz do credor reclamante, ao final, o réu condenado à expropriação de bens e ao banimento moral. No campo filosófico, discutir-se-á a busca

de equilíbrio entre a hipótese em que se opera o primado da abertura zetética na interpretação dos signos comunicativos normativos "versus" a segurança jurídica que o reducionismo das margens interpretativas oferece, pela precisão linguística dos elementos comunicativos. No referencial teórico, para a construção das hipóteses, estarão presentes Hans Kelsen, Gustav Radbruch e Robert Alexy.

Palavras-chave: Jusnaturalismo; Justiça; Norma jurídica; Positivismo; Shakespeare.

## “LADY CLARE”, UM ROMANCE TRADUZIDO NA “BIBLIOTHECA BRASILEIRA” DE QUINTINO BOCAIUVA

Odair Dutra Santana Júnior  
juniorodutrasantana@gmail.com

Na segunda metade do século XIX, foram publicadas algumas tentativas de coleções literárias no Brasil. Como afirma Isabelle Olivero (1999) para os casos franceses, estudar as coleções que se desenvolveram no período favorece e converge para estudos mais amplos, uma história cultural – e uma história literária, acrescentamos – que compreende leitores, autores e editores, entre outros. Entre as tentativas de coleção realizadas no Brasil, encontramos a “Bibliotheca Brasileira”, organizada por Quintino Bocaiuva, que tinha como objetivo facilitar a publicação de obras nacionais e também a aquisição dessas obras pelo público brasileiro. O primeiro número da "Bibliotheca Brasileira" saiu à luz em abril de 1862 e a coleção somou doze números, publicados no período de um ano, correspondentes a oito obras, entre elas "As minas de prata", de José de Alencar, e "Memórias de um Sargento de Milícias", de Manuel Antônio de Almeida. Apesar de seu propósito patriótico, foi publicado na coleção um romance traduzido sem indicação de autor ou tradutor. Era o romance “Lady Clare”, do autor francês Jules-Tardieu de Saint-Germain, publicado originalmente em 1859. Na ocasião dessa publicação, Bocaiuva apresentou um prefácio no qual demonstrou as dificuldades para manter com regularidade mensal a oferta de uma obra brasileira e justificou a escolha do romance em questão por conta da preferência do público brasileiro pelo gênero: “O romance é o gênero literário mais popularmente querido. A tese não precisa de demonstração” (BOCAIUVA, 1862). Nesta comunicação, apresentaremos e analisaremos o romance “Lady Clare” e o prefácio de Quintino Bocaiuva que acompanhou sua publicação no Brasil, em 1862, destacando o que a presença desse romance estrangeiro em um conjunto que se desejava nacional diz sobre as particularidades de leitura e de produção literária no Brasil, principalmente quanto à produção e ao consumo de romances no século XIX.

Palavras-chave: "Bibliotheca Brasileira"; Coleções; História literária; "Lady Clare"; Século XIX.

## A LUA VEM DA ÁSIA, DE CAMPOS DE CARVALHO, E A ROSA DO POVO, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: UM PARALELO POSSÍVEL

Sinvaldo Assunção da Silva Júnior

Esta pesquisa tem como objetivo interpretar o romance *A lua vem da Ásia*, de Campos de Carvalho, e o livro *A rosa do povo*, de Carlos Drummond de Andrade, a partir de uma análise comparativo-intertextual, levando-se em consideração a ironia, a postura crítica e a perplexidade perante o caos no mundo. Tanto o narrador-personagem do romance quanto o eu lírico de vários poemas de *A rosa do povo* são frutos de um momento em/ou pós-guerra, em que se instauraram, ao mesmo tempo, um desencanto e uma esperança débil nos rumos da humanidade. Assim, suas vozes estão em constante conflito, ora excessivamente amargas, desencantadas e irônicas com o ser humano e com a sociedade, porém às vezes desejosas de mudanças. Nesse sentido, é possível enxergar nessas obras vozes críticas e combativas e buscar, no contexto histórico em que elas foram escritas/publicadas, motivos para sua interpretação na qual se vislumbrem novos enfoques. Revisitar um autor canônico como Drummond, a partir de uma abordagem comparativa, é uma forma de estabelecer uma leitura do texto de Campos de Carvalho em que as possibilidades de análise transcendem o aspecto do *nonsense*, normalmente analisado quando se trata deste último. Tratam-se de autores contemporâneos (Drummond nasceu em 1902 e Campos de Carvalho em 1916), cujas obras possuem aspectos em comum, a saber: o uso da ironia, posição crítica frente às atitudes e anseios da humanidade (sobretudo concernentes à guerra), assombro ante o caos, a violência e a destruição, do mundo e dos seus valores. No entanto, sem simplificá-las como obras engajadas, inevitável não refletir sobre o seu caráter combativo, instrumento de resgate da consciência crítica do homem, na medida em que espelham a visão de mundo de um contexto específico que, muito tempo depois, ainda não foi superado. Como aparato teórico do campo das literaturas comparadas, partir-se-á, inicialmente, de alguns apontamentos de Laurent Jenny, especialmente em *A estratégia da forma*, direcionando as discussões às questões da intertextualidade. Também serão utilizados teóricos como Theodor W. Adorno, Mikhail Bakhtin, Walter Benjamin, Tzvetan Todorov, Wolfgang Kayser, dentre outros, na medida em que se tornam importantes ora para a reflexão teórica ora para a contextualização literária. Palavras-chave: Campos de Carvalho; Carlos Drummond de Andrade; Leitura comparada; Mundo caótico; Vozes perplexas.

## NARRAÇÃO E TESTEMUNHO EM LIMA BARRETO

Giovani Tridapalli Kurz  
giovanitk@gmail.com

A confusão entre biografia e ficção, no caso da obra de Lima Barreto, é exemplar. Apontado desde suas primeiras publicações como um autor cujo trabalho seria “confessional”, repleto de “amarguras íntimas”, como acredita ver Sérgio Buarque de Hollanda, e cujos personagens seriam “porta-vozes das suas próprias reflexões”, como afirma Lúcia Miguel Pereira, Lima teve, durante muito tempo, sua obra veiculada, e restrita, à relação que poderia manter com sua vida. O autor sempre caminhou, contudo, como é possível notar a partir de seus esboços e inscrições no Diário, em direção à consolidação de um projeto estético, progredindo no sentido de estruturar um projeto coeso, questionando estruturas dominantes da época e subvertendo, em geral pela sátira,

uma organização canônica da literatura. Nesta comunicação, dá-se voz, justamente, ao texto e ao processo de Lima Barreto, que, em boa parte de sua fortuna crítica, são deixados em plano secundário. Reavalia-se, desse modo, a partir de seus manuscritos, o percurso do autor, pensando menos em suas representações do Rio de Janeiro, em sua atenção aos cenários suburbanos e sua captura dos tipos pobres e marginais, além de possíveis projeções pessoais de marginalização e angústia, para dar protagonismo a seu texto, suas opções linguísticas e suas refundições, por meio de processos de reescrita, ao longo do tempo.

Palavras-chave: *Clara dos Anjos*; Crítica Genética; Lima Barreto.

### *MIL ROSAS ROUBADAS: AS MEMÓRIAS DO EU*

Leila Aparecida Cardoso de Freitas Lima  
leila\_freitas011@hotmail.com

Embasados em pressupostos da Teoria e Crítica Literária apresenta-se esta proposta de reflexão acerca da obra *Mil Rosas Roubadas* (2014) de Silviano Santiago. O tema concentra-se na relação entre o narrador e suas memórias no romance de Santiago; tendo como objetivo refletir sobre a problemática do ponto de vista adotado pelo narrador. Tal focalização gera a hipótese de que o narrador, a despeito de propor-se testemunha da história de Zeca no desenrolar do discurso narrativo, vai se tornando cada vez mais autodiegético, conforme a teoria de Gérard Genette. As memórias apresentadas pelo narrador fornecem a impressão de uma suposta necessidade de mergulhar no mais íntimo das lembranças do outro para buscar algum entendimento sobre si. Os métodos empregados restringem-se ao recurso da pesquisa de caráter dedutivo na área da teoria e crítica literária, além da contribuição da psicanálise. Para tanto, os autores, como o outrora mencionado, Gérard Genette (1979), Mikhail Bakhtin (1997), Jeane Marie Gagnebin (2006), Sigmund Freud (1930), Theodor Adorno (2003), George Lukács (2000), Clement Rosset (1976) entre outros serão convidados à discussão em momentos oportunos, no intuito de clarear a problemática a respeito do relacionamento conflituoso entre eu e outro e, por vezes, entre um eu profundo e um eu superficial, ou um outro que se instala no interior do eu. Com semelhante visada analítica no romance de Silviano Santiago, espera-se chegar na compreensão da necessidade do sujeito empírico - representado no sujeito ficcional - de estar sob a vigília permanente do olhar do outro. Em face dessa carência, mediante a morte do outro resta ao eu o processo de rememoração e escrita.

Palavras-chave: Narrador; Memória; *Mil Rosas Roubadas*; Silviano Santiago.

### *JOSÉ DE ALENCAR E A RECEPÇÃO INICIAL D'O GUARANI*

Lilian Tigre Lima  
liliandelima17@hotmail.com

José de Alencar, que tinha o “espírito crítico” e a “fibra de lutador” (BROCA, 1965, p.

23), acompanhou de perto e participou de modo incisivo dos debates em defesa de sua produção literária, contribuindo significativamente para o legado de uma imagem de si como escritor à recepção crítica que viria ter sua obra. Rotulado de “escritor de gabinete”, por supostamente faltar com a verdade sobre as regiões e os povos que pretendeu representar, o autor d’*O Guarani*, presença incontestável hoje no cânone, percorreu caminhos bastantes sinuosos até chegar à consagração. Considerando pelo menos quatro grandes figuras associadas a José Alencar na história de sua recepção crítica, a saber, as de “patriarca da literatura nacional”, “escritor de imaginação fértil”, “autor superado” e “contemporâneo de sua posteridade”, o objetivo desta comunicação, ao concentrar-se na primeira figura, é debater a recepção de sua obra de juventude, em especial d’*O Guarani*, entre os anos 1857 e 1860. De acordo com Bezerra (2012, p. 13), a primeira fase da recepção crítica da obra de José de Alencar marcou-se, sobretudo, pela avaliação positiva do teatro e pelo reconhecimento de sua qualidade quanto ao entretenimento, à moralização e à nacionalidade. Apesar da tão conhecida queixa do escritor pelo suposto silêncio inicial da imprensa periódica em relação a’*O Guarani*, conforme destacado mais tarde pelo próprio Alencar em “Como e porque sou romancista”, chama a atenção nesse período o tom elogioso ao livro, divulgado nos primeiros anúncios como “um bonito romance original brasileiro” e como “o primeiro romance nacional”. Logo, embora a época fosse do teatro (BROCA, 1979, p. 238), é interessante observar a força como *O Guarani* insere-se no cenário da crítica como a produção literária brasileira mais feliz e original no gênero romance pela sua correspondência com a cor local, a exploração da paisagem e a tematização do elemento indígena.

Palavras-chave: José de Alencar; Recepção crítica; *O Guarani*.

## O TEMPO NO CONTO “SANGUE NO SOL” DE ELISA LISPECTOR

Gilda Marchetto  
gildam@brturbo.com.br

Nos dezoito contos que compõem a obra *Sangue no sol* (1970), o primeiro livro de contos de Elisa Lispector, o conflito dramático vivido pelas personagens vem marcado pela consciência que adquirem em relação ao tempo e à sua irreversibilidade, conferindo unidade temática à obra. Ao revelar os dramas íntimos de suas personagens e evidenciar as pequenas tragédias pessoais, Elisa Lispector dilata, no fluxo narrativo, o tempo das experiências vividas. De acordo com Paul Ricoeur, entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana existe uma correlação: o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo e a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal (RICOEUR, 1994, p. 85). A partir dessas considerações, temos por objetivo investigar como a problematização do tempo no conto “Sangue no sol”, inserido na obra que leva o mesmo nome, revela o desencontro entre eu e mundo, marca do conflito vivido por Suzana que, ao abrir a janela e se deparar com a intensa claridade do sol que inunda toda a sala, entrega-se ao espetáculo que se descortina à sua frente e analisa o antes e o depois de vir morar no campo, sendo interrompida pelo suicídio do marido.

**Palavras-chave:** Elisa Lispector; Teoria da narrativa; Tempo.

## A CONTRIBUIÇÃO DE EDMONDO DE AMICIS PARA A FORMAÇÃO MORAL E CÍVICA DO BRASIL PÓS REPÚBLICA

Alexandre Marroni  
alexandremarroni@hotmail.com

A proposta deste trabalho é compreender duas obras do escritor italiano Edmondo de Amicis – *Cuore* (1886) e a *A mestra dos operários* (1895) – e relacioná-las à educação nacional após a implantação do regime republicano no Brasil. Tal relação é exequível a partir da obra *A Educação Nacional* (1895), de José Veríssimo. Com efeito, a obra *Cuore* (1886) circulou primeiramente na Itália, após a unificação nacional, a fim de desenvolver valores morais e cívicos no povo italiano, conforme ensinamentos de De Sanctis, em *Storia della letteratura italiana* (1982), que contribuíram ao tratar da historiografia literária italiana. Posteriormente, *Cuore* (1886) foi adotada pelo governo brasileiro, no contexto da Primeira República (1889 – 1930) para, assim como na Itália, resgatar os valores cívicos dos cidadãos, o que é evidenciado por Simões Junior, em *Estudos de literatura e imprensa* (2015). Ademais, a obra *A Mestra dos operários* (1895) também foi implantada na Itália durante seu processo de reconstituição e, mais tarde, circulou no *Jornal do Brasil* (RJ), entre julho e agosto de 1891, conforme aponta Bastos, em *Cuore, de Edmondo De Amicis. Um sucesso editorial* (2012), atraindo a simpatia da sociedade brasileira. Por conseguinte, fica evidente que as obras analisadas tiveram significativa acolhida no Brasil; inspiraram a elaboração de obras nacionais, adaptações e traduções; e, de certa forma, contribuíram para a formação das virtudes cívicas e morais e no fortalecimento do caráter nacional brasileiro no período da Primeira República.

Palavras-chave: Edmondo de Amicis; Formação Moral e Cívica; Literatura Italiana.

## FENIMORE COOPER, UM MODELO (OU NÃO) DE ESCRITOR DAS AMÉRICAS PARA JOSÉ DE ALENCAR: FICÇÃO E CRÍTICA EM FONTES PRIMÁRIAS

Lucas de Castro Marques  
lucascas.mar@gmail.com

No decorrer do “longo século XIX” (HOBSBAWM, 1992), sabe-se que o Ocidente foi palco de uma grande difusão cultural (GRUZINSKI, 2004) devido à circulação de impressos e ideias (CHARTIER, 1994), beneficiada pelos avanços tecnológicos que possibilitaram a intensa propagação de livros e jornais (ABREU & MOLLIER, 2016). Durante essa época, obras de escritores estrangeiros, em língua original ou em tradução, faziam-se cada vez mais presentes em livrarias e bibliotecas de diversos países, bem como figuravam nos textos dos jornais e nas discussões dos críticos literários, e assim estabeleciam e alimentavam o gosto pela ficção estrangeira junto ao público-leitor. No Brasil, esse foi o caso de muitos escritores franceses e de outras nacionalidades, a exemplo do norte-americano Fenimore Cooper, cujas obras circularam em livro e em folhetim, além de terem sido avaliadas por importantes críticos literários, tais como

Pinheiro Chagas, Araripe Júnior, Joaquim Nabuco e Franklin Távora. Considerando esse contexto, esta comunicação pretende demonstrar de que maneira a circulação e a recepção da ficção de Fenimore Cooper no Brasil contribuíram para que a crítica do século XIX o elegeisse como um modelo (ou não) de escritor das Américas para José de Alencar, talvez pelo fato de ambos terem representado, cada qual em seu tempo e segundo a sua maneira, a vida e a cultura dos índios. Para tal, vasculhamos e analisamos catálogos de livrarias, catálogos de bibliotecas, livros e jornais do século XIX – fontes primárias que nos permitiram compreender a presença das obras de Cooper, e de que forma a crítica as recebeu e parte dela as conduziu à construção de um modelo de escritor das Américas, no qual os demais literatos do grande continente deveriam se orientar.

Palavras-chave: Circulação; Fenimore Cooper; Fontes primárias; José de Alencar; Recepção crítica.

### A TRÍADE DE AMIZADE NO *SATÍRICON*, DE PETRÔNIO

Rebecca Miriã Ribeiro Martins  
rebecca\_martins94@hotmail.com

O presente trabalho tem como objetivo central analisar a amizade nas personagens do *Satíricon*, de Petrônio. Para tanto, recortamos uma relação específica, mantida por Encólpio e Gitão, os quais não agem somente em dupla, mas encontram-se, em certos momentos da narrativa, em uma relação formada por tríade. Sabe-se que o relacionamento mantido por essas personagens é, em um primeiro momento da obra, atravessado por Ascilto, o qual vai compor, juntamente com Encólpio e Gitão, a primeira tríade. Após o desaparecimento de Ascilto na trama, outra personagem passa a compor a tríade: Eumolpo, o velho poeta. Nesse sentido, objetivamos verificar como a amizade de Encólpio e Gitão modifica-se com a interferência das personagens Ascilto e Eumolpo nas respectivas tríades. Para discutir sobre o tema da amizade, recorreremos a obras antigas como *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, e *De Amicitia*, de Cícero, bem como obras modernas, tais como *Genealogias da amizade*, de Ortega (2002), e *A amizade no mundo clássico*, de Konstan (2005), sobre as quais nos debruçamos, sem a intenção de definir o que é a amizade, mas de trazer à luz os conceitos discutidos a respeito dessa relação. Com base nessas discussões, foi possível identificar e analisar, no *Satíricon*, o traço da amizade que se desenvolve na dupla composta por Encólpio e Gitão e estabelecer uma reflexão a respeito do que leva as duas personagens a se relacionarem nesse romance antigo romano.

Palavras-chave: Amizade na literatura; Petrônio; Romance antigo; Satyrica; *Satyricon*.

### INTERSECÇÕES E REPRESENTAÇÕES FEMINISTAS NOS “OPERÁRIOS” DE TARSILA E PAGU

Allana Bogado Mota  
allanabm@id.uff.br

Patrícia Galvão, mais conhecida como Pagu, apresenta em sua trajetória notórios feitos e produções: escreveu crônicas, poemas, romances. Foi, também, a autora de um

corajoso grito de indignação perante as atrocidades que aconteciam em sua época, o que lhe rendeu a categoria de primeira mulher presa política do Brasil. A autora abriu mão de sua vida para lutar pela libertação da alienação de tantas outras, e é nesse aspecto que seus caminhos cruzam-se com os de Tarsila do Amaral, que também mostra em suas obras uma sensibilidade à classe operária no país e que, assim como Pagu, foi presa para que fosse silenciada a sua voz, em plena ditadura Vargas. O presente trabalho, então, busca investigar as relações entre as representações feministas presentes no primeiro romance proletário, “Parque Industrial”, de Patrícia Galvão, assim como no quadro “Operários”, de Tarsila. Para isso, considera-se a perspectiva de um estudo comparativo sem deixar de abordar a representação do papel social e cultural da mulher em uma sociedade machista e patriarcal. Conta, portanto, com o aporte teórico de diversos autores, como Judith Butler, Michel Foucault, Simone Pereira Schmidt, Heloisa Buarque de Hollanda, Nádia Battella Gotlib, entre outros. Por meio deste, é possível compreender que as estruturas sociológicas acerca das questões de gênero estão presentes em uma análise intertextual relacionada à mimetização dos grupos marginalizados que se encontram nas obras selecionadas, incluindo suas influências e ideologias.

Palavras-chave: Feminismo; Patrícia Galvão; Tarsila do Amaral.

## DA PENUMBRA À LUZ: VISIBILIDADE COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA

Fernando Luís de Morais  
dmorays\_2@hotmail.com

Os negros vêm sendo, há muito, posicionados como inferiores, tendo sua cultura interpretada como subalterna ou menor. Não obstante a existência de uma experiência negra –farta de diversidade de sentidos –, visões e discursos totalizadores reforçam um mecanismo cruel de redução da humanidade e dos corpos desses sujeitos a uma mera questão fenotípica, empurrando-os à penumbra. A precarização das vidas negras – em especial a de indivíduos cujo gênero é tido como dissidente –, sob as quais pesam opressivamente o preconceito, o estigma e os impedimentos, traduz-se como consequência direta de um arranjo hierárquico arbitrário e coercitivo, fomentador de disposição assimétricas de poder e status. Como tentativa de debelar repressões e fazer frente aos padrões culturais cujos ditames revelavam e refletem uma voz exclusivamente branca e heterossexual, Campell e Kean (1997) defendem a necessidade de explorar diversos modos de expressão assertivos, capazes de provocar ruídos, de perfurar espessas camadas estruturais e miná-las, quebrando o “silêncio imposto”. Em vista disso, proponho, nesta comunicação, a apresentar alguns textos literários/letras de canções marcadamente quare em que é notável a presença de uma “voz liberada” (HOOKS,1989), expressa como expediente contrariador do discurso da tradição hegemônica branca cis-heteronormativa. Tenciono mostrar como a possibilidade de fala, de réplica do oprimido, e o discurso de emancipação são os fomentadores de uma contra-história, reescrita a partir de uma perspectiva outra, desafiadora de predisposições excludentes.

Palavras-chave: Analítica quare; Identidade de raça/etnia e gênero; Voz liberada.

## RELAÇÕES HIPERTEXTUAIS E SIMBÓLICAS ENTRE OS CONTOS “A MESA, O BURRO E O PORRETE”, DOS IRMÃOS GRIMM, E “O CONTO DOS TRÊS IRMÃOS”, DE J. K. ROWLING

Guilherme Augusto Louzada Ferreira de Morais  
gui\_amorais@hotmail.com

São comparados dois contos maravilhosos de nacionalidades e épocas distintas: “A mesa, o burro e o porrete”, dos irmãos alemães Jacob e Wilhelm Grimm, e “O conto dos três irmãos”, da autora inglesa J. K. Rowling, com o objetivo de evidenciar que o texto de Rowling muito se assemelha ao dos Grimm. Ao ler tais contos, percebe-se que ambos se enquadram no gênero do maravilhoso, compreendido por Todorov como o gênero em que há a presença do sobrenatural. Então, reconhecendo a contribuição dos irmãos Grimm para o compêndio universal dos contos de fadas, busca-se demonstrar que há elementos narrativos semelhantes nos dois contos. Além de todo o universo maravilhoso sob o qual os contos são construídos (presença de seres, objetos e acontecimentos mágicos que escapam do natural) e a hipertextualidade que se verifica, nos termos de Genette, no que diz respeito a elementos convergentes e divergentes observados, busca-se demonstrar a existência de um denominador simbólico em comum: o número três. Assim, recorrendo a obras e estudos que conferem o significado do número três, como os dicionários de Chevalier ou Cirlot, dentre outros, são analisados os dois contos e é demonstrada a recorrência do denominador comum, como na tripla luta contra o malfeitor (“H – lutas contra o malfeitor” e nas consequentes “J – vitórias sobre o agressor”), conforme demonstra Propp, na presença de três pessoas (geralmente três irmãos), e principalmente na oferta de três objetos mágicos, objetos estes que têm papel decisivo para o desenvolvimento da narrativa dos contos.

Palavras-chave: Conto maravilhoso; Irmãos Grimm; J. K. Rowling; Número três.

## ALICE MUNRO E UM TETO TODO DELA: A DONA DE CASA QUE ESCREVE OU A ESCRITORA DONA DE CASA?

Débora Spacini Nakanishi  
debora.nakanishi@gmail.com

Neste trabalho, pretendemos evidenciar como os desafios de uma vida no interior provinciano do Canadá influenciam no fazer artístico de Alice Munro. A escritora, hoje consagrada com o Prêmio Nobel de Literatura, em 2013, enfrentara dificuldades em achar espaço para escrever na sua rotina de esposa, dona de casa e mãe de três meninas. Seu primeiro marido, Jim Munro, com o qual fica casada por mais de 20 anos, fora um grande incentivador do trabalho de Alice, algo pouco usual e até mesmo visto como excêntrico no Canadá dos anos 50. Entretanto, mesmo com o apoio do marido, a vida de dona de casa e mãe não permite que ela tenha tempo de empenhar-se na tarefa de escrever. É um bebê chorando, um almoço a ser preparado, uma vizinha que bate na

porta para fofocar. Lembramo-nos, portanto, do ensaio de Virginia Woolf, “Um teto todo seu” (2014), publicado pela primeira vez em 1929, em que a escritora inglesa afirma ser necessário “um espaço, um teto todo seu e quinhentas libras por ano” (p. 102). O caminho percorrido por Alice Munro corrobora a afirmação de Woolf, pois apenas quando publica o primeiro livro, apesar de todas as dificuldades cotidianas, declara-se escritora e não mais apenas uma dona de casa que escreve. Ela passa a escrever profissionalmente, mas continua cuidando e zelando por suas filhas e vivendo uma vida simples no interior do Canadá. Um diferença fundamental acontece: ela é agora Alice Munro, a escritora, e não Alice, a esposa de alguém. Baseamo-nos no livro *Alice Munro: writing her lives* (2011), de Robert Thacker, e no ensaio “Um teto todo seu” (2014), de Virginia Woolf, a fim de confirmar como a vida de dona de casa que escreve difere da vida de escritora dona de casa.

Palavras-chave: Alice Munro; Canadá; *Um teto todo seu*.

## A REPRESENTAÇÃO DO GRUPO BAADER-MEINHOF COMO REAVALIAÇÃO DO TERROR

Manoela Caroline Navas  
manoelanavas@hotmail.com

Em março de 2002, cinco meses após o fatídico evento do 11 de setembro de 2001, Don DeLillo publica na revista norte-americana *The New Yorker* um conto chamado “Baader-Meinhof”, fazendo referência ao grupo alemão da década de 70 classificado como terrorista. Em um momento político buliçoso, o autor busca uma repaginação do grupo para concretizar sua posição em relação ao assunto principal do conto: se há sentido no terror, tópico tão em voga no momento em que vivemos, pós 11/09, de “guerra ao terror”. No conto, um homem e uma mulher encontram-se em um museu vendo pinturas escatológicas dos mortos do grupo Baader-Meinhof. Depois desse encontro, o homem, que não é nomeado na narrativa, já indicando a generalização do “inimigo” na estratégia de combate ao terrorismo, vai até ao apartamento da mulher e tenta assediá-la naquele local. Porém, a moça tranca-se no banheiro e espera que o homem vá embora. Ao sair do local, tem uma estranha sensação de que o mundo não é mais o mesmo. A imagem de terror é construída, inicialmente, pelas imagens do museu e depois reforçada pela tentativa de assédio do homem que a acompanha até seu apartamento. DeLillo utiliza-se da imagem histórica de um grupo terrorista conhecido por sua violência e combate ao autoritarismo para abordar criticamente as ações terroristas que lutam contra o sistema dominante e suas formas de representação nos discursos oficiais. Há ainda uma outra questão que guia o conto: a relação entre repulsa e atração, e sua perpetuação no paradigma apocalíptico proposto por Kermodé (1997). Assim, o objetivo desta comunicação é explorar as suscitações que o conto apresenta sobre a representação do terror e suas possíveis reverberações no estado geopolítico que vivemos.

Palavras-chave: *Baader-Meinhof*; Don DeLillo; Terror.

## HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM DIÁRIO DE BITITA, DE CAROLINA

## MARIA DE JESUS: IMPLICAÇÕES POLÍTICAS

Daniela de Almeida Nascimento  
adanielanascimento@gmail.com

Há diversos modos de se enfrentar o passado e todos estão relacionados a interesses, poder e exclusões (ARAÚJO e SANTOS, 2007). O Brasil vive hoje a culminância de uma crise política e ética que diz muito respeito à forma como lidamos com nosso passado – colonial, escravagista, autoritário. Nunca houve um lugar oficial para memória e reparação concernentes às nossas maiores tragédias, seja o genocídio de populações indígenas, a escravidão e seus desdobramentos ou o último período ditatorial iniciado em 1964. Não sendo uma questão enfrentada, esse “passado” insiste em se repetir. Segundo Le Goff (2013), a falta ou a perda da memória coletiva nos povos e nações pode resultar em perturbações graves da identidade coletiva. Daí a questão brasileira: a uma restrita classe dominante sempre interessou mais lidar com a história por meio de memórias seletivas e do esquecimento de modo a conciliar diferenças e forjar sua legitimidade. Nesse sentido, a literatura constitui um espaço simbólico privilegiado, pois é por meio da narrativa que as memórias adquirem sua dimensão compartilhada (HALBWACHS 2003; LE GOFF, 2013). Este trabalho propõe uma análise de Diário de Bitita para, primeiro, refletir sobre a relação entre história, memória, literatura e então examinar de que maneira o exercício de rememoração articula-se como criação de um espaço simbólico construção de identidade e suas implicações políticas (CANDAUI, 2012; HALL, 2003; POLLAK, 1989/1992; SELIGMANN-SILVA, 2008).

Palavras-chave: Identidade; Memória; Narrativa; Política.

## OUTRAS MACABÉAS: MULHERES NORDESTINAS E DESLOCAMENTO EM DOIS ROMANCES DE MARILENE FELINTO

Isabela Cristina do Nascimento  
nascimentoisabelacristina@yahoo.com.br

Este trabalho tem por objetivo analisar o deslocamento das protagonistas dos romances *As mulheres de Tijuco Papo* (1982) e *O lago encantado de Grongonzo* (1987) da autora Marilene Felinto, de modo a verificar como o movimento realizado atua na construção de suas identidades, problematizando, assim, a relação que se cria entre o espaço do sertão e o espaço da metrópole nas narrativas. O trabalho também abarcará a discussão sobre o lugar ocupado pela mulher nas relações sociais e intersubjetivas do sertão contemporâneo. Nos romances de Felinto, são diversos os aspectos que apontam para uma nova abordagem da migração nordestina, a começar pelo fato de que as personagens que protagonizam as histórias são mulheres migrantes e sozinhas. Essa nova perspectiva de representação também pode estar vinculada – ou não – a um domínio narrativo (voz e focalização) que interfere em sua composição. Ambas saem do espaço de origem para um espaço outro e, no entanto, retornam: deixam as metrópoles que as “criaram” e voltam às origens, buscando solução para suas crises identitárias. Segundo os estudos de Regina Dalcastagnè (2012), a produção contemporânea avança com outros significados para a questão do retorno de personagens para as regiões

agrárias de onde saíram. Com as proposições de Doreen Massey (2009) acerca da multiplicidade de histórias que compõem os espaços, será discutido como esse espaço produto de inter-relações interfere diretamente na construção ou desconstrução da identidade nordestina das personagens. Desvendar as mudanças que ocorrem em suas vidas desde a partida até as motivações do regresso – que não possuem relação com o fracasso social ou profissional – são pontos fundamentais para o desenvolvimento da discussão. Ademais, problematizar a relação de personagens femininas e mobilidade na literatura é um movimento necessário que une pontos antagônicos – já que grande parte das mulheres permanece imóvel na ficção brasileira.

Palavras-chave: Deslocamento; Espaço; Mulheres nordestinas; Narrativa contemporânea;

### O AMOR NATURAL COMO UMA RE-EXPERIMENTAÇÃO POÉTICA

Dibo Mussi Neto  
nettolinhares@hotmail.com

*O amor natural* representa, no conjunto da obra de Carlos Drummond de Andrade, momento marcante. É quando o amor se realiza em sua plenitude, expondo o seu contato mais íntimo, o íntimo suspiro da natureza humana. Nessa obra o poeta propõe “fazer uma síntese de modo a enobrecer as relações eróticas do amor”. Buscamos, portanto, expor neste trabalho como esse corpo poético se constrói na obra em questão, filiando-se a uma tradição milenar de poetas que cantaram a lírica de Eros e que, nas palavras de Moraes (2015), interrogaram “tais segredos para melhor conhecer o pacto entre a carne e a letra”. Drummond, ao revelar o amor natural por meio de versos, revela também um conhecimento profundo desse canto do amor que ecoa desde o mundo antigo e, mais do que isso, revela uma poesia inquieta que vai buscar na tradição já consagrada parte da sua força para cantar a lírica de Eros. Sua natureza moderna envereda-se por fôrmas e formas já cultuadas, reinventando-as, a exemplo do que já fizera em *Claro enigma* (1951), quando opta por uma re-experimentação poética, feita para cantar o tema do amor, que agora se liberta das amarras do constrangimento e realiza-se explicitamente, trocando farpas com o mundo caduco, que insiste em não o reconhecer como natural ou em mercantilizá-lo. Para fundamentar nossa reflexão, dentre outros, valemo-nos também de Gledson (1981), Paes (1983), Paz (1995), Villaça (2006), Marques (2009).

**Palavras-chave:** Carlos Drummond de Andrade; Tradição; *O amor natural*.

### O CORPO PERSEGUIDO E PRESO: MEMÓRIAS DE UMA TRAVESTI NA DITADURA

Cláudia Maria Ceneviva Nigro  
cmc.nigro@unesp.br

Luiz Henrique Moreira Soares  
luizhsoares83@gmail.com

A retirada dos corpos do espaço público e a conseqüente condenação ao cerceamento radical da liberdade é estratégia discursiva e violenta para estabelecer os limites da humanidade e do reconhecimento: trata-se de uma tarefa de controle da vida e controle da morte. As violências não apenas marcam historicamente os corpos como também os subjetivam – ainda que pela via da negatividade. Nessa comunicação, traremos uma autobiografia de Ruddy Pinho (1998), atravessada pelo período histórico da ditadura, sob a fundamentação dos estudos de gênero. Em “Liberdade ainda que profana”, a escrita de Ruddy flagra o processo de produção da autora e do corpo também perseguido e preso. O corpo de Ruddy fica na mira das truculências institucionais – demonstrando a historicidade das violências contra corpos travestis. A escrita de Ruddy tenciona um “real” forjado pela linguagem, demonstra a urgência do discurso, por vezes enunciado como vingativo: no ato de narrar constroem-se denúncias, desejos e memórias. Trafegam pelo discurso de Ruddy, as esposas dos generais da ditadura militar, as violências verbais e físicas sofridas, materializadas no texto de forma encoberta e irônica. A narrativa de Ruddy, na forma e no conteúdo do texto, apresenta-se como performance da produção de um corpo, mas também de uma vida possível: estereótipos de gênero são desconstruídos, evidenciando o processo tecnológico e discursivo de produção do “feminino”.

Palavras-chave: Autobiografia; Gênero; Rudy Pinho; Travesti.

#### MACHADO DE ASSIS CRÍTICO LITERÁRIO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ROMANCE *O GUARANI*

Sônia Mara Nita  
sonianita10@yahoo.com.br

Machado de Assis exerceu várias atividades como escritor, dentre elas a de crítico, apurando seu olhar clínico para a literatura, sendo este um de seus trabalhos iniciais, apesar de, ao longo da carreira, abdicar desta tarefa e dedicar-se à escrita dos romances. Neste sentido, este trabalho tem o propósito de discutir sobre Machado de Assis enquanto crítico literário, para tal, delimitou-se por analisar dois textos: “O passado, o presente e o futuro da literatura”, publicado em 1858 no periódico *A Marmota*, e o “Ideal do Crítico”, publicado no ano de 1865, no jornal *Diário do Rio de Janeiro*. A escolha deu-se pelo fato de terem como abordagem central o papel do crítico, portanto, serão analisadas as percepções de Machado quanto aos caminhos da literatura e ao desempenho do crítico, logo após essa visão geral, será posto em evidência o texto que escreveu em 1887, publicado como prefácio do livro *O Guarani* de José de Alencar, averiguando as críticas realizadas ao seu contemporâneo. Além de textos escritos pelos dois autores do século XIX, as publicações de Callipo, Dusilek, Azevedo, Faria, Jobim, Granja e Candido, sobre a crítica e a atuação de Machado de Assis como jornalista, nortearam as análises da pesquisa.

Palavras-chave: Crítica literária; Machado de Assis; *O Guarani*.

#### MULHERES APRISIONADAS: UMA ANÁLISE DOS CONTOS “DE UM CERTO TOM AZULADO” E “DE TORRE EM TORRE”, DE MARINA COLASANTI

Angela Simone Ronqui Oliva  
angelronqui@yahoo.com.br

Marina Colasanti é escritora contemporânea da literatura brasileira. Já escreveu mais de cinquenta obras, algumas destinadas ao público infantil e outras de temática adulta, bem como livros de gêneros diversos, tais como ensaios, nos quais, muitas vezes, demonstrou sua militância e seu desejo de lutar contra as desigualdades sociais em relação à mulher; além de crônicas, poesias, contos de fadas, contos e minicontos. Este trabalho tem o objetivo de verificar e analisar a temática da violência de gênero, presente em alguns contos da escritora. Nesse sentido, são analisados dois pequenos contos “De um certo tom azulado” publicado em 1986, na obra *Contos de Amor Rasgados*, e “De torre em torre”, presente em *23 histórias de um viajante* (2005). Pretende-se, pela análise literária, verificar como Colasanti, por meio de seu discurso narrativo conciso, consegue exprimir com exatidão e intensidade a temática da dominação masculina que, conseqüentemente, resulta no aprisionamento das mulheres. Prisão esta provocada por um homem, fazendo-nos refletir sobre a condição de inferioridade feminina em nossa sociedade, que, mesmo na contemporaneidade, ainda possui valores machistas e patriarcais. Sendo assim, nos contos estudados neste artigo, a mulher é sempre vítima e não consegue ter voz, nem se livrar do aprisionamento que sofre por parte de seu companheiro. As atitudes e valores machistas e patriarcais anulam a identidade das personagens que não conseguem se livrar do domínio masculino. Palavras-chave: Aprisionamento; Conto; Marina Colasanti; Mulheres.

#### ASPECTOS PSICOLÓGICOS NA CONSTRUÇÃO DA BURGUESIA EM *THÉRÈSE DESQUEYROUX* (1927), DE FRANÇOIS MAURIAC

Andressa Cristina de Oliveira  
andressa.oliveira@unesp.br

François Mauriac é um escritor francês do século XX, ganhador do Prêmio Nobel, contudo, atualmente, pouco conhecido e estudado no Brasil. Sua obra revela grande atualidade de temas graças ao desenvolvimento bastante aprofundado que dá à psicologia de seus personagens. O autor analisa seus sentimentos, caráter, reflexões e comportamento de forma bastante verossímil, permitindo-nos descobrir os recônditos da alma humana, conhecê-los melhor e, melhor compreender os outros. A isto, acrescenta-se a crítica à religião, embora pouco atual em relação a nossa contemporaneidade, e a crítica social, que ainda permanece atual. Em seus romances, Mauriac nos mostra uma sociedade demasiadamente preocupada com valores materiais, tais como o dinheiro, a propriedade privada, a reputação social, e pouco ligada a valores espirituais. Isso aniquila a sanidade psicológica dos personagens e suas relações entre si, impedindo-os, também, de serem livres, tornando-os dependentes em variados aspectos de suas vidas. Dessa forma, aqui, escolhemos analisar a questão da liberdade e da dependência no meio social burguês de Thérèse Desqueyroux, personagem principal da obra homônima publicada em 1927. Ela é uma das personagens da obra de Mauriac que deseja viver de forma diferente de sua família, sobretudo com mais liberdade. Contudo,

esse desejo lhe custa a incompreensão e a recusa de seu meio. Nesta obra, evidenciam-se temas como a solidão, o desespero, o sufocamento, que causam o crime cometido por uma mulher incompreendida devido à cegueira das pessoas que a cercam, presas a tradições, estereótipos, conveniências e preconceitos ligados ao dinheiro e ao poder. Em nossa breve análise, destacaremos como Thérèse se sente aprisionada e sua necessidade de libertação, mesmo que seja por meio da tentativa de um crime. Como inspiração para escrever esta obra, Mauriac se baseou em uma história real, de uma mulher de Bordeaux chamada Blance Canaby que tentou envenenar seu marido. Vale ressaltar, ainda, que o personagem de Thérèse Desqueyroux é recorrente na obra de Mauriac, aparecendo em outras obras, como *La fin de la nuit*, *Thérèse chez le docteur*, e *Thérèse a l'hôtel*.  
Palavras-chave: Burguesia; Mauriac; Narrativa francesa do século XX; Personagens; Thérèse Desqueyroux.

### O MÉTODO RECEPCIONAL COMO METODOLOGIA NO ENSINO DE LITERATURA ATRAVÉS DA RECEPÇÃO DA OBRA MINHA VIDA DE MENINA, DE HELENA MORLEY

Clóvis Maurício de Oliveira  
clovis.oliveira4@etec.sp.gov.br

O presente trabalho tem por objetivo, a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção (ISER, 1999 e 1996), investigar a formação do leitor literário aplicando os conceitos na recepção da obra “Minha Vida de Menina” (1942), de Helena Morley, em uma pesquisa com alunos do terceiro ano do ensino médio de uma escola técnica pública. Essa pesquisa será feita por meio de análise de fortuna crítica da obra, além de uma sequência didática baseada no método recepcional, prática pedagógica que as teóricas Aguiar e Bordini (1993) sugerem como caminho a se pensar o texto em sala de aula, com uma sistematização de atividades de leitura a partir desse método e análise da recepção dos alunos. Parte-se da hipótese de que a obra em questão possui potencialidades para romper com conceitos prévios dos leitores associados à leitura de textos do cânone, haja vista o fato de ser escrito no gênero textual diário pessoal por uma narradora adolescente, além de ser obra de leitura obrigatória para o Vestibular da FUVEST e oferecer, dado o fato de apresentar um retrato da vida cotidiana do final do século XIX, uma oportunidade de estabelecer interdisciplinaridade com as áreas de História e Sociologia, bem como para ampliar seus horizontes de expectativa sobre as relações humanas em sociedade, com vistas a obter como resultado a sugestão da inclusão do método recepcional na grade do componente curricular de Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional dos planos dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do Centro Paula Souza.

Palavras-chave: Estética da Recepção; Formação do leitor; Literatura juvenil.

### A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA LITERATURA DE CORDEL: PASSADO VERSUS PRESENTE

Letícia Fernanda da Silva Oliveira  
leticiafsoliveira@gmail.com

É fato que, durante séculos, a mulher negra foi objeto de representações estereotípicas na literatura. Ora estão no centro de discursos que as representam hiperssexualizadas, ora as colocam na condição de indesejadas, malvistas. Paralelamente ao discurso oficial, a Literatura de Cordel produzida no século XX retoma a imagem da mulher negra, tornando-a também alvo de discursos pejorativos e violentos, perpetuando essas imagens negativas durante décadas a fio, estabelecendo que esses estereótipos se sedimentem no imaginário do público leitor/ouvinte. Em contraponto, na contemporaneidade, surgem poetas como Jarid Arraes, que pretende promover a ressignificação da imagem da mulher negra nos cordéis que escreve. Tal fato não só mostra a importância de uma cordelista negra tomar a voz e contar as histórias a partir de seu próprio ponto de vista, como também o valor do uso de seus versos para valorizar os feitos de mulheres que por muito tempo permaneceram à sombra da historiografia e da literatura. Desta forma, podemos constatar que Arraes usa a sua escrevivência, como cunhou Conceição Evaristo, para colocar a mulher negra no centro do discurso, sempre de maneira positiva. Pretendemos então demonstrar como a autora contrapõe-se aos cordéis escritos no século passado, não só dando voz às mulheres, mas também impondo-se contra uma cultura historicamente misógina e racista. Palavras-chave: Estereótipo; Jarid Arraes; Literatura de cordel; Mulher negra; Ressignificação.

## A PRESENÇA DO CINEMA NO ROMANCE BRASILEIRO: DA VANGUARDA AO CONTEMPORÂNEO

Marília Corrêa Parecis de Oliveira  
marilia.parecis@gmail.com

Literatura e cinema compartilham estratégias narrativas comuns: algumas que a literatura ofereceu ao cinema e outras que a arte cinematográfica ofereceu à literatura. Dessa forma, é possível dizer que o cinema, por muito tempo, buscou sua inspiração em obras literárias, contudo, tempos depois, em meados do século XX, a literatura é que foi buscar na cinematografia elementos linguísticos que produziram mudanças na construção das narrativas ficcionais. Nesse sentido, quando nos situamos na contemporaneidade, constatamos que tal aproximação já não visa à experimentação estética das vanguardas modernistas, mas, sim, incorpora à produção literária estruturas que têm certo apelo mercadológico. A presente comunicação almeja discutir, portanto, à luz dessas reflexões, duas obras literárias: “Amar, verbo intransitivo” (1927), de Mário de Andrade, e “Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios” (2005), de Marçal Aquino. No Brasil, a obra de Mário de Andrade resume de modo sintomático a estreita relação de nossas vanguardas literárias com a estética cinematográfica. Entusiasmados com as possibilidades de experimentalismo estético que o cinema oferecia à forma literária, os modernistas utilizaram o cinema como procedimento para reproduzir o efeito de “simultaneidade”, imprescindível para a expressão das transformações efervescentes da vida moderna. Contudo, a partir da década de 60, quando a indústria cultural se consolida de fato e se expande no Brasil, a relação da literatura com

diferentes mídias, segundo Schøllhammer (2009), ganha outra dimensão, de modo a não ser mais um recurso utilizado simplesmente para revitalizar e renovar formas literárias, mas, sim, produz formas narrativas análogas aos meios audiovisuais e digitais, tal como o que o autor chama de “escrita roteirizada”. Desse modo, refletiremos, por fim, sobre o romance “Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios” com o intuito de analisar de que maneira essa obra reelabora as estratégias cinematográficas na contemporaneidade.

Palavras-chave: Cinema; Contemporaneidade; Intermidialidade; Literatura; Modernismo.

## A MILITÂNCIA POLÍTICA DE KATERINA GÓGOU: SEMELHANÇAS ENTRE O TERRORISMO ANARQUISTA GREGO E A AMEAÇA DE CRIMINALIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS BRASILEIROS

Nicolas Pelicioni de Oliveira  
nicolas.pelicioni@unesp.br

A poesia de Katerina Gógou, sempre apontando as desrazões da brutalidade, deparou-se certa vez com uma acusação de terrorismo. Essa acusação acabou retratada no livro *O mês das uvas geladas* (1988) nos seguintes termos: “Terrorismo: Domino por meio da / Violência. Terror. / E terrorista quer dizer o quê? / Não quero a resposta dos que o inventaram / Peço a resposta dos sem fôlego.” Posteriormente, em obra póstuma, a poesia gogueana denunciara a morte de quatro manifestantes, dentre eles, o adolescente Michael Kaltézas (1970-1985), no conflito que deu origem ao movimento anarquista grego. No Brasil, o governo PSL já demonstrava interesse em criminalizar movimentos sociais antes mesmo da posse do presidente, como atesta a manchete do jornal *Estadão* (31.out.2018): “Proposta de Bolsonaro, votação da ampliação da lei antiterrorismo é adiada no Senado”. Essa criminalização teria como alvo políticos da oposição, nomeadamente, Guilherme Boulos (PSOL), cuja participação em debate promovido pela Universidade de Brasília (UnB) foi aproveitada como motivo para cortes orçamentários a essa universidade (Folha de S. Paulo 30.abr.2019). A similaridade dos acontecimentos políticos gregos e brasileiros, ainda que em continentes diferentes e separados por um período de cerca de trinta anos, tanto abre possibilidades interpretativas a respeito do que terá sido o terrorismo em relação a Katerina Gógou quanto uma possível previsão dos caminhos que a política pode tomar no Brasil. A presente comunicação pretende colocar lado a lado essas duas realidades políticas de modo a lançar luz sobre o contexto em que Katerina Gógou produziu sua obra poética.

Palavras-chave: Katerina Gógou; Militância política; Poesia engajada.

## A PRESENÇA DO DISCURSO DE REVOLUÇÃO NAS CANÇÕES-POÉTICAS DE RENATO RUSSO

Elisângela Maria Ozório  
profelisma@gmail.com

Octavio Paz (1993), no livro *A outra voz*, pensa a capacidade da poesia ser um ato de revolução, considerando como significado dessa palavra não somente a mudança drástica de regimentos governamentais, conquistada por meio de lutas e batalhas corporais. A revolução, conforme Octavio Paz, corresponde à destruição de antigos comportamentos e à criação de novos, pois destrói-se a tradição e cria-se o inovador. A literatura, principalmente a poesia, participa e usufrui da destruição do tradicional para criar o novo a partir do aproveitamento do antigo. Dessa maneira, ao destruir, a literatura e a poesia propõem mundos novos, baseados em uma espécie de utopia. A obra do poeta-compositor Renato Russo participa da ação destruição-criação da poesia que se realiza com a música. Apresentando uma letra musical que usa a linguagem poética, Renato Russo tenta destruir uma tradição que se impôs nos meios literários acerca da condição de superioridade da poesia escrita sobre a poesia vocalizada presente nas músicas, ao mesmo tempo em que, na temática, sugere a destruição de um real que se representa por uma sociedade em declínio. Sobre a primeira proposição, Renato Russo busca restaurar a poesia clássica através de sua inclusão nos versos do rock, ao passo que o real representado cede temporariamente à fragilidade de uma utopia. Canções como “Monte Castelo” (1989) e “Flores do Mal” (1997) apresentam direta ou indiretamente uma releitura da poesia escrita, onde acontece uma simplificação da linguagem para acompanhar uma música simples, de fácil memorização, mas que pode ser cantada e experimentada por todos. Tais canções proporcionam-nos a percepção de uma crítica sobre a recriação de real imperfeito para a construção da utopia. Assim, o artigo procura refletir se as canções de Renato Russo apresentam uma revolução que interage com as políticas literárias.

Palavras-chave: Canção; Poesia; Renato Russo; Revolução.

## PERSPECTIVAS DO SONHO EM O VENDEDOR DE PASSADOS E A SOCIEDADE DOS SONHADORES INVOLUNTÁRIOS, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

João Gabriel Pereira Nobre de Paula  
joplis17@gmail.com

O presente trabalho tem por objetivo verificar de que diferentes formas o sonho é configurado dentro de algumas elaborações romanescas do escritor angolano José Eduardo Agualusa. A fim de cumprir tal prerrogativa, interessa-nos, inicialmente, a busca por ampliar a conceituação de sonho, visto primariamente como estado oposto ao da vigília, o qual pode ser tomado como passível de uma faceta de comunicabilidade com seres divinos ou sagrados, como nos apresenta Adélia Bezerra de Meneses na obra *O sonho e a Literatura: Mundo Grego*, bem como elevada à condição de esperança, como no sonho acordado, conceito abordado por Benjamin Abdalla Jr em sua obra *De voos e Ilhas: literatura e comunitarismos* (2003). Em seguida, tomaremos como ponto de materialização destas significações as obras *O vendedor de passados* (2004) e *A sociedade dos sonhadores involuntários* (2017). Podemos destacar que, em um primeiro

momento, os romances escolhidos parecem pretensamente evidenciar processos díspares pelos quais o autor trabalha o sonho como componente material de suas obras (O vendedor de passados apresenta, na figura da personagem Eulálio, uma osga responsável por conduzir a narrativa, sonhos que tangenciam o fio principal, mas que se materializam como espaços de importantes discussões, enquanto A sociedade dos sonhadores involuntários centraliza tematicamente o onírico, responsável por ligar as personagens presentes na obra). Em um segundo momento, tais enredos apresentam certa similaridade com relação à configuração do sonho como esperança da construção de um novo futuro à nação angolana, seja revisitando o passado, seja caminhando para a elaboração de uma nova ordem social, seja pensando na modificação de comportamentos e camadas da sociedade.

Palavras-chave: José Eduardo Agualusa; Literatura Angolana; Literatura e Sociedade; Sonho.

## POEMA ITAN AFRO-BRASILEIRO: O "MEU ROSÁRIO" DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Leandro Passos  
leandro.passos@ifms.edu.br

Ciente da importância da ancestralidade africana, Conceição Evaristo é modelo para o debate sobre o feminismo negro no Brasil e, também, no exterior. Fazer a leitura da escritora afro-brasileira requer o pensamento descolonizado que possa voltar-se para o grupo ao qual pertence desprovido de preconceito, valorizando a ancestralidade do povo negro. Este olhar contribui para a extinção de práticas e de discursos racistas dentro e fora da Universidade, seja pública ou privada, dos muros escolares e, também, revisita questões atreladas ao currículo. Por isso, nesta comunicação, propomos refletir sobre o conceito de matriz africana Yalodê - termo pertencente ao idioma africano iorubá que faz menção à mulher como um ser guerreiro, detentor de poder de ação e de liderança - a partir da escrevivência da autora e do poema “Meu rosário”, presente na obra *Poema da recordação e outros movimentos* (2008, primeira publicação). Para tanto, serão levados em consideração os estudos da própria autora, bem como os de Machado (2014), Fanon (2008) e os do Grupo de Estudos Subalternos latino-americanos por inserirem conceitos como “decolonialidade” (GROSSFOGUEL, 2008), “colonialidade do poder” (QUIJANO, 2005), “giro decolonial” (MIGNOLO, 2007). Este trabalho faz parte da pesquisa de pós-doutorado (Proc. número 990/2018-19) em andamento na UNESP/IBILCE-SJRP.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Escrevivência; Gênero; Poesia; Raça.

## DIONISISMO, MENADISMO E IRRACIONALISMO EM AS BACANTES, DE EURÍPIDES

André Luiz Gardesani Pereira  
gardesani.a@gmail.com

*As Bacantes*, tragédia escrita em 405 a.C., por Eurípides, representa um incomparável documento histórico sobre a religião dionisíaca e os mistérios báquicos na Grécia antiga, podendo ser considerada como a mais completa fonte de informações que possuímos a respeito do culto, do qual se originou a tragédia grega clássica. Eurípides incorporou à peça diversos elementos mítico-rituais do culto a Dioniso, com os quais teve contato durante o exílio na longínqua Macedônia. De fato, a peça retrata, com riqueza de detalhes, aspectos importantes do culto dionisíaco: a fuga para as montanhas e as danças frenéticas (oreibasia), a morte por despedaçamento (sparagmos) e a ingestão de carne crua (omofagia). Dentre as interpretações que privilegiam perspectivas irracionais da peça e que serviram de arcabouço teórico para o desenvolvimento do presente estudo, encontram-se as de Winnington-Ingram (*Euripides and Dionysus an interpretation of the Bacchae*), de Dodds (*Euripides the Irrationalist*) e de Nietzsche (*A visão dionisíaca do mundo* e *O nascimento da tragédia*). O objetivo geral consiste em analisar a incorporação, por parte do dramaturgo, dos elementos ritualísticos do culto dionisíaco, do menadismo e do irracionalismo à obra estudada. Objetiva-se, ainda, demonstrar que a função pedagógica da tragédia, ao revelar erros e vícios que não devem ser cometidos, educa o espectador ou o leitor. A “força educativa” originária de *As Bacantes* adverte que todos aqueles que desdenham dos deuses, devem, atentando para a morte de Penteu, acreditar na divindade. Como resultado, obter-se-á uma melhor compreensão a respeito da experiência imediata e libertadora do divino e como ela pode auxiliar no trato dos problemas mais profundos da existência e do espírito humano. Palavras-chave: *As Bacantes*; Dioniso; Eurípides; Irracionalismo; Tragédia grega.

## ANÁLISE DO DISCURSO LITERÁRIO: UM OLHAR PARA A OBRA DE ARNALDO ANTUNES NA PERSPECTIVA DE MICHEL FOUCAULT

Anísio Batista Pereira  
pereira.anisiobatista@ufu.br

O cantor, compositor e escritor brasileiro Arnaldo Antunes surge no cenário artístico no denominado “rock dos anos 80”, como integrante da banda Titãs, cuja composição de músicas o leva para o campo da literatura livresca. Pelo período em que se dá sua emergência na escrita, é classificado como pertencente à literatura contemporânea, cuja característica de suas poesias mistura diferentes tipos de mídias: escrita, imagem e áudio, fator que lhe atribui certa singularidade nesse contexto de produção brasileira. Outro ponto peculiar desse escritor é a abordagem sobre a infância em sua poesia, traço bastante recorrente em sua obra, que em alguns livros ocorre a aliança entre figuras e escrita, provocando efeitos de sentido diversos para representar o universo da criança. Nesse contexto, com este trabalho, objetivamos refletir sobre a constituição do sujeito nos poemas desse poeta, que se materializam nos enunciados de sua escritura. Como sinônimo de um livro que marcou sua trajetória até o momento, *As Coisas* (1992) será nosso corpus para análises. Como suporte teórico-metodológico para este estudo, o filósofo Michel Foucault (1996; 2007; 2008, 2016) nos servirá como pano de fundo,

para as problematizações de sujeito, discurso, vontade de verdade e (modos de) subjetivação. A nossa hipótese é que o sujeito materializado nas poesias do referido livro se constitui a partir de aspectos ligados à infância, pela repetição e curiosidade em relação ao mundo que o cercam, criações e relações ora inusitadas, ora nos parecem ingênuas. Permeados por uma sintaxe reduzida, os enunciados são formulados por escolhas lexicais de pouca complexidade, revelando o lugar/posicionamento desse sujeito ligado à infância.

Palavras-chave: Arnaldo Antunes; Discurso; Literatura brasileira; Sujeito.

### A CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS MELANCÓLICOS EM CAIO FERNANDO ABREU – UMA LEITURA DE “SEM ANA, BLUES” E “DIANTE DE UMA GRANDE DOR”

Daniella Sigoli Pereira  
daniellasipereira@hotmail.com

No presente trabalho, desenvolvemos a análise dos contos: “Sem Ana, Blues”, integrante do livro *Os dragões não conhecem o paraíso*, composto por treze histórias cuja temática central é o amor e seus possíveis desdobramentos, publicado em 1988, e “Pela passagem de uma grande dor”, pertencente à obra *Morangos mofados*, composto por 18 contos, de 1982, ambos de Caio Fernando Abreu. Nossa análise-crítica se dá a partir dos elementos linguísticos textuais, que compõem a narrativa, bem como sua posterior articulação por meio de uma discussão teórica acerca da melancolia para evidenciar algumas características intrínsecas das personagens protagonistas que nos levaram a denominá-las como personagens melancólico-solitárias a partir das definições de Freud e seu livro *Luto e melancolia* e de Igor Caruso e sua obra *A separação dos amantes*. Por meio da análise dos dois contos, buscamos demonstrar como, por vezes, a situação dramática recorrente na literatura de Caio Fernando Abreu do amor e dos seus desdobramentos, em específico aqui tratado neste trabalho, na relação entre amor e rompimento, é capaz de instaurar toda uma existência e ambientação de personagens melancólicas que, apesar de não encontrarem a solução para esse desvio psicanalítico doentio, persistem e não veem a desistência da vida como uma forma de escape.

Palavras-chave: Caio Fernando Abreu; Melancolia; Persistência.

### ÊNFASE NA FORMAÇÃO DO LEITOR MIRIM: RECEPÇÃO DE FÁBULAS, DE MONTEIRO LOBATO

Fabricia Jeanini Cirino Pinto  
fabriciajeanini@gmail.com

Este trabalho tem por objetivo relatar os resultados obtidos com a recepção do livro *Fábulas*, de Monteiro Lobato (1973), com crianças do 5º ano do Ensino Fundamental, de uma escola municipal do município de Maracá – SP. Para tanto, utilizou-se o Método Recepcional, de Bordini e Aguiar (1993) – calcado nos pressupostos teóricos da Estética da Recepção (JAUSS, 1994; ISER, 1996 e 1999) –, o qual implica participação

ativa e criativa na leitura e recepção. Para essa atividade, foram realizadas leituras de algumas fábulas dispostas na obra de Lobato (1973), visando ao estabelecimento de dialogia com outras de escritores diversos e à produção de histórias em quadrinhos. Os PCNs sugerem, como metodologia para o trabalho com os objetos de ensino de Língua Portuguesa, partir de atividades que envolvam o uso da língua, como produção e compreensão de textos orais e escritos em diferentes gêneros textuais, seguidas de reflexão sobre a língua e a linguagem, a fim de aprimorar as possibilidades de uso. As histórias em quadrinhos permitem uma integração entre a linguagem verbal e a visual. Esse gênero textual vem se consolidando como um importante instrumento de expansão cultural e de formação educacional, e é através dos quadrinhos que a maioria das crianças entra em contato com as linguagens viso-verbais e também com as narrativas, permitindo a ampliação do gosto pela leitura.

Palavras-chave: *Fábulas*; História em quadrinhos; Monteiro Lobato; Recepção.

## A POETICIDADE E POÉTICA DE CLARICE LISPECTOR EM “O OVO E A GALINHA”

Letícia Coleone Pires  
leticia.coleone.p@gmail.com

Para haver uma narrativa poética é necessário não somente um trabalho diferenciado com a linguagem, apesar de esse ser o principal fator, mas também um tratamento especial ao que se refere às perspectivas da personagem, sua visão do mundo, refletindo diretamente nas percepções, vivências. Além desses fatores, um texto narrativo com elementos poéticos, faz com que as categorias narrativas sejam perturbadas, recebendo novas significações, por exemplo, há uma abordagem singular do tempo, do espaço, enredo, como nos aponta Jean-Paul Tadié, com *Le récit poétique*, e Ralph Freedman, com *The lyrical novel*. É justamente por tais aspectos que Clarice Lispector se destaca no cenário nacional, ao lado, por exemplo, de escritores como Guimarães Rosa, construindo obras que são praticamente impossíveis de serem analisadas sem um olhar atento para a língua, para o modo como a narrativa foi construída. Essa proeminência do viés poético foi destacada desde o lançamento do primeiro livro de Lispector, *Perto do coração selvagem* e tomou força principalmente com os contos – devido a sua extensão - tornando-se assim, um dos elementos de poética clariciana, ao lado de temáticas ou estratégias de escrita como: o instante exemplar, cercamento da palavra, acarretando a busca pelo primordial, a relação eu e outro, a importância do olhar, entre outros. Para exemplificar a manifestação da poeticidade na obra de Clarice Lispector e também evidenciar alguns elementos que constroem sua poética, será analisado o conto “O ovo e a galinha”, que compõem o livro *A legião estrangeira*.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Conto; Narrativa poética,

## O EXPRESSIONISMO EM *O JOVEM TÖRLESS*, DE ROBERT MUSIL

Nadson Francisco do Prado

O foco deste trabalho é o estudo do Expressionismo, no qual se busca compreender de que modo a narrativa de *O Jovem Törless*, obra de estreia do escritor austríaco Robert Musil (1906), utiliza-se de recursos do movimento estético de vanguarda expressionista, a saber, os estados de angústia, de perturbação, o feio e o disforme, bem como a intensificação das tensões que se estabelecem ao longo do romance entre o sujeito e o mundo em que vive. Ainda que fortemente enraizado na pintura e na poesia, o Expressionismo também encontrou expressão e ressonância no gênero romanesco, e os elementos que podem contribuir para tal construção, segundo Roger Cardinal, em sua obra *O expressionismo* (1984), referem-se à subjetividade como forma de perceber o real, pois o impulso que caracteriza a arte expressionista desafia o leitor a não só reconhecer-se no mundo, mas também de refletir sobre o modo como reconhece a si mesmo, o outro e seus próprios sentimentos. Nesse sentido, este trabalho visa compreender de que maneira o Expressionismo se incorpora ao gênero romanesco, localizando quais de seus recursos aparecem configurados na narrativa de *O Jovem Törless*, criando um discurso que exacerba ainda mais as perplexidades vividas pelo herói do romance.

Palavras-chave: Expressionismo; Modernidade; Romance; Vanguarda.

O LIVRO DENTRO DO LIVRO DENTRO DO LIVRO (...): A CENOGRAFIA  
PARATÓPICA DA ANTOLOGIA DA LITERATURA FANTÁSTICA, DE BIOY  
CASARES, BORGES E SILVINA OCAMPO

Gustavo Primo  
primo.gust@gmail.com

Em 1940, os escritores argentinos Adolfo Bioy Casares, Jorge Luis Borges e Silvina Ocampo lançaram, pela Editorial Sudamericana, a *Antologia da Literatura Fantástica* (ALF), reunindo o que acreditavam ser o melhor desse tipo de literatura. Desde então, várias edições foram publicadas na Argentina, e em outros países, por diferentes casas editoriais. A cada edição, a ALF sofreu variações na ordem, agrupamento e quantidade de textos, além de transformações no projeto gráfico do livro, criando cenografias que encarnam imaginários dos editores e do público leitor/consumidor sobre a literatura fantástica em cada contexto. Assim, tendo como base teórica os estudos de Dominique Maingueneau (2006) sobre o discurso literário, olharemos para a edição brasileira da ALF, lançada em 2013 pela Cosac Naify, focando-nos no modo como sua cenografia discursiva articula aspectos textuais, paratextuais, gráficos e materiais do livro para engendrar uma paratopia, ou seja, um constante jogo entre lugar e não-lugar, apagamento e expressão, presente de maneira constitutiva no enunciado literário. No caso da ALF, essa cenografia provoca uma sensação de vertigem no leitor, que busca em vão uma suposta origem dos textos ali contidos, como se se olhasse para um abismo sem fim. Esse tipo de análise se faz numa busca de entender a produção do livro como processo que envolve uma rede vasta de criadores e procedimentos, em especial no tempo presente, marcadamente um período de grande evolução das técnicas editoriais. Este trabalho faz parte da pesquisa com bolsa FAPESP - Proc. número 990/2018-19.

Palavras-chave: Antologia da Literatura Fantástica; Cenografia Discursiva; Discurso

Literário; Materialidades do Literário; Mediação Editorial.

## DO EXTRAVIO DO REAL: Verão de 80, de Marguerite Duras

Mariana Bisai Quillici  
mary\_marybq@hotmail.com

O verão de 80 é uma das obras menos estudadas de Marguerite Duras. O livro consiste na reunião de 10 crônicas escritas para o jornal Libération durante o verão do conturbado ano de 1980. O convite para que a escritora produzisse as crônicas foi feito por Serge July, cofundador do jornal e diretor do mesmo entre os anos de 1973 e 2006. No prefácio do livro temos registradas as angústias da escritora que acompanharam o convite e a negociação entre Duras e July sobre como se daria essa escrita. É importante entender a sensibilidade do prefácio na construção e organização do livro, ele nos aparece como uma justificativa daquela escrita que consiste na segunda publicação das crônicas, inicialmente publicadas no jornal, no “papel de um dia” (DURAS, Marguerite, p.6), condenadas a serem jogadas fora, esquecidas. A decisão de organizar um livro com as crônicas passa por uma questão que será marcante durante todo esse processo de escrita, o EU, em função da forma como Duras entende a duração da obra e sua importância para o leitor. Para essa escrita não era necessário apenas conhecer os fatos atuais, mas se distanciar deles e da obscuridade que os cercava, se afastar do peso do real, tomar fôlego e escrever, baseada nessa realidade extraviada que seria o enredo das crônicas. Pensando as particularidades dessa obra e relacionando-as às características da escrita durassiana, nos propomos a pensar um trabalho que reflita sobre o que seria o extravio no real e de que forma esse extravio se torna fundamental na escrita das crônicas.

Palavras-chave: Crônica; Extravio; Real.

## GATAS E GATO DE BOTAS MARAVILHOSOS: OS CONTOS DOS PIONEIROS ITALIANOS STRAPAROLA E BASILE E SUA RELAÇÃO COM A VERSÃO DE PERRAULT

Maria Celeste Tommasello Ramos  
mct.ramos@unesp.br

Adriana Aparecida de Jesus Reis  
adrianareis.ibilce@gmail.com

Realizamos um estudo comparativo entre duas versões literárias pioneiras, ambas de origem italiana, e uma terceira famosa da narrativa maravilhosa conhecida popularmente como “O gato de botas”: a primeira delas, cujo título é “Costantino Fortunato”, está presente na obra *As noites agradáveis* (*Le piacevoli notti*), publicada por Giovanni Francesco Straparola (1480-1557) a partir de 1550. A segunda versão tem o título “Cagliuso” e é o quarto conto maravilhoso da segunda jornada da obra *Pentamerão* (*Pentamerone*), de Giambattista Basile (1566-1632). A obra de Straparola é

considerada a pioneira no registro literário de contos maravilhosos, entre eles, destaca-se aquele que narra a primeira versão de história na qual atua uma gata maravilhosa, com dons especiais, que favorece, por sua atuação inteligente, seu dono Costantino Fortunado. Igualmente ocorre na versão de Basile, entretanto, nesta última versão italiana, escrita originalmente em dialeto napolitano, língua que dificultou a divulgação da obra de Basile na península itálica e no restante da Europa, o dono favorecido ou sortudo é chamado Cagliuso. A versão de Basile, segundo a pesquisadora Nelly Novaes Coelho, foi a que inspirou a versão literária mais conhecida mundialmente, intitulada “Mestre Gato ou O Gato de Botas”, presente na antologia *Contos da Mamãe Gansa* (*Contes de ma mère l’Oye*) do autor francês Charles Perrault (1628-1703). Já o ensaísta Italo Calvino (1996) afirma que a versão de Straparola é o texto-fonte da famosa narrativa francesa, datada de 1697. Com base nas considerações teóricas de Calvino (1996), Coelho (1991), Darnton (1986), Mendes (2000) e Samoyault (2008), e por conta da confluência entre seus enredos, escolhemos deter nosso olhar investigativo dirigido às relações intertextuais entre as três versões acima apontadas para verificar os pontos em comum, as divergências, dar o relevo merecido às versões italianas, muitas vezes esquecidas e, por fim, verificar porque Coelho e Calvino discordam sobre o possível texto-fonte de Perrault. Parte deste trabalho está ligado à pesquisa de Iniciação Científica com bolsa FAPESP (Proc. número 2016/09890-4), entre 2017 e 2018, orientada pela Profa. Dra. Maria Celeste Tommasello Ramos, bolsista PQ do CNPq, na UNESP/IBILCE-SJRP.

Palavras-chave: Charles Perrault; Conto maravilhoso; Gato de Botas; Giambattista Basile; Giovanni Francesco Straparola;

## JAUME CABRÉ, ESCRITOR CATALÃO, E AS TEORIAS DA FRAGILIDADE, DE FRANÇOIS PARÉ

Nelson Luis Ramos  
nelson.ramos@unesp.br

Jaume Cabré, um dos maiores nomes da literatura catalã, a partir dos anos 90, segundo os críticos Ferran Carbó e Vicent Simbor, deixa clara “(...) la relación conflictiva del individuo con la sociedad envolvente y condicionante, que desencadena los diversos itinerarios personales, con atención especial a la ambición de poder y al sentido de frustración vital, pero también la revuelta generosa” (2005, p. 274). Em *Les veus del Pamano* (*Las voces del Pamano*, em espanhol) ou em *Jo confesso* (*Eu confesso*, em português), Cabré evidencia tais características: seja no enfrentamento e no resultado final da Guerra Civil espanhola, no primeiro caso, seja na presença da Inquisição, do Nazismo ou do fundamentalismo islâmico, da destruição e da morte, no segundo, ambos em um virtuosismo literário que marca suas obras, aborda um passado não depurado e suas consequências, a natureza do mal, a solidão, o medo, a “puta vida” em suma segundo a cronista catalã Maria Nunes. Essas marcas encontram eco no ensaio *Théories de la fragilité* (1994), de François Paré, estudioso canadense, ao denunciar as condições da opressão, que levam ao isolamento e à invisibilidade do sujeito minoritário: “Nas culturas minorizadas, a expressão de si é percebida como estigmatizante e excessiva.” (PARÉ, 1994, p. 43). Paré, para quem a literatura é sempre um trabalho sobre o frágil, vai além: “Para Levac, o sujeito minorizado se caracteriza pela ineficácia do sonho

(individual e coletivo), porque nele se enfrentam sem fim duas tendências iguais, uma conduzindo ao aparecer, a outra ao desaparecer. Por essa razão, esse sujeito não tem história, pois ele chama sobrevivência o que é de fato apenas um combate estéril e estagnado.” (PARÉ, 1994, p. 21). Considerando a importância das propostas de Paré para os estudos sobre literaturas minoritárias, é nosso objetivo, aqui, apresentar e analisar seus questionamentos confrontando-os com as duas narrativas de Cabré. Palavras-chave: François Paré; Jaume Cabré; Literatura catalã; Literatura minoritária; Teorias da fragilidade.

## A PERSONAGEM FEMININA NO CONTO ‘AMADEU’, DE DINORATH DO VALLE

Pâmela Coca dos Santos Ramos  
pamelacsramos@gmail.com

Dinorath do Valle, além de roteirista, jornalista, professora e uma importante personagem na cultura da cidade de São José do Rio Preto, foi autora de *O vestido amarelo*, obra laureada com o Prêmio Governador do Estado em 1971 e publicada pela editora Hucitec cinco anos mais tarde. Neste trabalho, estudamos o conto ‘Amadeu’, um dos 27 contos que compõem *O vestido amarelo*. Neste conto, uma menina trabalha como babá de um menino mimado de família abastada e o trata mal quando os patrões não estão olhando. Sua raiva do menino decorre não só do fato de sentir inveja dele como, também, de ter de trabalhar para dar o pagamento ao seu pai apesar de ser uma criança. Sua revolta com sua situação é tão grande que ela cogita matar a criança, mas, ao pensar isso, ela se lembra de outra criança de quem tem que cuidar, e acaba chorando. Objetivamos, neste trabalho, compreender a) como a personagem feminina é construída no conto e b) que papéis a sociedade representada no conto impõe a essa personagem feminina e como isso a afeta. Para isso, utilizaremos obras como *Como funciona a ficção* de James Wood (2011) *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir (1970). A partir deste estudo e da análise descritiva e interpretativa do conto, conseguimos mostrar como a função de cuidar de outra criança afeta a sua protagonista, tomando-lhe sua própria infância e quais os motivos de essa função ser atribuída a ela, apesar de ela ser, também, uma criança.

Palavras-chave: Amadeu; Dinorath do Valle; Personagem feminina.

## "TEMA DO TRAIADOR E DO HERÓI": FAMA E INFÂMIA NA DIALÉTICA BORGIANA

Ana Claudia Rodrigues  
anac\_redacao@yahoo.com.br

Se das máximas borgianas, constatam-se os labirintos no tempo da memória de que “um homem é todos os homens”, nada mais salutar estudá-las sob o viés do conto “Tema do traidor e do herói”, do livro *Ficções* (1944), do próprio autor Jorge Luis Borges, e assim, estabelecer o intuito da presente comunicação. A partir do título do conto, vê-se

o enigma do duplo (herói e traidor), que será desvendado por Ryan, o qual sai em busca da biografia de seu ancestral, o aclamado herói Fergus Kilpatrick. À medida que Ryan se aprofunda em suas investigações, descobre que o herói é um traidor, e que tudo não passava de uma encenação das peças shakespearianas, fomentando-se, portanto, a memória literária à luz da duplicidade do ‘outro’ e do ‘mesmo’. Borges, ao estabelecer a história da busca biográfica, problematiza, de forma paralela, a história da tradição ocidental quanto à imortalidade, ora pela fama, ora pela infâmia, uma vez tratar-se de um infame que prefere a morte, contanto que seja consagrado como um ícone. Assim, do desejo de hegemonia revelado no conto, infere-se a própria História da angústia do indivíduo na tessitura do autor-criador, que, ao buscar o lugar que ocupa, devesse intuir a labiríntica teia de todos os ‘outros’, que emerge à luz da dialética de uma recepção criativa e aventureira, o que valeria dizer, “transgressora” dos limites canônicos, apta a erigir, não apenas o significado petrificado, mas a incansável busca de novos sentidos. Palavras-chave: Borges; Fama; Infâmia; Hegemonia; Memória.

### REVERBERAÇÕES DO SALAZARISMO EM "A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS", DE VALTER HUGO MÃE

Igor Fernando Ruy  
igor.ruy@hotmail.com

No romance “a máquina de fazer espanhóis” (2013), de Valter Hugo Mãe, as representações das marcas caracteriológicas nacionais e o contraste estabelecido pela alteridade apontam para o delineamento da identidade portuguesa. Para nortear esta pesquisa, a metodologia escolhida foi a pesquisa bibliográfica e qualitativa, na qual se ressalta como referencial teórico a utilização de autores como Santos (2000), Lourenço (1999) e, principalmente, Simões (2011). Na narrativa, os elementos constitutivos particulares do ser português apontam para a complexidade da identidade derivada de um processo de transculturação, particularmente, desencadeado pelo contexto histórico do tempo da narrativa – o Estado Novo. A partir de um contexto político de cunho totalitário e seus reflexos traumáticos, evidencia-se que a relação entre identidade e alteridade permite a interpelação do outro e uma reflexão mais crítica sobre si mesmo na rememoração do passado e na construção do presente. Por essa perspectiva, uma identidade fragilizada, por diversos fatores, tende a enaltecer o ser diferente em detrimento do ser português. Constata-se que o principal processo desencadeador deste tipo de conduta está alicerçado na ausência do aprofundamento do debate crítico do que é o ser português, enraizado nos êxitos do passado, mas que ainda não superou seus infortúnios históricos, o que torna Portugal, metaforicamente, uma máquina de fazer espanhóis.

Palavras-chave: Identidade; Narrativa Portuguesa Contemporânea; Salazarismo.

### FUTURISMO: DA UTOPIA À DISTOPIA DO MAQUINISMO

Camila Sabino  
ccamila.sabino@gmail.com

A presente comunicação tem por objetivo analisar a estética do maquinismo da

vanguarda futurista, ou seja, de como a máquina e a tecnologia passaram de símbolo de salvação e esperança a um símbolo de destruição após a Segunda Guerra Mundial. O início do século XX foi marcado por diversos movimentos artísticos, denominados vanguardas europeias e que traziam uma proposta revolucionária de ruptura com os padrões vigentes e novos meios de expressões. Dentre as vanguardas mais radicais está o futurismo, que teve início em 1909, quando Filippo Tommaso Marinetti publica no jornal francês *Le Figaro* o primeiro manifesto, intitulado “Fundação e Manifesto do Futurismo”. Para ele e seus seguidores, o futurismo era a nova expressão estética, capaz de refletir todas as transformações do início do século, como o avanço técnico-científico, e as novas formas de comunicação e transportes, o telefone, o trem e o automóvel. Assim, exaltaram a vida moderna nas grandes metrópoles e estabeleceram o culto à velocidade e às máquinas que se converteram em princípio de salvação e de libertação do homem, embora o que se viu foi o oposto do que os eles esperavam. A ascensão dos regimes totalitários e a Segunda Guerra Mundial puseram fim a esse sentimento de salvação, dando lugar ao sentimento negativo, de destruição e de angústia.

Palavras-chave: Futurismo; Marinetti; Vanguardas europeias.

## FICÇÃO HISTÓRICA E POÉTICA DO LENDÁRIO: A REPRESENTAÇÃO DA CULTURA POPULAR EM *ALFARRÁBIOS*, DE JOSÉ DE ALENCAR

Rafaela Mendes Mano Sanches  
rafaelamsanches@gmail.com

Este trabalho propõe analisar a representação da cultura popular no texto *Alfarrábios*: crônicas dos tempos coloniais (1872), atentando-se ao processo de simbiose cultural, explorado pelos meios com que a ficcionaliza o contato entre a cultura letrada e a cultura popular no período seiscentista – época abordada pelas crônicas constituintes do livro. O gênero adotado por Alencar em *Alfarrábios* suscita reflexões sobre as zonas de contato entre história e ficção; nomeados de “crônicas”, os textos são construídos à maneira das crônicas coloniais, mas permeáveis à inventividade literária que se sintoniza com o repertório popular a fim de preencher as lacunas da história deixadas pelos registros oficiais. Desse modo, o objetivo é investigar o delineamento das linhas de força da crônica alencariana sob influxo da relação dialética entre historiografia oficial e registro das matrizes lendárias do país. A crônica de *Alfarrábios*, por um lado nutre-se das formas de representação próprias da história oficial, entrevista em gêneros como crônica histórica e a ficção de caráter histórico, por outro, se apropria do repertório das narrativas lendárias, acercando-se delas com liberdade inventiva e linguagem francamente poética; tais características permitem ler os textos de *Alfarrábios* à luz do contexto da discussão sobre as fronteiras entre os gêneros e os limites entre ficção e história que ocuparam os letrados durante o século XIX. Essa forma particular com que *Alfarrábios* elabora sua ficção a partir das raízes identitárias do povo diferencia o livro de outras composições de Alencar, como seus romances históricos, cujas narrativas, quando exploram a entidade coletiva do povo, concedem menor expressão a ela. A partir dessas considerações, o estudo proposto se debruça sobre a cultura popular, que, nas narrativas, ora surge como refratária à cultura erudita, ora como ponto de convergência entre o catolicismo popular e outros sistemas crenças,

ora como via de expressão da voz dos marginalizados e sempre como ponto privilegiado para investigar a constituição das culturas nos tempos coloniais.

Palavras-chave: Crônica histórica; Cultura popular; Narrativas lendárias.

## IDENTIDADE E MEMÓRIA NA OBRA DE HUGO DE CARVALHO RAMOS

Thiago Sanches  
thiago\_rodox@hotmail.com

O presente trabalho busca entender o processo de fruição e criação do escritor Hugo de Carvalho Ramos na obra *Tropas e Boiadas*. Para essa tarefa, trabalhamos com a hipótese de que exista uma relação direta entre a memória individual do autor e a construção da enunciação que tenha contribuído para a formação de sua própria identidade e de uma coletiva, desvinculada de quaisquer projetos políticos de cunho regionalista. Por essa razão, dados biográficos foram combinados com uma análise literária que dialoga com as noções de fronteira e contrabando culturais, inspirados nas noções do sociólogo argentino Ricardo Kaliman e da crítica literária Léa Masina. Ambas também estão presentes na maneira de tentarmos fazer a Literatura transitar as áreas da História e da Sociologia. Além disso, as reflexões sobre questões que envolvem identidade, presentes em autores como Stuart Hall e Paul Ricoeur, também contribuíram para uma análise transdisciplinar dos contos, causos, lendas, mitos, ditados e provérbios que esporadicamente emanam as vivências, experiências, linguagens, e o conhecimento do autor sobre uma região afastada e fronteira como a do sertão de Goiás.

Palavras-chave: Carvalho Ramos; Identidade; Memória.

## VOZES FEMININAS EM RAINHA VASHTI, DE MYRIAM FRAGA

Andréa Silva Santos  
deaanita@hotmail.com

Nosso propósito é apresentar a escritora baiana Myriam de Castro Lima Fraga, evidenciando como ela constrói, em seus versos, um lugar para as vozes femininas, em suma, um “lugar de fala”, como pondera Djamila Ribeiro (2017). Selecionamos a obra *Rainha Vashti*, poema dramático que foi publicado em 2015. O livro, cuja tessitura sustenta-se a partir da retomada da narrativa bíblica, envolve a “farsa” do reino de Ashuero, a violência masculina e o ato “político” da rainha ao negar-se a cumprir uma ordem do soberano. Myriam Fraga problematiza os discursos falocêntricos, a ordem estabelecida, contesta o silêncio, a exclusão da mulher, como em Cláudia Nigro (2015, 2018); Guacira Lopes Louro (1997, 2003, 2008, 2018); coloca em pauta as masculinidades e feminilidades, desconstruindo enunciados essencialistas, ao tempo que revela a literatura como território de reflexão e prática humanista, como em Antoine Compagnon (2009), Edward Said (2007). A escritora nasceu em Salvador em 1937 e começou a trilhar sua carreira entre os anos de 1957-1958, a partir dos encontros entre intelectuais, que frequentavam a Universidade Federal da Bahia, a Escola de Teatro e a Casa de Cultura com o objetivo de discutirem sobre arte e literatura. Ela fez parte de

vários conselhos culturais, foi diretora da Fundação Casa de Jorge Amado e membro da Academia de Letras da Bahia. Fraga estreou em poesia com o livro *Marinhas* em 1964; depois, entre outros, publicou *Sesmaria* (1969) – ganhador do prêmio Arthur de Salles; o *Livro dos Adynata* (1973); *A Ilha* (1975); *O risco na pele e A cidade* (1979); *As purificações ou O sinal de Talião* (1981); *A lenda do pássaro que roubou o fogo* (1983); *Os deuses lares* (1991); *Femina* (1996); *Poesia Reunida* (2008); *Rainha Vashti* (2015); *Ventos de verão* (2016); *Poemas* (2017); *Mínimas histórias gerais* (2018) e *Peregrinos e Torta de maçã* (2018).

Palavras-chave: Myriam Fraga; Rainha Vashti; Vozes femininas.

## UMA POÉTICA DOS ESCOMBROS: O MOTIVO DA RUÍNA E A MODERNA POESIA AUTOCONSCIENTE

Fabiano Rodrigo da Silva Santos  
f.santos@unesp.br

As presentes considerações propõem uma leitura da relação entre melancolia, performance poética autoconsciente e plasmação do discurso sobre a história, sob perspectiva da permanência do motivo das ruínas na poesia lírica moderna. Nossas reflexões incidiram sobre fragmentos de poemas que correspondem a exemplos expressivos da tradição de representação das ruínas em poesia, tais como “Ozymandias” (1818), de Percy Bysshe Shelley; “Le Cygne” (*Les fleurs du mal*, 1857), de Charles Baudelaire e “Morte das casas de ouro preto” (*Claro Enigma*, 1951), de Carlos Drummond de Andrade. Os três poemas compartilham certa orientação que os inclina à tentativa de composição de alegorias sobre a história, sensíveis a seus respectivos contextos e sempre marcadas por profunda consciência de impossibilidade. Atestando aquela relação entre melancolia e representação fraturada do mundo que enfeixa o conceito de alegoria de Walter Benjamin, os poemas aqui considerados testemunham a permanência do sistema imagético da ruína como um motivo típico da modernidade que encerra uma cosmovisão que reconhece que a história é fenômeno difuso e refratário à pretensão à totalidade do discurso; e uma concepção poética – elipses e fragmentos podem triunfar sobre o veto que a insuficiência emite contra o poema.

Palavras-chave: Alegoria; Melancolia; Motivos poéticos; Poesia moderna; Ruína.

## O EROTISMO EM *ATÉ O DIA EM QUE O CÃO MORREU*

Danatiele Soares Segato  
danatiele\_segato@hotmail.com

“O que desejamos é trazer para um mundo fundamentalmente descontínuo toda a continuidade que ele pode sustentar”, é com essa citação de Georges Bataille, retirada de *O erotismo* (2017 [1957]), que Daniel Galera abre o seu romance de estreia, *Até o dia em que o cão morreu* (2007 [2003]). Mais do que na breve epígrafe, durante todo o livro acompanharemos o desenrolar de dois encontros na vida do protagonista — primeiro com o cão de rua que acolherá em seu apartamento e, posteriormente, com a jovem modelo que irá abalar sua até então solidão — e em como essas relações são permeadas

pelo erotismo, contemplado nas três formas propostas e abordadas pelo filósofo francês em seus estudos: o dos corpos — que aborda como o domínio do erotismo seria também o da violência e o da violação — o dos corações — dois seres descontínuos tentando, juntos, buscar a continuidade que o outro evoca, apesar de também ser uma relação tão violenta — e o sagrado — de maior complexidade, já que se confunde com a busca pelo amor divino. Com base nos estudos intertextuais, de Gérard Genette (2009 [1987]) e Antoine Compagnon (2007 [1979]), pretendemos apontar e analisar as relações intrínsecas entre os dois textos, pronunciadas na epígrafe do romance, e como elas se apresentam por toda a narrativa, nas mais variadas formas de erotismo.

Palavras-chave: Daniel Galera; Erotismo; Georges Bataille; Literatura brasileira contemporânea; Paratexto.

## A HISTÓRIA DA RECEPÇÃO DE *ATRAVÉS DO BRASIL*: DAS SUAS EDIÇÕES AOS DIVERSOS TESTEMUNHOS DE IMPRENSA

Gabriela Fernanda Sêjo  
gabisejo\_2007@yahoo.com.br

Esta pesquisa dedica-se ao estudo de *Através do Brasil*, obra escrita pelos autores Manoel Bomfim e Olavo Bilac. Publicado em 1910, está entre os maiores fenômenos da edição de paradidáticos produzidos no país. Com 66 edições é reeditado até os dias atuais [agora apenas como documento histórico]. Esse estudo tem como objetivo analisar a história da recepção do paradidático *Através do Brasil* por meio de dois corpos documentais: de um lado as próprias edições da obra, com os paratextos que as acompanham, e de outros diversos testemunhos de imprensa: notícias literárias, resenhas, anúncios, cartas de leitores à redação de periódicos etc. O ponto de partida dessa investigação é a minha dissertação de Mestrado intitulada *Momentos Decisivos em “Através do Brasil”*. Com base nas pesquisas feitas nas edições disponíveis, foi possível perceber que o texto permaneceu o mesmo e a mudança ocorrida foi em relação a sua materialidade (capa, dentre outros). Trata-se, portanto, de uma pesquisa inédita que atravessa várias épocas e responde a diferentes demandas em três períodos: a 1ª República, a Era Vargas e a Redemocratização do Brasil após a Segunda Guerra Mundial. Entretanto, é importante mencionar também nesse processo, o projeto de reformulação ensino proposto para a República por José Veríssimo. A reforma do livro didático era essencial e, de modo geral, os autores que publicaram a partir da década de 1890, como Olavo Bilac e Manoel Bomfim, procuraram seguir as diretrizes apontadas por Veríssimo. Contudo, esses três períodos mantêm a visada nacionalista como “aspecto comum” entre eles.

Palavras-chave: *Através do Brasil*; Edições; Paradidático; Paratextos Editoriais.

## POETICIDADE E LIRISMO NA PROSA DE MARINA COLASANTI

Fernanda Cassiolato Marti Sguassábia  
feruta@yahoo.com.br

A busca pela construção da própria identidade é tema recorrente na literatura universal há muito tempo e uma das grandes questões enfrentadas pelo ser humano ainda hoje. Marina Colasanti, escritora africana radicada no Brasil, aborda esta temática e os sentimentos que esta provoca no homem no conto “O moço que não tinha nome”, contido em um de seus livros de contos feéricos *Longe como o meu querer*. No entanto, o mais interessante na literatura colasantiana vai além do conteúdo ou dos temas abordados, mas está na forma como ela escreve, repleta de artifícios próprios da poesia. Desta forma, a escritora enreda suas histórias em prosa poética, a qual envolve o leitor em um mundo metafórico e subjetivo que se apresenta também através da preocupação estética com o texto, o qual é recheado de sonoridade – rimas, aliterações, assonâncias – e até mesmo de ritmo, em alguns momentos, contribuindo para o andamento da narrativa. Além disso, em alguns momentos, notamos semelhanças inclusive com a estrutura das narrativas poéticas. À vista disto, foi utilizada a obra *A Narrativa Poética*, do escritor e crítico literário francês Jean-Yves Tadié, como também a abordagem acerca da prosa poética de Massaud Moisés, contida em seu livro *A criação literária – prosa II*, para embasar este estudo.

Palavras-chave: Contos de fadas; Marina Colasanti; Prosa poética.

## DIDATIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL NOS GÊNEROS POEMA E MEMÓRIAS LITERÁRIAS DA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA ESCREVENDO O FUTURO

Tamar Naline Shumiski  
tnshumiski@uol.com.br

O processo de didatização de obras literárias passa por diversas etapas, que precisam ser trabalhadas de modo que a literariedade destes textos não se percam e suas características literárias sejam distorcidas, dentre elas, a biblioteca escolar, a leitura e o estudo de livros literários feitos pelos alunos e a leitura e estudo de textos literários dos livros didáticos. Esta pesquisa tem como objetivo discutir como têm ocorrido os processos de escolarização da literatura infanto-juvenil, em materiais didáticos, como a coleção de Cadernos do professor: orientação para a produção de textos, 2ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro (OLPEF), de 2010, sobre os gêneros poema e memórias literárias, produzido para o trabalho com os alunos dos 5º e 6º anos, 7º e 8º anos do Ensino Fundamental, respectivamente. Na metodologia de revisão bibliográfica utilizada nesta pesquisa, foram estudados os seguintes autores e os respectivos assuntos: Lajolo (2008), o texto tomado como pretexto; Altenfelder e Armelin (2010), autoras do Caderno Poetas da Escola; Clara, Altenfelder e Almeida (2010), autoras do Caderno Se bem me lembro...; Soares (2011), que tratam dos conceitos de escolarização da literatura infanto-juvenil e Zilberman (2008), o papel do texto literário no Brasil. Espero com esta pesquisa comprovar até que ponto os textos literários dos dois cadernos da OLPEF citados foram didatizados, sem prejuízos de suas propriedades literárias.

Palavras-chave: Didatização; Literatura infanto-juvenil; Literariedade; Memórias literárias; Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro; Poema.

## UM AQUILES NEGRO? UMA COMPARAÇÃO ENTRE A CARACTERIZAÇÃO TRADICIONAL E A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM EM “TROY : FALL OF A CITY”

Gelbart Souza Silva  
gel\_bart@hotmail.com

A série “Troy: fall of a city” (“Troia: a queda de uma cidade”), produzida pela parceria da BBC com a plataforma de streaming Netflix, é a mais recente releitura do mito grego da Guerra de Troia, lançada em junho de 2018. Ao retomar uma narrativa milenar, registrada primordialmente pelo poeta Homero na sua “Ilíada”, e posteriormente por inúmeros poetas, tragediógrafos, romancistas e pelas demais artes, desde a época clássica até os dias atuais, essa adaptação promove diversas rupturas em relação ao cânone, dentre as quais a caracterização de Aquiles, que causou bastante polêmica, pois a personagem é interpretada por um ator negro enquanto tradicionalmente sua figura é representada como um homem branco, loiro e de olhos claros. Nesse sentido, a presente comunicação tem por objetivo analisar essa personagem no âmbito da caracterização física e comparar o tratamento desse aspecto entre a figura tradicional cristalizada na mentalidade ocidental e a inovação apresentada pela série, assim como a sua função simbólica. A partir desse confronto, questiona-se, por um lado, as possíveis motivações para essa ruptura com a tradição em “Troy: fall of a city” e, por outro lado, as consequências dessa inovação para a transmissão do mito troiano. Pelo breve cotejo de obras principais da literatura clássica, da pintura e do cinema que descrevem fisicamente Aquiles, considera-se que na série há uma intenção de questionar, por meio da caracterização dessa personagem, os padrões sociais da beleza ocidental.

Palavras-chave: Aquiles; Guerra de Troia; Homero; Mitologia Clássica; Troy: fall of a city.

## O TEXTO DRAMÁTICO COMO LUTA DE GÊNERO: UMA ANÁLISE DE CASA DE BONECA, DE HENRIK IBSEN

Ivanildo José da Silva  
ivanildo.silva@ufms.br

A linguagem de Henrik Ibsen, mais especificamente na peça teatral *Casa de bonecas* (1879), contribui de forma significativa para a discussão acerca da literatura dramática como campo privilegiado para o debate do teatro mediante luta de gênero e resistência. Partindo desse pressuposto, o objetivo da comunicação é realizar uma análise da peça e do discurso das personagens, a fim de demonstrar como a narrativa evidencia a luta ideológica e o poder vinculados ao projeto estético do emblemático autor. Por este prisma, discutir a questão do feminino e a relação de gênero na tessitura teatral é escrever a história das mulheres, é sair do silêncio que elas estavam confinadas. E “nesse silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. Ele envolve o

continente perdido das vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade. Mas é sobre elas que o silêncio pesa mais” (PERROT, 2008, p. 16). Diante do exposto, tenta-se a resposta de algumas perguntas: Quais discursos estariam ali encravados? Seria a oposição dominador versus dominado representada, respectivamente, por personagem ou configuração masculina versus personagem ou configuração feminina? Quais as formas discursivas predominantes na constituição da identidade de sujeito feminino/masculino? Qual o papel da mulher nessa obra? Lançaremos mão, entre outras, das proposições teóricas de Corsino (2009), Magaldi (2004), Perrot (2008) e Rosenfeld (1996).

Palavras-chave: Discurso; Gênero; Literatura dramática; Relações de poder.

### DRUMMOND E OS CRONOTOPOS MIRABOLANTES NO *CLARO ENIGMA* (1951)

John David Peliceri da Silva  
johndavidbrother@hotmail.com

Esta comunicação pretende discutir uma análise do cronotopo mirabolante, pelo viés da modernidade, a partir do efeito discursivo do mistério e do vazio que o poeta Carlos Drummond de Andrade obtém em sua poética. Os cronotopos se manifestam, frequentemente, pelo contato do poeta com a política, apresentando elementos sociais, citadinos e religiosos em que predominam o “neossimbolismo” e na “construção” de uma posição ideológica reacionária, no contexto do mundo “Pós-guerra” (1945). Por isso, os poemas drummondianos, no *Claro Enigma* (1951), caem em uma estética do sublime spleenático (vacilação, mistério, frustração, epifanias e devaneios) que, nesse quadro, são as tentativas de elucidar o processo de “ruptura” com a hiperconectividade capitalista, pelos questionamentos circunstanciais, cujo desfecho é a apelação à evocação do vazio utópico. Segue, então, o mistério do *modus vivendi*, como forma de questionar o mundo pelos recursos discursivos da História, Memória e Magia. Esta comunicação objetiva oferecer não apenas uma colaboração ao entendimento da lírica drummondiana, como também contribuir com os estudos sobre “Cronotopo”.

Palavras-chave: Drummond; História; Magia; Memória; Sublime.

### QUEDA E ASCENSÃO: O MITO DO ETERNO RETORNO NAS TRADUÇÕES BÍBLICAS DE HAROLDO DE CAMPOS

Laís Midori da Silva  
midori.lais.lm@gmail.com

Ao analisarmos as traduções bíblicas realizadas pelo poeta Haroldo de Campos, as quais foram publicadas nos livros *Qohélet-o-que-sabe* (1990), *Bere'shith – a cena da origem* (1993) e *Éden – um tríptico bíblico* (1990), observamos que os fragmentos escolhidos para a tradução possuem, como elemento comum, relações com a temática do movimento cíclico de queda e ascensão. Diante desse aspecto, a partir da utilização do conceito de eterno retorno apresentado por Mircea Eliade como suporte teórico para o

estudo dos poemas, o presente trabalho tem como objetivo demonstrar que tal processo tradutório se revela metalinguístico. Vale salientar que tal movimento de leitura nos parece válido, principalmente, porque tais publicações são contemporâneas ao ensaio “Poesia e modernidade: da morte do verso à constelação. O poema pós-utópico” (1984), no qual o poeta, apesar de demarcar o encerramento da utopia da vanguarda concretista enquanto movimento coletivo, ressalta a manutenção da utopia em seu projeto poético particular, a partir do qual, o “tradutor é o poeta da poesia”, sendo a tradução a recombinação da pluralidade de passados possíveis, tornando-os “presentes”, atuais (CAMPOS, 1997, p.289). Ocorre que, nesse movimento de eterno retorno de resgate do elemento poético ao qual o poeta faz analogia, “a cosmogonia constitui o modelo exemplar de toda situação criadora: tudo o que o homem faz repete, de certa forma, o “feito” por excelência, o gesto arquetípico do Deus criador: a Criação do Mundo” (ELIADE, 1972. p.34). Portanto, a partir disso, ao se colocar na posição de um Deus-Poietés” (CAMPOS, 2000, p.36), Haroldo permite-nos ler as traduções bíblicas como metáforas para a saga do enaltecimento da criação poética, bem como da (re)criação da linguagem poética original, as quais são reveladas e presentificadas por meio de uma escrita metalinguística.

Palavras-chave: Eterno retorno; Haroldo de Campos; Poesia; Queda e Ascensão; Traduções bíblicas.

## O DEMONÍACO E O MAL NA FORTUNA CRÍTICA DE GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Lucas Silveira Fantini da Silva  
lucas.sf.dasilva@gmail.com

Em *Grande sertão: veredas*, Riobaldo, narrador e protagonista, relata sua vida em busca de redenção por seus atos e escolhas, desnudando todos os seus conflitos e se aprofundando dentro de si para dissecar todos os seus demônios. A corporificação do mal na figura do seu rival, o chefe jagunço Hermógenes, cuja reputação lhe atribui relações íntimas com o diabo, ocupa papel central nos dilemas existenciais do narrador, uma vez que é ele, Hermógenes, o responsável por impelir Riobaldo a recorrer ao pacto com o diabo; ou seja, como inimigo, atravessa o caminho do outro para intervir definitivamente em seu destino, como uma espécie de guia das sombras. Para explorar a constituição da personagem de Riobaldo, é preciso, pois, dar atenção especial à intervenção de Hermógenes nesse processo, que atua como o agente maligno e demoníaco nos descaminhos do protagonista. Tendo em vista tal aspecto do romance, central na trajetória de formação do protagonista, cabe, em primeiro lugar, fazer o levantamento dos textos mais fundamentais que se destacam da vasta fortuna crítica dedicada à obra. O objetivo deste trabalho é, portanto, ressaltar e sistematizar a maneira pela qual nomes consolidados da crítica rosiana abordam e consideram a problemática do demoníaco e do mal em *Grande sertão: veredas*. Para tanto, dividir-se-ão os textos selecionados em dois grupos: a primeira crítica (M. Cavalcanti Proença, Antonio Candido, Roberto Schwarz, Benedito Nunes, Dante Moreira Leite), em que constam produções publicadas desde o lançamento do romance, em 1956, até o final da década de 1960, responsáveis por traçarem os caminhos de toda a crítica posterior (Walnice

Nogueira Galvão, Davi Arrigucci Jr., Luiz Roncari, Kathrin H. Rosenfield, Francis Utéza, Willi Bolle, Heloisa Vilhena de Araújo, Márcia Marques de Moraes), que, distanciada do contexto de publicação do romance, abordou e continua abordando-o para expandi-lo em significado.

Palavras-chave: Demoníaco; Fortuna Crítica; *Grande sertão: veredas*; Guimarães Rosa; Mal.

## OS ELEMENTOS DE *ROMAN-FLEUVE* NA OBRA *CORPO DE BAILE*, DE GUIMARÃES ROSA

Bianca Cristina Sinibaldi  
bia.sinibaldi@hotmail.com

No presente trabalho, temos como objetivo verificar de que maneira a natureza fluida da narrativa rosiana levanta questões relacionadas à ideia de continuidade, deslocamento e recomeço - aspectos que caracterizam o *roman-fleuve* na obra *Corpo de baile* (1956), de Guimarães Rosa. A dinâmica das narrativas da obra *Corpo de baile* obedece a um movimento cíclico, que dimensiona a temática do tempo, da viagem e da própria criação poética. As novelas aparentam seguir um curso marcado pelo signo da continuidade e da complementaridade e dirigido por um encadeamento de mudanças no percurso. Constatamos que, o transbordamento de personagens de uma narrativa a outra, operado pela temática da viagem e confirmado pela atividade de movimento que se estabelece na obra, possibilita a articulação das novelas estabelecendo pontos de contato que nos induzem a indagar as técnicas de escrita de Guimarães Rosa. Assim, a ideia de recomeço despertada por essas ligações, propiciam as proximidades do conjunto de novelas de Rosa com a composição de um *roman-fleuve* – cada narrativa pode ser lida separadamente ou numa sequência, e, ocorre a presença de personagens que transitam entre as narrativas. *Corpo de baile* tece uma relação com a noção *roman-fleuve* - que é construída por meio da metáfora do rio, associada à ideia de movimento da vida, das histórias e das personagens que em seu não-parar vão costurando inícios e fins, uns nos outros. Para fundamentar estas reflexões usaremos como respaldo teórico os estudos de Lynette Felber (1951), Benedito Nunes (2006) e Willi Bole (2011). No eixo dessas considerações, este trabalho se propõe a mostrar as aproximações entre a obra rosiana *Corpo de baile* e elementos explorados pela noção de *roman-fleuve*.

Palavras-chave: *Corpo de baile*; Guimarães Rosa; Movimentos cíclicos; Personagens; *Roman-fleuve*;

## A ASSOMBRAÇÃO (NEO)COLONIAL COMO RESISTÊNCIA SUBALTERNA EM GHOSTWRITTEN, DE DAVID MITCHELL

Davi Silistino de Souza

No presente trabalho, analisamos de que forma as relações de subalternidade e de resistência subalterna são construídas entre as personagens principais do capítulo “Hong Kong”, presente em *ghostwritten* (1999), de David Mitchell. Ademais, demonstraremos como algumas personagens femininas, como a empregada chinesa e a menina fantasma, são responsáveis por trazer reflexões acerca do papel da mulher no contexto da exploração socioeconômica e na rememoração latente de uma (neo)colonização asiática. O capítulo se passa no período em que o romance foi escrito, isto é, no final da década de 1990, no território de Hong Kong, acompanhando a vida de Neal Brose, um advogado financeiro, sua ex-esposa Katy Forbes e uma empregada chinesa. Os conflitos na vida de Neal se intensificam na medida em que descobre a presença de uma menina fantasma no apartamento recém adquirido, levando ao seu divórcio com Katy e ao sentimento de desprezo velado por parte de sua posterior amante, a empregada chinesa. Percebemos na figura da menina fantasma não apenas a assombração do relacionamento decadente com Katy, a qual não conseguia engravidar e culpava a fantasma, mas principalmente a presença e a voz do subalterno ex-colonizado assombrando a consciência de Neal Brose. De fato, Neal se mostra como sucessor de vários britânicos responsáveis pela colonização e neocolonização de Hong Kong. Ademais, além da fantasma, a empregada e amante chinesa pode ser compreendida como a presença literal do subalterno, exercendo uma resistência à figura hegemônica representada por Neal. Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos Chandra (2015), para compreender as formas específicas de resistência subalterna; e Dunlop (2011), para analisar como a crítica à colonialidade é construída no romance em análise. Portanto, propomo-nos identificar qual a forma de resistência subalterna apresentada pelas personagens femininas citadas, além de revelar as consequências e assombrações do passado/presente colonial/neocolonial no contexto em evidência. Palavras-chave: David Mitchell; *Ghostwritten*; Resistência Subalterna.

## POLÍTICA DE GÊNERO: AS VOZES FEMININAS DO YUBA KUKAI

Michela Mitiko Kato Meneses de Souza  
michela.souza@ifms.edu.br

O gênero poético haiku foi desenvolvido intensamente no Japão, no período Genroku, da época Edo, e ganhou contornos espontâneos e populares com Matsuo Bashô, no século XVII. Com a vinda dos japoneses para o Brasil, em 1908, o haiku é a maneira encontrada por esses imigrantes para expressar seus sentimentos por estarem distantes do país de origem e para valorizar a beleza da terra que os acolheu. É o que acontece na Comunidade Yuba, (re) existente há 83 anos, localizada no município de Mirandópolis/SP, a 600 Km de São Paulo/SP, que mantém, entre seus traços culturais, a permanência do gênero poético haiku. No Yuba Kukai -Grupo de Haiku do Yuba-, que se iniciou em Janeiro de 2010 e permanece até os dias de hoje, as mulheres são predominantes. Ao pensar que a Cultura Japonesa é mantenedora do sistema patriarcal, refletir a produção literária destas haikuístas, de certa forma, responde o questionamento de Spivak (2010) se o subalterno, no caso a mulher de terceiro mundo, pode falar. Nossa comunicação propõe-se a socializar as vozes femininas do Yuba Kukai com a intenção

de demarcar os espaços: local (fazenda/zona rural); político e socialmente ocupados por essas mulheres em pleno século XXI. Desse modo, serão apresentados quatro poemas produzidos pelas haikuístas e selecionados de acordo com as quatro estações do ano, na tentativa de elucidar suas respectivas memórias no momento de suas produções e assim possibilitar a divulgação das vozes dessas lavradoras-artistas.

Palavras-chave: Haikuístas; Memórias; Política de Gênero e Espaço; Yuba Kukai

## LEMOS O QUE NÃO VEMOS, VEMOS O QUE NÃO LEMOS: MICROCONTOS DE ATÉ TRÊS LINHAS

Vanderlei de Souza  
vdsgdt@gmail.com

Nesta comunicação pretendo discutir, brevemente, sobre as características únicas de um gênero literário conhecido por vários nomes, como miniconto, microconto ou nanoconto, entre outros. Para os fins de nossa pesquisa, utilizarei o nome microconto de até três linhas. O presente estudo é parte de um trabalho de investigação maior, em nível de doutorado, que procura debater questões que podem alçar esse tipo de composição à condição de gênero autônomo. Nesse sentido, a comunicação deverá reforçar aspectos que dizem respeito aos modos como lemos microcontos de até três linhas. Para tal, buscarei suporte nas teorias de gênero do discurso, principalmente em Mikhail Bakhtin (2004, 2016), que conceitua gênero de acordo com seu tema, estilo e estrutura composicional; nos estudos sobre as fronteiras que separam os gêneros literários, como o de José Manuel Trabado Cabado (2005), nos estudos sobre recepção de leitura de textos literários, a exemplo de Umberto Eco (1979, 1990, 2003) e Roland Barthes (1977, 1980); na Análise de Discurso, principalmente em Eni Orlandi (1988, 2007, 2012), com o intuito de conceber o silêncio com fundante e, finalmente, em estudos específicos sobre narrativas curtas, especialmente de Dolores Koch (2017), David Lagmanovich (2005, 2006, 2009), Lauro Zavala (2004) e David Roas (2010). O corpús sob análise será constituído por composições brevíssimas de autores brasileiros, coletadas do livro *Os cem Menores contos brasileiros do século*, de Marcelino Freire (2004) e de portais da Internet, como o [microcontos.com.br](http://microcontos.com.br).

Palavras-chave: Leitura; Microcontos; Teoria Literária.

## O REGIONALISMO CRÍTICO EM SABOR DE QUÍMICA, DE RONIWALTER JATOBÁ

Danieli Tavares  
danicarfel@hotmail.com

A proposta desse trabalho incide na interpretação de Sabor de Química: crônicas nordestinas, obra de estreia de Roniwalter Jatobá, oriunda do primeiro prêmio no Concurso Escrita de Literatura, de 1977. Entender os modos de narrar os contos e a sua operatividade, em contexto com o que Antonio Candido (1995) chamou de regionalismo crítico, faz-se nosso objetivo principal. Para abordarmos a relação do literário e do

regional, convocaremos os estudos culturais como uma forma de pensar o consumo cultural nas perspectivas regionais e a formação de identidades, em tempos "pós-modernos". As manifestações do regionalismo crítico mostram-se como figuras da ideologia, revelação que abre espaço para a possibilidade teórica de algo residual, heterogêneo, em contexto com a obra. Nesse sentido, os estudos culturais apresentam-se como a abordagem metodológica mais apropriada para esta interpretação elegida, uma vez que permite reunir miradas em torno das questões de representações da realidade nacional, tanto na maneira em que são problematizadas e interpeladas pelas expressões das identidades culturais, quanto na medida em que ressignificam a construção da identidade nacional brasileira. Os contos da obra *Sabor de Química* equilibram os problemas sociais e os estados psicológicos das personagens, unindo regionalismo e intimismo, ao passo que também nos fornecem elementos para a discussão aqui pretendida. Buscamos, portanto, tornar audíveis um autor e uma obra que compõem o espectro encanto de uma linguagem popular, ao mesmo tempo, de ímpeto artístico.

Palavras-chave: Estudos culturais; Literatura e Pós-Modernidade; Regionalismo crítico.

## HERÁCLITO E O *FRÜHRÖMANTIK*: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO FRAGMENTO COMO GÊNERO

Natalia Fernanda da Silva Trigo  
ntrigo@ymail.com

Neste trabalho, objetivamos analisar como os fragmentos do pré-socrático Heráclito foram resgatados pelos primeiros românticos alemães para o desenvolvimento do fragmento como gênero literário. Para isso, buscamos analisar dois fragmentos de Heráclito em comparação com alguns dos fragmentos de Schlegel e de Novalis, principais autores do período romântico alemão que desenvolveram o fragmento como gênero literário. Em nossa análise buscamos compreender como o uso que Heráclito faz da linguagem poética para produzir sua filosofia também dilui as fronteiras entre literatura e filosofia, uma vez que, o pensador constrói suas máximas filosóficas por meio de imagens poéticas. No entanto, buscamos ressaltar as diferenças no uso da linguagem poética de Heráclito para os românticos, sendo a principal delas, a utilização, pelo filósofo da antiguidade, de metáforas e imagens muito mais próximas do mito. A partir disso, procuramos pensar como os primeiros românticos criam um novo modelo de produção teórica, crítica, literária e filosófica a partir de uma tradição antiga, ou seja, a ruptura com a tradição literária e filosófica virá justamente do próprio diálogo com os pensadores antigos, colocando em discussão, também, a própria ideia de que para se construir um novo pensamento é necessário que se rompa com o antigo, pelo contrário, os românticos buscaram na tradição a influência para produzir uma nova maneira de pensar, não mais entendendo o pensamento e a literatura antiga como um modelo a ser seguido, mas como algo que deve dialogar com o contemporâneo e a partir desse diálogo produzir um novo pensamento, uma nova expressão artística e filosófica. Para tanto, apoiamos-nos, principalmente, nas discussões e considerações teóricas sobre os fragmentos de Heráclito e dos primeiros românticos propostas por Montandon (1992), Suzuki (1999), Scheel (2010) e Weiss (2015).

Palavras-chave: *Frühromantik*; Heráclito; Novalis; Schlegel.

## DICKENS EM QUADRINHOS: "DAVID COPPERFIELD" NA "CLASSICS ILLUSTRATED" E NA "EDIÇÃO MARAVILHOSA"

Natalie de Olim Valença  
natalie.olim@hotmail.com

*David Copperfield*, de Charles Dickens, publicado em 1850, é narrado em primeira pessoa e conta a história do menino David Copperfield, de sua infância até a juventude, sendo considerado por muitos críticos como o mais autobiográfico dos romances de Dickens por trazer conflitos semelhantes aos ocorridos na vida do próprio autor (SEHRAWAT, 2013). Por ser uma das mais populares obras de Dickens e um dos clássicos da literatura inglesa, *David Copperfield* ganhou diversas adaptações, dentre elas para o gênero de quadrinhos. A adaptação original para esse meio foi lançada pela Editora Gilberton, de Nova York, em 1948, integrante da coleção “Classics Illustrated” (nº 48), que traz adaptações de grandes clássicos da literatura mundial. Projetada por Albert Lewis Kanter em 1941, a coleção colaborou para o desenvolvimento e a valorização do gênero de quadrinhos, até então considerado nocivo a crianças e jovens (CIRNE, 2002). No Brasil, a importação de quadrinhos norte-americanos pelo jornalista Adolfo Aizen, em meados da década de 1930, é a responsável pela introdução das histórias em quadrinhos no país (ANSELMO, 1975). Em 1948 foi criada a coleção “Edição Maravilhosa”, lançada pela Editora EBAL (por sua vez, fundada em 1945 por Aizen), que trazia traduções dos títulos da “Classics Illustrated”. A tradução de *David Copperfield*, número 19 da “Edição Maravilhosa”, foi publicada pela primeira vez em janeiro de 1950. Desse modo, essa comunicação pretende demonstrar de que maneira foi realizada a tradução do quadrinho americano (em inglês) para a língua portuguesa, descrevendo as alterações formais e as principais estratégias e procedimentos tradutórios empregados nesse processo, bem como demais manipulações no nível dos balões, das legendas e dos paratextos verbais e visuais. Será utilizado como suporte teórico os trabalhos de Zanettin (2008), Eisner (1993) e Toury (1995), entre outros. Palavras-chave: Classics Illustrated; David Copperfield; Edição Maravilhosa; Quadrinhos.

## UMA REVISÃO DA TEORIA DO CONTO DE EDGAR ALLAN POE

Leandro Henrique Aparecido Valentin  
leandrovalentin1991@gmail.com

A crítica geralmente aponta como marco do surgimento da teoria do conto as três resenhas que Edgar Allan Poe fez de *Twice Told Tales*, de Nathaniel Hawthorne, e publicou entre 1842 e 1847. Nelas, Poe defende a ideia de que existe uma relação entre a extensão de um texto e o efeito que ele suscita no leitor. Em linhas gerais, ele argumenta que textos breves, que podem ser lidos em uma só assentada, sem pausas ou interrupções, propiciam a construção de uma unidade de efeito ou de impressão, ideia esta que ele retoma em outros ensaios, como “A filosofia da composição”. Neste trabalho, apresentamos as principais ideias da teoria de Poe e questionamos o

dogmatismo que parte da crítica literária atribui a ele. Reconhecemos que Poe não tem por objetivo a produção de uma definição do conto, muito menos se propõe a desenvolver um estudo sistemático acerca de suas características fundamentais enquanto gênero literário nas referidas resenhas. Isso posto, defendemos que a noção de unidade de efeito precisa ser discutida a partir da leitura de um conjunto mais amplo dos textos críticos de Poe para além das três referidas resenhas, algo que já havia sido apontado pela crítica norte-americana no início do século XX. Concluímos que Poe não defende que a unidade de efeito seja o elemento definidor do gênero conto, mas algo que confere qualidade ao texto literário.

Palavras-chave: Crítica literária; Edgar Allan Poe; Teoria do conto.

## A QUESTÃO MORAL COMO UM DOS ENTRAVES POLÍTICOS NO CONTEXTO MOÇAMBICANO

Bruna Flávia Rodrigues Venancio  
bruna.f.venancio@gmail.com

O trabalho proposto tem o objetivo de demonstrar, a partir das ideias de Nietzsche em "A genealogia da moral - uma polêmica" (1998), como uma ideia de moral assimilada da cultura europeia e de base cristã, sobretudo a que diz respeito ao ascetismo e a definição de bem e mal, pode ter se tornado um dos entraves para o desenvolvimento da nação moçambicana. No romance *Terra sonâmbula* (2016), do escritor Mia Couto, quando o personagem Kindzu chega à vila de Matimati, identifica atritos entre a população e o corpo político, os chamados "administradores" do povoado. Esses conflitos dizem respeito à distribuição de donativos, mas também a desconfianças sobre a idoneidade desses homens públicos. Os administradores, por sua vez, se propõem a investigar o que chamam de "inimigos do povo", mas não deixam claro quem são esses inimigos. Tal episódio ecoa de uma fala de um dos presidentes de Moçambique, Samora Machel, que, de acordo com Macagno no artigo "Fragmentos de uma imaginação nacional" (2009), discursou sobre a importância de combater inimigos internos, deixando transparecer uma visão deturpada em relação ao povo moçambicano - de preguiçosos, bêbados e "atravancadores" da nação. Nossa proposta é mostrar o quanto esse tipo de discurso tem como propósito justificar a desigualdade e a miséria da população e não buscar, de fato, soluções práticas que sejam resultado de políticas públicas mais justas.

Palavras-chave: Moral; Mia Couto; *Terra sonâmbula*.

## O DUPLO NA PERSPECTIVA DO FANTÁSTICO EM "LEJANA", DE JULIO CORTÁZAR

Suelen Marcellino de Amorim Viegas  
suelendeamorim@yahoo.com.br

Tema antigo na literatura ocidental e que passou a ser recorrente no Romantismo, a origem do duplo na literatura foi a busca pela identidade do indivíduo, a necessidade de conhecer a si mesmo, o que ultrapassaria conhecer um outro que tivesse, simplesmente,

a mesma aparência física. Ademais, o duplo é um tema enigmático por excelência e ocupa um lugar importante como tema do fantástico, este desestabiliza o mundo que conhecemos e o que conhecemos de nós mesmos confrontando o real e o impossível. Observando as raízes do duplo, este apresenta-se de distintas formas, todas intrigantes a seu modo, sendo os sentimentos e as relações entre os duplos bem variadas. Neste trabalho, propomos uma análise do conto “Lejana”, do escritor argentino Julio Cortázar. Neste conto, Alina Reyes relata em seu diário uma experiência na qual ela sente que tem uma vida em outro lugar. O enfrentamento entre o “eu” (Alina Reyes) e o duplo ocorre nos momentos finais do conto. Para a análise, são feitas considerações sobre o duplo, o fantástico e recursos narrativos. Como duplo e fantástico se associam? Essa é uma das questões consideradas no desenvolvimento deste trabalho, com suporte teórico em Herrero Cecilia (2011), Julio Cortázar (1974), Martín López (2006) e Roas (2011).  
Palavras-chave: Conto; Duplo; Fantástico.

## DOIS ROMANCES SOBRE POLÍTICA ECONÔMICA: *O ENCILHAMENTO E UM INVEJADO*

Norma Wimmer  
normawimmerbilce@gmail.com

Encilhamento foi o nome através do qual ficou conhecida a crise financeira ocorrida nos anos 1890, muito próxima, portanto, ao ano da proclamação da república, com a qual acabou sendo identificada. A política econômica conduzida, então, pelo ministro da fazenda Rui Barbosa, pretendeu favorecer o desenvolvimento industrial do país através da criação de inúmeras sociedades de capital aberto; estas negociavam com o público, na Bolsa de Valores, ações que deveriam aumentar o capital do investidor. O Governo também garantiu a liberação de créditos bancários e a emissão de papel-moeda sem lastro. A estes fatores foram ainda acrescentados outros que só poderiam gerar uma crise: fraudes, desvalorização da moeda, aumento da dívida pública. A palavra encilhamento foi tomada ao turfe e correspondia ao momento em que os cavalos eram preparados para correr; risco semelhante àqueles enfrentados, em busca da vitória, pelos cavalos, ocorria nas atividades de especulação financeira, através das quais apresentavam-se, ao investidor, possibilidades de obtenção de enormes ganhos ou então, de perdas, às vezes irreparáveis. Em 1893, sob o pseudônimo Heitor Malheiros, o monarquista Taunay publicou, na Gazeta de Notícias, como folhetim, *O Encilhamento*. Cenas contemporâneas da Bolsa em 1890, 1891 e 1892. O tema do “roman à clé” é justamente a denúncia dos desastres provocados pela política econômica da Primeira República. Outro monarquista na república, Affonso Celso, também retoma o tema do enriquecimento através de investimentos bem colocados na Bolsa de Valores em seu “romance nacional” *Um Invejado*, publicado no Rio de Janeiro, em 1895. O objetivo da comunicação a ser apresentada é o de verificar a maneira como os dois autores, Taunay e Affonso Celso, transferem para o literário, os reflexos sociais de um momento e circunstâncias bastante específicas da história da economia brasileira.  
Palavras-chave: Affonso Celso; *O Encilhamento*; Taunay; *Um Invejado*.

IMAGENS DA TORTURA E DA VIOLÊNCIA NA OBRA *MILAGRE NA CELA*, DE

JORGE ANDRADE

Gustavo Zambrano  
guzambrano@hotmail.com

O ano de 1977 marca o retorno de Jorge Andrade ao teatro com a criação da obra *Milagre na Cela*. Essa peça, diferentemente dos textos contidos em *Marta*, a *Árvore* e o *Relógio*, escritos entre os anos de 1951 e 1970 (FARIA, 1998, p. 144-145), não procura tematizar um passado histórico longínquo, mas um tempo presente em que o contexto da ditadura civil-militar brasileira e os horrores da repressão são apresentados aos leitores. Seu enredo aborda a prisão arbitrária e a tortura de uma religiosa por um delegado de polícia a serviço da repressão. Porém, apesar de ser escrita em um momento de abertura política a peça teatral do dramaturgo paulista foi censurada pelos órgãos de repressão. Sobre essa questão, Jorge Andrade, em entrevista no dia 13 julho de 1977 ao jornal Folha de São Paulo (AZEVEDO, 2012, p. 106), explicou que o seu desejo era fazer uma leitura pública da peça, mas que, ao enviar a obra para o departamento de censura, nunca obteve uma resposta. Além do mais, a atriz Miriam Mehler, que desejava levar a peça à cena, afirmava no mesmo artigo que dois censores haviam proibido a encenação da obra, e que um terceiro censor até aquela data não havia tomado posição. Somente no primeiro semestre de 1981, *Milagre na cela* foi liberada pela censura, sendo o espetáculo montado pelo grupo carioca conhecido como Grupo de Barr. A partir dessas considerações, essa comunicação tem como objetivo analisar e interpretar a peça teatral *Milagre na Cela*, observando o tema da tortura e da violência, além das questões estéticas e linguísticas que são fundamentais para o trabalho de interpretação.

Palavras-chave: Ditadura civil-militar; Jorge Andrade; Teatro Brasileiro; Violência.

## PAINÉIS

(Em ordem alfabética por sobrenome do autor)

### MACHADO DE ASSIS, A POESIA POR MEIO DA CORRESPONDÊNCIA

Julia Ledo de Almeida  
julialedoalmeida96@gmail.com

Nesta presente pesquisa, realizada com o auxílio do PIBIC - CNPq/ Reitoria, objetivamos verificar de que maneira a correspondência machadiana contribuiu para a reorganização das *Poesias Completas* (1901). A organização final dos poemas machadianos passou por reajustes, tais como acertos e mesmo supressões de poemas inteiros, como “As ventoinhas” e “Cleópatra”. Visto a extensão do corpus poético e epistolográfico de Machado de Assis, selecionamos os dois primeiros livros de poesia (Crisálidas, 1864; Falenas, 1870) e as cartas referentes aos anos dessas publicações.

Como a pesquisa encontra-se em andamento, escolhemos a obra *Crisálidas* (1864) e, consequentemente, as correspondências que se referem à esta obra. Portanto, utilizamos três materiais indispensáveis: a coletânea *Poesias Completas* (1901), a primeira obra de poesia do autor, intitulada *Crisálidas* (1864), estas duas para fins de comparação, e, por fim, a *Correspondência de Machado de Assis – Tomo I* (1860-1869). Após a leitura das cartas, catalogamos as passagens que faziam menção aos poemas presentes nas *Crisálidas* (1864) e, principalmente, aqueles que continuaram nas *Poesias Completas* (1901), no intuito de compreender os motivos pelos quais o poeta fluminense manteve alguns poemas e não outros. Além disso, foi possível encontrar nas correspondências informações relevantes sobre o trabalho de Machado de Assis como crítico e divulgador literário, uma vez que, mesmo tão jovem, o escritor estava inserido em uma teia de relações profissionais e pessoais, a qual permitia-lhe colocar autores em contato e exercer seu juízo crítico em relação as novidades literárias que iam surgindo. Palavras-chave: *Crisálidas*; Correspondência; Machado de Assis; Poesia; *Poesias Completas*;

### JACQUES, O FATALISTA: DO SÉRIO AO CÔMICO, DA LITERATURA À FILOSOFIA

Luca Barreiro Lopes de Almeida  
lucaunesp@gmail.com

Desde a literatura antiga, o cômico é utilizado como crítica à crise e até mesmo como uma proposição de mudança. Completamente compatível com esse processo crítico, ele, em conjunto com os seus procedimentos, foi por muito um dos poucos modos possíveis para o protesto contra decisões dos reis ou contra as perspectivas religiosas. Logo, o cômico que, inicialmente, era responsável por provocar risos, tornou-se mecanismo social que levava como pano de fundo um objetivo sério. Entre esses objetivos sérios e críticos, neste romance, como em muitas obras do séc. XVIII, nós nos deparamos com questionamentos filosóficos. O romance, em geral, tem a capacidade de abarcar diferentes gêneros em sua composição e os mais variados saberes. Em *Jacques, o fatalista*, a filosofia é parte integrante da composição romanesca, pois a personagem principal lida com inúmeras ideias filosóficas. Nesta composição diderotiana ocorre uma identificação entre as duas instâncias (filosófica e romanesca), que estão, ambas, por meio do humor, a serviço da elucidação das características humanas e da descrição compreensiva de como os homens vivem. Nela, o personagem, Jacques, é um indivíduo que coloca em “funcionamento” sua filosofia, da qual também é o próprio sujeito. Esse protagonista lida com suas ideologias de modo variável e, muitas vezes, elas se chocam com as situações por ele vivenciadas. Com isso, a realidade se manifesta pela ficção em que o personagem usa conceitos semelhantes aos tratados filosóficos. Entre esses conceitos, podemos observar o fatalismo (do qual Jacques é assumidamente adepto), o determinismo, o materialismo, o finalismo e o sensualismo. Logo, nesta obra, Diderot discute, com o auxílio do sério-cômico, as mais diversas questões morais e filosóficas (servindo-se de diversas influências, não somente filosóficas, como Rabelais, Richardson, Voltaire e Spinoza).

Palavras-chave: Diderot; Filosofia; Romance filosófico; Sátira.

## REFLEXÕES SOBRE A TRADUÇÃO DO LÉXICO TABU EM OBRAS DO PAR LINGUÍSTICO ESPANHOL-INGLÊS

Denise Bordin da Silva Antônio  
denise.bordin@hotmail.com

Considerando o léxico tabu como uma das manifestações das variedades linguísticas, elemento característico de todas as línguas naturais, esta apresentação visa analisar e discutir o uso desse tipo de léxico, normalmente censurado em algumas práticas tradutórias. Dessa forma, investigou-se a ocorrência, a atenuação ou o apagamento de unidades lexicais tabuizadas nas traduções de obras produzidas originalmente em espanhol e traduzidas para o inglês. As obras analisadas, *Los Mares del Sur* (1979), de Manuel Vázquez Montalbán e *La Casa de Papel* (2017), veiculada pela plataforma de streaming Netflix, foram escolhidas com o objetivo de realizar uma análise comparativa entre duas produções concebidas e traduzidas em contextos e épocas diferentes, visando observar a abordagem do léxico tabu no processo tradutório. Nesse sentido, foram examinados trechos de diálogos retirados do romance policial e da série, assim como das suas respectivas traduções. A análise a ser apresentada levou em consideração o questionamento sobre quais aspectos linguísticos, culturais e ideológicos possivelmente influenciam o processo de tradução no que diz respeito a esse tipo de léxico. Além disso, baseando-se em Orsi (2011), fizeram parte da análise, reflexões sobre o preconceito linguístico como um fator relevante para a marginalização que circunda o uso do léxico tabu sejam quais forem os contextos e, especialmente, no registro escrito. Palavras-chave: Léxico tabu; Língua espanhola, Língua Inglesa; Tradução.

## O ENSINO DA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NO ENSINO FUNDAMENTAL II POR MEIO DO MÉTODO RECEPCIONAL

Tamires Vieira Pinheiro de Castro  
ta.mires.castro@hotmail.com

Esta contribuição tem como objetivo apresentar uma proposta de intervenção pedagógica utilizando o Método Receptivo no 9º ano do Ensino Fundamental a partir de textos de autoria feminina, em especial a escritora Lygia Bojunga. Tal estudo apresenta um plano de trabalho voltado para o ensino de Literatura Brasileira. Para a fundamentação teórica baseou-se na *Estética da Recepção* (1979), de Hans Robert Jauss, enquanto as escolhas metodológicas foram embasadas no Método Receptivo, elaborado por Vera Teixeira de Aguiar e Maria da Glória Bordini (1993). A preferência por esse alicerce teórico está relacionada à importância que atribuem ao processo participativo do aluno/leitor no processo de aprendizagem. Dessa maneira, considera-se a valorização e a prática da leitura literária para o desenvolvimento de condições em sala de aula de modo que o aluno é transformado em um agente no processo de seu próprio aprendizado. A importância de abordar obras literárias de escrita feminina é indispensável para a formação do estudante visto que a prática nas aulas é praticamente

insignificante, em relação à participação masculina no cânone literário. Para a implementação da sequência didática foram utilizadas alguns gêneros textuais e o livro intitulado *Sapato de Salto* da escritora Lygia Bojunga. Além disso, a presente contribuição também pretende auxiliar professores a repensar e buscar melhorias em suas atividades pedagógicas.

Palavras-chave: Leitura; Literatura; Método recepcional.

## A MUSICALIDADE NA POESIA DE GILKA MACHADO

Caroline Buratti David  
caburatti@outlook.com

O presente trabalho, intitulado *Gilka Machado: a noite sob o olhar do panteísmo e do sublime*, financiado pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo) processo 2017/24951-5, a partir do prolongamento, propõe-se a analisar a série de nove sonetos enfeixados sob o título de “Noturnos”, parte integrante de *Cristais Partidos*, de Gilka Machado. Pretende-se analisar esses poemas exemplares de um gênero de poesia, classificado como “Noturno” e que busca analogia com um gênero de composição musical de mesmo nome difundido ao longo do século XIX. Buscar-se-á demonstrar que os “Noturnos” de Gilka Machado buscam evocar as impressões da noite e também a dicção sugestiva próxima da música, expressando a composição de seus quadros noturnos a partir de uma linguagem imagética misteriosa, constituinte de um plano de expressão regido por uma forma de sublime elíptico. A análise de tal aspecto visa promover ainda reflexões que demonstrem que a constituição dos “Noturnos” de Gilka Machado está relacionada a uma tradição que remete à analogia entre poesia e música, importante para constituição da estética romântica e cujas ressonâncias se fazem ver nas poesias simbolista e modernista. A metodologia, basilar para o estudo, é baseada nas seguintes referências bibliográficas: *O espelho e lâmpada*, de H. Abrams, *Message poétique du Symbolisme* (1947), de Guy de Michaud, *O Simbolismo* (2001), de Anna Balakian, *O romantismo e o belo musical* (2006), de Mário Videira, *Richard Wagner e a música como ideal romântico* (2009), de Roger Lisardo, *Metafísica do belo* (2006), de Schopenhauer, *Pequena história da música* (2015) e *Ensaio sobre a Música Brasileira* (1962), ambos de Mário de Andrade, *Lições sobre a analítica do sublime*, de Lyotard (1993), *O sublime romântico: psicologia e estrutura da transcendência*, de Thomas Weiskel (1994), “O sublime explicado às crianças” (Revista Trans/Form/Ação, Marília 2011) e *A obra aberta* (2001), de Umberto Eco.

Palavras-chave: Musicalidade; Poesia Brasileira; Simbolismo.

## THE GREAT GATSBY: UMA ANÁLISE SOBRE O SONHO AMERICANO E A ERA DO JAZZ

Ana Carolina Biscolla de Freitas  
anacarolbiscolla@gmail.com

Este trabalho analisou alguns aspectos da sociedade americana na década de 20 na obra *The Great Gatsby* de F. Scott Fitzgerald e teve por objetivos identificar a importância dada as personagens perante a construção de suas imagens; analisar como a instituição social buscava aprovações e estudar o fundamento da obra no contexto da sociedade urbana americana. Tomando as teorias de Sousa (2018), Padover (2018) e Pearson (2018), estudaram-se algumas características da era do jazz, da segregação racial da época e da construção dos Estados Unidos da América como potência político-econômica. Já baseado em Raleigh (1963) estudou-se as personagens, o papel do narrador e Fitzgerald como autor. O trabalho inicia-se com uma análise da personalidade principal do livro, Jay Gatsby, e segue ponderando sobre Nick Carraway; sobre a representatividade e o comportamento de Daisy Buchanan e Tom Buchanan; e, por fim, sobre o *american way of life*. Por fim, ao unir tais perspectivas, conclui-se que a obra é um reflexo da década de 20 e trata das hipocrisias e das relações de poder, visto que o enredo e as personagens são construídas através da observação de outra personalidade dentro da obra.

Palavras-chave: Década de 20; Fitzgerald; Gatsby; Jazz.

## A NOÇÃO DE AUTONOMIA ESTÉTICA: UM MÉTODO DE CRÍTICA CULTURAL

Gizele Medeiros do Nascimento  
gizelemn@gmail.com

Theodor Adorno se insere, em conjunto com outros autores da Teoria Crítica, no debate da cultura no século XX. A partir das teorizações, o autor cunha o conceito “autonomia estética” das obras de arte, que consiste em entendê-las enquanto realidades particulares que possuem sua lógica interna. Essa estrutura interna conhecida como “forma” é relativamente independente da estrutura histórico-social. A proposta é analisar a estrutura sem incutir elementos extraestéticos. O filósofo, em sua teoria estética, advoga fundamental a compreensão da forma para que seja possível capturar o depoimento histórico de uma arte. Adorno entende, assim como Lukács, o romance enquanto gênero moderno, que seria pautado no empreendimento da subjetividade. Mas a leitura de Adorno radicaliza o ideal de “arte engajada” da estética marxista, quando faz a defesa de autores como Kafka e Beckett. Uma obra demasiadamente subjetiva em tempos totalitários, para Adorno, tem extremo valor político. Por se constituir enquanto um Outro, a obra, através da sua lógica interna, pode oferecer a possibilidade de vislumbrarmos a emergência de novas formas de sociabilidade, através do estranhamento com a realidade hostil. Hebert Marcuse fala da “sublimação estética”, que é, ao mesmo tempo, estilização do conteúdo social com o acréscimo da invalidação dos valores dominantes da sociedade e suas instituições. Em outras palavras, a obra que busque uma autonomia não pode fazer apologia ao status quo. Essas análises feitas por Adorno operam através de ensaios, entre eles, “Anotações sobre Kafka” e “Aldous Huxley e a Utopia”, localizados na coletânea *Prismas: Crítica Cultural e Sociedade*. Os ensaios acerca de obras de literatura evidenciam o método utilizado por Adorno para entender a relação arte e crítica social.

Palavras-chave: Autonomia Estética; Estética; Romance; Modernidade; Theodor

Adorno.

## REALISMO E REALIDADE, EM BALZAC, FLAUBERT E JOYCE

Hêmille Raquel Santos Perdigão  
hrsperdigao@yahoo.com.br

O presente trabalho parte da leitura dos romances *Le Père Goriot*, *Madame Bovary* e *A Portrait of the Artist as a Young Man*, dos autores Honoré de Balzac, Gustave Flaubert e James Joyce, respectivamente, tendo em vista os conceitos de forma e função tratados nos textos dos formalistas russos Chklovski e Tynianov. Foram identificadas formas símiles nos três romances, as quais apresentam funções distintas nos romances de Balzac e Flaubert, embora estejam estes agrupados na mesma série literária do Realismo. Já as formas símiles encontradas na leitura comparativa dos romances de Flaubert e Joyce apresentam a mesma função, embora estejam eles agrupados em séries literárias diferentes, a saber Realismo e Simbolismo. Foi discutido, então, o fato de as formas símiles apresentarem funções distintas, quando tomados para comparação os romances agrupados na mesma série literária, ao passo que as formas símiles apresentam a mesma função, quando comparados os romances agrupados em diferentes séries literárias. Entra, então, a discussão do agrupamento de Joyce à série literária do Simbolismo, defendida por Edmund Wilson em sua obra *O Castelo de Axel* e o agrupamento de Flaubert ao Realismo. Por outro lado, o presente trabalho não objetiva revogar as classificações de Flaubert e Balzac como realistas e de Joyce como simbolista, tentando, inclusive, explaná-las, para além das disparidades de forma e função supracitadas. Para tal fim, foram utilizados os escritos de Roman Jakobson acerca da afasia. A partir disso, foram identificadas as metonímias e metáforas nos romances de Flaubert, Balzac e Joyce que aproximam os franceses e os distanciam do Simbolismo de Joyce, rico em metáforas. Obteve-se, assim, um detalhado estudo dos três romances canônicos pautado em relevantes textos de Chklovski, Tynianov, Jakobson e Wilson.

Palavras-chave: Forma; Função; Realismo; Simbolismo.

## AS MULHERES HEREGES DE INGLÊS DE SOUSA: UM ESTUDO SOBRE AS FEITICEIRAS DOS *CONTOS AMAZÔNICOS*

Leandra Francieli Silva dos Santos  
lefrancieli\_silva@hotmail.com

Essa pesquisa tem como objetivo estudar o livro *Contos amazônicos*, de Inglês de Sousa, enfocando principalmente as mulheres consideradas hereges como as feiticeiras, as loucas e as endemoniadas. Nessa primeira etapa de nossos estudos, iremos privilegiar o conto intitulado “A feiticeira”, cuja personagem Maria Mucoim representaria o imaginário popular da bruxa de feições disformes e pactuária do demônio, a qual deveria ser punida por um inquisidor severo. Defendemos que a estrutura do conto com seus personagens regionalistas, além de desenvolver as lutas políticas e sociais vividas no século XIX, na parte norte do Brasil, também mostra a influência católica sobre a

região, evocando os resquícios da Inquisição portuguesa do século XVIII. Para uma melhor análise do conto “A feiticeira”, pautaremos nossas reflexões nos teóricos que se debruçaram sobre a obra de Inglês de Sousa, como Dionne Seabra de Freitas e Sylvia Paixão. Pautaremos nossas reflexões sobre a Inquisição, nos estudos de Anita Novinsky principalmente em sua obra *A Inquisição*. Já no que diz respeito ao estudo das heresias nos guiaremos pela obra *O martelo das feiticeiras*, de Kramer e Sprenger. No que tange às questões da feitiçaria e das bruxas nos apoiaremos nos estudos de Jean Delumau, em seu livro *História do medo no Ocidente*, em Carlo Guinzburg, em sua obra *História noturna: decifrando o sabá* e em *A feiticeira*, de Jules Michelet.

Palavras-chave: Feiticeira; Herege; Inquisição.

## UM ESTUDO DA VIOLÊNCIA EM *O ASNO DE OURO*, DE APULEIO

Vinícius Medeiros dos Santos  
vinicius\_medeiros2@hotmail.com

O objetivo deste trabalho (processo: 2018/19938-2 FAPESP) é analisar, à luz de Arendt (*Da violência*), Baudrillard (*La transparencia del mal*), Garrafoli (*Bandidos e Salteadores*) e Michaud (*A violência*), a expressão da violência na obra antiga latina *O asno de ouro*, do autor romano Apuleio, produzida em meados do século II d.C. A investigação dessa temática organiza-se em torno de duas instâncias, tanto da história principal, narrada pelo narrador Lúcio durante suas viagens quanto das histórias intercaladas, narradas por variados narradores. Por meio dessa análise, busca-se conferir e evidenciar os modos pelos quais esse fenômeno manifesta-se desde a Antiguidade, pois, muito embora o século XX seja considerado o século da violência, de acordo com Arendt (1969), evidentemente as suas múltiplas formas já eram conhecidas e praticadas pelos antigos. Nossa metodologia orienta-se pelo estudo do gênero romance grego e romano na Antiguidade, de modo geral, e do romance *O asno de ouro*, com sua ambiência e sua estrutura, de modo particular. Os resultados até aqui indicam como a violência é expressa sob diversas óticas, como a interpessoal, a social, a sexual, a política, a psicológica, entre outras, e como ela perpassa essa obra cuja significação é de muita relevância cultural, sobretudo literária, pois é um dos textos que fundam o romance antigo romano e, portanto, em estreita relação com o romance moderno.

Palavras-chave: Apuleio; Recepção dos clássicos; Romance antigo; Violência.

## CAPITÃES DA AREIA SOB A PERSPECTIVA DOS DIREITOS HUMANOS

Cássia Tomé dos Santos Silva  
cassiameg@gmail.com

O livro *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, foi publicado em 1937, durante o Estado Novo de Getúlio Vargas. Apesar de haver um projeto de nacional-desenvolvimentismo, havia também autorizações para prisões políticas, torturas e censuras. Assim, os direitos sociais eram parcialmente garantidos à população brasileira. Na obra de Jorge Amado, percebe-se a falha de políticas públicas sob responsabilidade do Estado e a colaboração de uma sociedade civil organizada voltadas para crianças e adolescentes. Nesse período

da narrativa, nem a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (1948) tinha sido proclamada e nem o *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA – 1990) em estava vigor. Por isso, é notável a invisibilidade dos capitães da areia enquanto sujeitos de direitos. Por outro lado, a maneira como o cotidiano daquelas crianças e adolescentes é retratado tem por objetivo mostrar outra realidade, diferente da perspectiva da polícia, do diretor do reformatório para “menores” e da classe socioeconômica média, o que leva a despertar um sentimento de empatia no leitor. Embora a história de *Capitães da Areia* seja retratada nos anos 30, em 2019 é possível fazer muitos paralelos com a situação de miséria, com a marginalização e criminalização de algumas camadas sociais, com o preconceito e, principalmente, com a não aplicação dos direitos fundamentais nas ordens dos direitos civis e políticos, econômicos, sociais e culturais e a uma nova ordem internacional. Diante de temas como preconceito, religião, torturas, sonhos, inseguranças e liberdade, mesmo em realidades sociais diferentes, é importante que o leitor veja que os Direitos Humanos reconhecem a dignidade e liberdade para todos os seres humanos. E, portanto, busque pensar e agir por uma sociedade mais digna atualmente, para que os direitos cheguem a todas as camadas sociais, segmentos etários e culturais e a uma nova ordem internacional.

Palavras-chave: Direitos Humanos; Literatura como Direito.

#### ANÁLISE DOS VOCÁBULOS DE MAIOR CHAVICIDADE NO CONTO “A QUINTA HISTÓRIA”, DE CLARICE LISPECTOR, TRADUZIDO PARA AS LÍNGUAS INGLESA E ESPANHOLA

João Vitor de Paula Souza  
jojo.vsouza@gmail.com

Neste trabalho, analisamos o conto “A quinta história”, de Clarice Lispector, bem como suas traduções “The fifth story” e “La quinta história” para as línguas inglesa e espanhola, respectivamente. O conto, narrado em primeira pessoa, ora do singular, ora do plural, conta uma sucessão de histórias que começam do mesmo modo e sofrem desdobramentos diversos e, por vezes, imprevisíveis. O que conecta as histórias é a queixa da narradora-personagem a respeito de uma infestação de baratas e a elaboração de uma infalível receita para matá-las: farinha, açúcar e gesso, misturados em partes iguais. Os desdobramentos no enredo das histórias criam efeitos de sentido cada vez mais densos nos quais se pode observar uma espécie de sadismo no ato criminoso de matar baratas, que aparece de maneira banalizada. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi explorar alguns aspectos relativos ao léxico literário, bem como refletir sobre a literatura brasileira traduzida no exterior. Nosso arcabouço teórico-metodológico recorre à Linguística de Corpus, como sugerido em importantes trabalhos de Berber Sardinha (2004) e Baker (1993, 1995, 1996, 2004), por meio de abordagem descritiva que considera dados qualitativos e quantitativos como relevantes, no sentido de se estabelecer uma leitura crítico-comparativa entre o Texto de Partida (TP) e seus Textos de Chegada (TCs). Deste modo, partindo dos dados extraídos pelo programa WordSmith Tools, analisamos o papel simbólico do mal na narrativa selecionada, representado pela figura das baratas e traçamos um paralelo com a obra clariceana no geral. Para este fim, selecionamos trechos expressivos ao longo das cinco histórias. Neste momento, nos valemos de trabalhos de Oliveira (1985), Amaral (2001),

Rosenbaum (2006), Moser (2009) e Moreira (2011), pesquisadores da literatura clariceana. Os resultados obtidos apontam para a fomentação de leituras distintas nos TCs, propiciadas pelo emprego do léxico via tradução.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Estudos da Tradução; Linguística Aplicada.

## A ARTE NO CONTEXTO POLÍTICO ATUAL, A EXECUÇÃO DA LITERATURA NA SOCIEDADE

Drielle Naomy da Silva Taha  
drielle.kim@hotmail.com

O presente trabalho aborda a literatura em seu estado audiovisual e prático. A literatura sempre foi alvo de ataques por todos os governos autoritários, por todo o globo, entretanto, no Brasil, após a promulgação da Carta Magna de 1988, estamos vivendo o clímax histórico, nunca antes nessas poucas décadas de tentativa de democracia esses ataques foram tão explícitos, desde os discursos da maioria dos presidentes, até a efetivação do eleito, este, o mais extremo neste sentido. A situação daqueles que não obedecem à risca o padrão pré-estabelecido de cidadão normativo, se antes (o que seria, em palavras mais precisas, desde sempre) já se encontravam em situação crítica, atualmente, os discursos não são mais velados, muito pelo contrário, são extremamente vangloriados e ratificados pelo atual chefe do executivo. O presente estudo correlacionará a artista Carol Conka, mulher, negra, cantora e uma de suas músicas com o atual cenário político nacional, principalmente no que competem as minorias. Trabalhando esta forma de arte com o contexto político atual, serão estudados os polos em que a literatura atinge o cidadão comum e o quanto ela é importante para combater as injustiças, bem como para a forma de desenvolvimento da cultura e de cada região. O feminismo e a importância das mulheres no combate ao fascismo.

Palavras-chave: Arte; Carol Conka; Fascismo; Feminismo; Literatura; Política brasileira.